



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Eliéte Ribeiro Almeida

***Framework* para programas de competência em informação no ambiente  
universitário: uma proposta para o Sistema Integrado de Bibliotecas da  
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)**

Vitória  
2023

ELIÉTE RIBEIRO ALMEIDA

***Framework* para programas de competência em informação no ambiente universitário: uma proposta para o Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

**Linha de Pesquisa:** Linha 1 - Cultura, Mediação e Uso da Informação.

**Orientadora:** Profa. Dra. Marta Leandro da Mata.

Vitória  
2023

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de  
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

A447f Almeida, Eliéte Ribeiro, 1971-  
Framework para programas de competência em informação  
no ambiente universitário : uma proposta para o Sistema  
Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal do Espírito  
Santo (Ufes) / Eliéte Ribeiro Almeida. - 2023.  
181 f. : il.

Orientadora: Marta Leandro da Mata.  
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) -  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências  
Jurídicas e Econômicas.

I. Competência em informação. 2. Bibliotecas  
universitárias. 3. Bibliotecários. I. Mata, Marta Leandro da. II.  
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências  
Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 001

---

**ELIETE REIBEIRO ALMEIDA**

**FRAMEWORK PARA PROGRAMAS DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NO  
AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: UMA PROPOSTA PARA O SISTEMA INTEGRADO  
DE BIBLIOTECAS DA UFES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGCI/UFES) como requisito para a obtenção do título de Mestra em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa 1: Cultura, Mediação e Uso da Informação.

Aprovada em 22 de março de 2023.

Documento assinado digitalmente  
 MARTA LEANDRO DA MATA  
Data: 03/04/2023 17:32:25-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

[assinatura digital]

**Profa. Dra. Marta Leandro da Mata**  
Orientadora  
PPGCI/UFES

[assinatura digital]

**Profa. Dra. Meri Nadia Marques Gerlin**  
PPGCI/UFES

[assinatura digital]

**Profa. Dra. Adriana Rosecler Alcará  
Engelmann**  
PPGCI/UJEL

Documento assinado digitalmente  
 ADRIANA ROSECLER ALCARA ENGELMANN  
Data: 04/04/2023 09:37:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
MERI NADIA MARQUES GERLIN - SIAPE 2499096  
Departamento de Biblioteconomia - DB/CCJE  
Em 19/04/2023 às 10:20

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/693871?tipoArquivo=O>

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço a Deus pelo amparo e proteção, sem Ele eu não teria conseguido concluir essa jornada de muito aprendizado e superação de limites físicos e intelectuais.*

*Obrigada, meu Deus, pela Tua luz, Teu amparo e amor infinito, não há palavras que possam ilustrar a minha gratidão e emoção.*

Agradeço à minha mãe e ao meu pai pela vida, pelo exemplo e por todo amor dedicado à nossa família, aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos pela alegria de suas presenças na minha vida.

Agradeço ao meu amor, muita gratidão pelo apoio e incentivo.

Agradeço a todos que foram importantes para que eu conseguisse chegar até aqui:

A minha orientadora, Professora Dra. Marta Leandro da Mata, pelos ensinamentos e tempo dedicado;

A banca de defesa, pela disponibilidade e contribuições com meu trabalho:

Professora Dra. Adriana Alcará;

Professora Dra. Meri Nádia Gerlin;

Professora Dra. Gleice Pereira; e

Professora Dra. Camila Araújo Santos.

*A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como responder a cada um. (PAULO; COLOSSENSES, 4:6)*

## RESUMO

A competência em informação (CoInfo) é essencial para o ensino e para o aprendizado dos estudantes, e seu surgimento coincide com o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), as quais têm influenciado e impulsionado muitas mudanças na sociedade, inclusive melhorias no campo educacional, nas condições de ensino e aprendizagem. O desenvolvimento dessa competência auxilia no aprimoramento de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas à descoberta reflexiva da informação, seu uso e sua disseminação de forma ética e responsável. A realização de programas dessa natureza nas bibliotecas universitárias deve ser uma atividade planejada e preferencialmente institucionalizada, fazendo parte do plano de ensino da instituição, de forma a incluir todos os níveis do percurso estudantil. O problema desta pesquisa é pautado em entender como a elaboração de um *Framework* para o desenvolvimento da competência em informação na educação superior pode auxiliar na estruturação das ações de educativas desenvolvidas em bibliotecas universitárias, tendo como universo a Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo (BC/Ufes). Para tanto, o objetivo geral foi elaborar um *Framework* para a estruturação de um programa de competência em informação no âmbito das bibliotecas universitárias, com base nas teorias da *Association of College and Research Libraries* (ACRL, 2016) e de Santos (2020), a fim de, especificamente: a) contextualizar o cenário institucional da Biblioteca Central enquanto coordenadora do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes (SIB/Ufes); b) verificar o conhecimento e a percepção dos bibliotecários em relação aos fundamentos e às práticas da competência em informação; c) mapear as ações e os serviços oferecidos pela Biblioteca Central que se relacionam com os pressupostos da competência em informação; d) averiguar os conteúdos referentes à competência em informação oferecidos nos cursos da Biblioteca Central, em consonância com o ACRL (2016) e com as dimensões de Vitorino e Piantola (2011). Realizou-se uma pesquisa do tipo descritivo-exploratória de abordagem qualitativa, com um levantamento bibliográfico preliminar, estudo de caso e análise de conteúdo (Bardin, 2009). Além disso, foram utilizadas com suporte a pesquisa documental, o questionário semiestruturado, a entrevista semiestruturada e a

observação participante. A partir da pesquisa documental, contextualizou-se o cenário institucional da BC/Ufes, descrevendo suas características e as ações educativas oferecidas. Com a aplicação do questionário, verificou-se que os bibliotecários, de modo geral, demonstram ter conhecimentos satisfatórios relativos à competência em informação, porém há uma lacuna com relação à prática da avaliação e da divulgação dessa competência. Na entrevista, foi possível constatar que são efetuadas várias ações educativas relativas à ColInfo na biblioteca, no entanto, não existe uma prática institucionalizada. Na observação participante, foi averiguado que as ações realizadas comportam conteúdos que privilegiam a dimensão técnica e ética, mas são denotados componentes de outras dimensões (VITORINO; PIANTOLA, 2011) e de aspectos relativos às práticas de conhecimento da ACRL (2016). Por fim, elaborou-se o *Framework em três níveis para bibliotecas universitárias*, em contribuição com a prática da competência em informação, oferecendo a bibliotecários, profissionais da informação, gestores e docentes subsídios para: *planejar para institucionalizar, planejar para educar e planejar para aprender*.

**Palavras-chave:** Competência em informação; bibliotecas universitárias; bibliotecários.

## ABSTRACT

Information Literacy (IL) is essential for student teaching and learning, its emergence coincides with the advancement of Information and Communication Technologies (ICT) that influenced and drove many changes in society, including improvements in the educational field, the teaching and learning conditions. The development of this competence helps to improve knowledge, skills and attitudes related to the reflective discovery of information, its use and its dissemination in an ethical and responsible way. Carrying out programs of this nature in university libraries should be a planned and preferably institutionalized activity, forming part of the institution's teaching plan, in order to include all levels of student path. The problem of this research is based on understanding how the elaboration of a Framework for the development of information literacy in higher education can help in the structuring of educational actions developed in university libraries, having as universe the Central Library of the Federal University of Espírito Santo (BC/Ufes). Therefore, the overall objective was to develop a Framework for structuring an information literacy program within university libraries, based on the theories of the Association of College and Research Libraries (ACRL, 2016) and Santos (2020), the in order to specifically: a) contextualize the institutional scenario of the Central Library as coordinator of the Ufes Integrated Library System (SIB/Ufes); b) to verify the knowledge and perception of librarians in relation to the foundations and practices of Information Literacy; c) mapping the actions and services offered by the Central Library that are related to Information Literacy budgets; d) verify the contents related to the Information Literacy offered in the courses of the Central Library, according to the ACRL (2016) and with the dimensions of Vitorino and Piantola (2011). Thus, a descriptive-exploratory research with a qualitative approach was carried out, with preliminary bibliographic survey, case study and content analysis (Bardin, 2009). In addition, documentary research, questionnaire survey, interview and participant observation were used as support. Based on documentary research, the institutional scenario of BC/Ufes was contextualized, describing its characteristics and the educational activities offered. With the application of the questionnaire, it was demonstrated that librarians, in general, demonstrated satisfactory knowledge related to

Informational Literacy, but there is a gap in relation to the practice of evaluating and disseminating this competence. In the interview, it was possible to verify that several educational actions related to Information Literacy are carried out in the library, however, there is no institutionalized practice. In the participant observation, it was verified that the actions carried out include contents that privilege the technical and ethical dimension, but are denoted components of other dimensions (VITORINO; PIANTOLA, 2011) and of aspects related to the knowledge practices of the ACRL (2016). Finally, a three-level framework for university libraries has been developed as a contribution to the practice of Information Literacy, offering librarians, information professionals, managers and teachers aids for: a plan to institutionalize, a plan to educate and a plan to learn.

**Keywords:** Information literacy; university libraries; librarians.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abecin	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
ACRL	<i>Association of College &amp; Research Libraries</i>
ALA	<i>American Library Association</i>
Ancib	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
ANZIIL	<i>Australian and New Zealand Information Literacy Framework</i>
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
Brapci	Bases de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação
CCJE	Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
CEP	Conselho de Ética e Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CUn	Conselho Universitário
EAD	Educação a Distância
Febab	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários
IFLA	<i>International Federation of Library Association and Institutions</i>
Ibict	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IES	Instituição de Ensino Superior
PDCIAV	Programa de Desenvolvimento de Competências Informacionais em Ambiente Virtual
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
Proaes	Programa de Assistência Estudantil
PRPPG	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
RiUfes	Repositório Institucional Ufes
SCONUL	<i>Society of College, National and University Libraries</i>
SIB	Sistema Integrado de Bibliotecas
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

TIC Tecnologia da Informação e Comunicação  
Ufes Universidade Federal do Espírito Santo  
UnB Universidade de Brasília  
UNESCO *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>A EVOLUÇÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO</b> .....	<b>22</b>
2.1	PARÂMETROS PARA PROGRAMAS DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	28
2.2	A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NO BRASIL.....	41
2.3	BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, BIBLIOTECÁRIOS E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO .....	52
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>63</b>
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	63
3.2	FASES DA PESQUISA .....	64
3.3	UNIVERSO DA PESQUISA .....	65
3.4	COLETA E FORMA DE ANÁLISE DE DADOS.....	66
3.5	A PESQUISA DOCUMENTAL .....	67
<b>3.5.1</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO INSTITUCIONAL</b> .....	<b>67</b>
<b>3.5.2</b>	<b>SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS (SIB/UFES)</b> .....	<b>68</b>
3.6	O QUESTIONÁRIO.....	73
3.7	A ENTREVISTA .....	75
3.8	A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	78
3.9	<i>WORKSHOP</i> SOBRE A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO .....	80
3.10	FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	81
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	<b>84</b>
4.1	RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA DOCUMENTAL.....	84
4.2	RESULTADO DA ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO .....	93
<b>4.2.1</b>	<b>Fundamentos da competência em informação</b> .....	<b>93</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Práticas da competência em informação</b> .....	<b>99</b>
<b>4.2.3</b>	<b>Perfil do bibliotecário</b> .....	<b>110</b>
4.3	RESULTADO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....	117
<b>4.3.1</b>	<b>Fundamentos da competência em informação</b> .....	<b>118</b>
<b>4.3.2</b>	<b>Práticas da competência em informação</b> .....	<b>128</b>

<b>4.3.3 Perfil do bibliotecário .....</b>	<b>136</b>
<b>4.4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE .....</b>	<b>142</b>
<b>4.4.1 Observação participante I: Currículo <i>Lattes</i> .....</b>	<b>142</b>
<b>4.4.2 Observação participante II: Pesquisa acadêmica em seis fases.....</b>	<b>143</b>
<b>4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS DO ESTUDO DE CASO.....</b>	<b>148</b>
<b>5 <i>FRAMEWORK</i> PARA BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS .....</b>	<b>152</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>160</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>166</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>175</b>
<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>179</b>
<b>APÊNDICE C .....</b>	<b>180</b>
<b>APÊNDICE D .....</b>	<b>181</b>
<b>APÊNDICE E .....</b>	<b>182</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A informação facilita a tomada de decisão nas questões práticas do cotidiano, na resolução de problemas inerentes ao campo profissional e nas tarefas educacionais, contribuindo para o desenvolvimento científico e tecnológico, de forma a impulsionar a sociedade como um todo. A informação é definida por Le Coadic (2004) como um conhecimento registrado em um meio material, analógico ou digital, que possui um sentido lógico e inteligível. Segundo o autor, ela é vital para a ciência, pois sem ela não há produção de conhecimento e não há ciência.

A quantidade de informações produzidas diariamente é gigantesca e perpassa as barreiras físicas e temporais. Para não se perder no emaranhado informacional, é necessário ter conhecimentos específicos para utilizar os diferentes suportes analógicos e tecnológicos, além de utilizar habilidades para escolher os meios mais adequados para selecionar e avaliar as fontes informacionais e seus conteúdos.

O fenômeno da explosão informacional já era citado por ocasião da emergência tecnológica, no período após a Segunda Guerra Mundial, em meados da década de 1940. Para Saracevic (1996, p. 42), "[...] o imperativo tecnológico está impondo a transformação da sociedade moderna em sociedade da informação, era da informação ou sociedade pós-industrial". De acordo com o autor, o desenvolvimento científico e tecnológico contribuiu para o aumento da produção de informação, que passou a ser vista como um insumo para o desenvolvimento econômico. Nesse contexto, a produção, organização e comunicação da informação de maneira ética e eficiente, facilita o processo de recuperação e conduz ao conhecimento e ao avanço da ciência e da tecnologia.

Por outro lado, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) têm grande influência no processamento, na disseminação da informação e na geração de conhecimento. No cenário atual, as tecnologias contribuem para o vertiginoso crescimento dos estoques de informação que transcendem a capacidade de armazenamento e de disseminação, requerem novas aptidões e habilidades para que haja o acesso eficiente e o uso criativo das informações disponíveis (BELLUZZO; FERES, 2016). Dessa forma, é possível acessar enormes fluxos de informação por

meio das redes de computadores, mediante a conexão com a internet e a habilidade para lidar com essa tecnologia.

Belluzzo (2017) afirma que a principal característica da era da informação e do conhecimento é a de não existir mais barreiras no tempo e no espaço para o acesso ao conhecimento. Dessa maneira, as pessoas precisam reconfigurar suas capacidades e habilidades para acessar e usar as informações necessárias nos vários aspectos da sua vida social e profissional e na manutenção do aprendizado constante ao longo de toda a vida.

No contexto da sociedade contemporânea, torna-se imperativo adaptar-se às frequentes mudanças tecnológicas, que demandam por atualizações frequentes, critério de seleção e bom senso na utilização, que são elementos centrais para uma conduta ética no acesso, no uso e na produção de mais informações de maneira responsável. Por outro lado, são vários os desafios enfrentados por conta do excesso de informação e da fluidez espaço-temporal. Dentre eles, está a ansiedade que a quantidade de informação disponível pode causar ao indivíduo (BELLUZZO; FERES, 2016).

Consequentemente, saber encontrar e usar as informações disponíveis pode minimizar essa ansiedade, uma vez que sujeitos competentes em informação sabem solucionar seus problemas de informação, são conscientes de suas necessidades e capazes de usar adequadamente as informações encontradas (PEREIRA, 2015). Tais capacidades são passíveis de serem desenvolvidas por meio de cursos ou ações que preparem o sujeito para lidar com o ambiente informacional.

Na perspectiva de Bruce (2003), é necessário prover formação aos estudantes de diversas formas, para que eles possam refletir sobre suas experiências e serem capazes pensar sobre as competências que são requeridas para cada situação do cotidiano. Nesse contexto, a competência em informação (ColInfo) pode ser entendida como a habilidade de experimentar a informação de maneiras diferentes, sendo, portanto, habilidades e atitudes que se combinam para melhorar o desempenho dos indivíduos na resolução de problemas e na tomada de decisões, principalmente na atividade de localização, busca e uso da informação.

Gasque (2011) argumenta, que para ser eficiente no campo da pesquisa, por exemplo, é necessário desenvolver competências de busca e uso da informação, o que

requer alguma habilidade em decodificação, interpretação, controle e organização da informação encontrada. Implica ainda na capacidade de refletir e monitorar o processo, pois as crenças pessoais influenciam na preparação e na atitude ética do pesquisador. Com base nesse argumento, a autora preconiza que é necessário implementar projetos de competência em informação, para que o sujeito possa ter autonomia no seu processo de aprendizagem e saber selecionar e acessar eficientemente as informações necessárias à sua formação.

A vida acadêmica demanda diversos conhecimentos científicos e práticos, e o ingresso na universidade define o início de um novo ciclo na vida do estudante. Para Cavalcante (2006, p. 52), "[...] um dos maiores desafios da educação superior se refere às habilidades individuais e coletivas no uso da informação por parte do estudante". É uma situação desafiante e complexa, pois muitos finalizam o curso superior com pouca competência para lidar com o ambiente informacional (CAVALCANTE, 2006), configurando-se como uma situação de exclusão social, que acompanha todo o percurso educacional do indivíduo.

Mata (2014) menciona que os programas de competência em informação podem ser aplicados desde o ensino fundamental, para estudantes de faixas etárias e em níveis de informação variados, até o ensino superior. O ideal é realizar um planejamento educacional que inclua a disciplina no currículo e no plano de ensino como um todo. Dessa forma, o sujeito consegue desenvolver as suas competências e habilidades pessoais conforme a capacidade intelectual e a necessidade de uso da informação, além de internalizar os processos com naturalidade e eficiência, uma vez que se estabelece uma rotina de aprendizagem nos vários estágios da sua trajetória educacional.

Segundo Cavalcante (2006), a qualidade da educação escolar irá refletir na educação superior e no resultado de aprendizagem, pois é na educação básica que o estudante aprende a ser independente na aprendizagem. A transformação da educação passa pela implementação de programas educacionais voltados para a competência em informação, sendo o bibliotecário e a biblioteca os atores principais dessa mudança, em que a finalidade é instituir programas ou ações educativas de maneira colaborativa com a equipe pedagógica (SANTOS, 2020; BARBOSA; MATA; PEREIRA, 2020).

Além de uma equipe qualificada e afinada com os princípios da competência em informação, é importante frisar a necessidade da cooperação entre bibliotecários e outros atores para que as ações educativas sejam realizadas com sucesso, sendo imprescindível o apoio da gestão e a participação dos docentes e de outros profissionais da informação. Esses profissionais são aqueles que trabalham com a informação em alguma instância, tais como bibliotecários, museólogos, arquivistas, jornalistas, cientistas e outros que manejam a informação em suporte físico, eletrônico, digital e virtual (LE COADIC, 2004).

Com vistas a desenvolver parâmetros para a construção de programas de competência em informação, diversas instituições, como a *Association of College & Research Libraries* (ACRL), a *International Federation of Library Association and Institutions* (IFLA) e a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), elaboram diretrizes, padrões, *frameworks* e modelos dessas competências para auxiliar bibliotecários e outros profissionais, na implementação e na avaliação de ações educativas e/ ou programas nesse âmbito, com o propósito de contribuir para a melhoria da qualidade da aprendizagem do estudante, além de auxiliar no incremento de pesquisas nesse campo do conhecimento.

Para Mata (2014), é importante planejar tais programas de competência em informação com a utilização de padrões consolidados, pois eles podem auxiliar na elaboração de conteúdo para a execução das ações educativas e na verificação dos resultados de aprendizagem alcançados pelos indivíduos. As atividades avaliativas também devem estar presentes em todas as etapas do planejamento e na implementação do programa, com a finalidade de construir uma ação coerente com as necessidades informacionais dos sujeitos.

Vitorino e Piantola (2011) afirmam que a competência em informação está relacionada com o contexto vivenciado pelo indivíduo, suas necessidades, habilidades e atitudes. E pode ser compreendida a partir de quatro dimensões: a técnica, a ética, a estética e a política, que devem estar em equilíbrio para propiciar o desenvolvimento do sujeito, pois a dinâmica informacional incorpora uma gama de aprendizagens que são interligadas e sofrem interferência pessoal e coletiva.

O *Framework for Information Literacy for Higher Education* (ACRL, 2016) demonstra que a competência em informação está conectada à aprendizagem em diferentes dimensões e deve ser direcionada a uma descoberta reflexiva da informação, a partir da compreensão de como a informação é produzida, valorizada e comunicada nas comunidades de aprendizagem. O *Framework* (ACRL, 2016) apresenta um conjunto de seis conceitos centrais, seguidos de práticas de conhecimento e disposições com orientações que podem ser adaptadas à realidade de cada instituição.

Nessa perspectiva, Santos (2020) desenvolve um modelo de *Framework* para bibliotecas que tem por escopo, o fornecimento de um conjunto de referenciais teórico-práticos para a implementação da competência em informação em uma perspectiva transversal, com aplicação em nível institucional, de ensino e de aprendizagem. As ações e/ou programas dessas competências devem ser arquitetadas em consonância com as metas e características educacionais de cada entidade, levando-se em conta as necessidades informacionais do público-alvo, o qual, nas Instituições de Ensino Superior (IES), é constituído por estudantes, pesquisadores, docentes e demais profissionais.

Quanto à forma de execução, as ações podem ser realizadas mediante a oferta de cursos, oficinas, seminários ou de outros meios didáticos que permitam a habilitação dos indivíduos no ambiente informacional (MATA; ALCARÁ, 2018). Nessa perspectiva, deve-se considerar a formação dos bibliotecários e de outros profissionais que irão intermediar essas ações e levar em conta a escolha e a adequação do espaço físico e dos recursos tecnológicos a serem usados.

Quanto aos meios de execução ou promoção das ações e/ou programas, segundo Mata e Alcará (2018), eles podem se dar de modo presencial ou a distância, com o auxílio de recursos tecnológicos de informação e comunicação. Os programas de competência em informação podem ser estruturados e implementados por bibliotecários e por profissionais da informação em diversos contextos, por meio da biblioteca ou da instituição educativa a que pertencem.

As iniciativas de aprimoramento ou desenvolvimento dessas competências, mesmo que pequenas e oferecidas de forma isolada ou irregularmente, podem representar um primeiro passo na elaboração de um programa de competência em

informação duradouro e eficiente. O planejamento e a institucionalização dessas práticas são importantes para que haja um comprometimento da instituição educadora em relação à continuidade das ações educativas, por meio da manutenção de estrutura física e financeira, investimento em equipamentos, formação de pessoal, qualidade e relevância dos cursos, treinamentos, *workshops*, sessões de instrução ou qualquer evento que promova tais competências, e principalmente um comprometimento com a aprendizagem, “[...] para que sejam efetivas e significativas para os sujeitos” (SANTOS, 2020, p. 130). Dessa forma, são válidos todos os movimentos direcionados a auxiliar os indivíduos no seu processo de aprendizagem, de crescimento pessoal e profissional.

Para Belluzzo (2017), o desenvolvimento de boas práticas<sup>1</sup> de competência em informação também podem servir de inspiração na arquitetura de novos programas ou ações mais eficientes. Para a autora, o uso de indicadores ou padrões de competência, deve fazer parte de qualquer projeto ou programa, desde o planejamento até a gestão, ou seja, em todas as etapas, como forma de orientar nas decisões de maneira a permitir a comparação entre as propostas e as metas atingidas. Portanto, as ações de ColInfo são importantes para conectar o estudante às práticas de pesquisa, à valorização da aprendizagem por meio do aprender a aprender e ao fomento do aprendizado ao longo da vida, com vistas a contribuir para formação de sujeitos independentes, éticos e socialmente comprometidos com a geração e a transferência de conhecimentos.

Nessa perspectiva, surge o problema desta pesquisa. Segundo Vergara (2003, p. 21), o problema “[...] é uma questão não resolvida, é algo para o qual se vai buscar uma resposta via pesquisa”. A questão aqui proposta é: Como um *Framework* para o desenvolvimento da competência em informação na educação superior pode auxiliar na estruturação das ações educativas desenvolvidas em bibliotecas universitárias?

Este estudo surgiu em decorrência do reconhecimento das ações educativas que são oferecidas por uma equipe de bibliotecários do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal do Espírito Santo (SIB/Ufes) e em conformidade com o Projeto de Pesquisa registrado sob o número 9646/2019 na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-

---

<sup>1</sup> Corresponde à seleção das melhores práticas, que podem servir de exemplo para outras instituições ou profissionais da informação o desenvolvimento de programas de ColInfo, conforme Belluzzo (2017).

Graduação (PRPPG) da Ufes e intitulado “Fundamentos para o Desenvolvimento de um programa de Competência em Informação: o caso do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal do Espírito Santo (SIB/Ufes)”.

As ações da Biblioteca Central (BC) da Ufes são desenvolvidas há cerca de oito anos, sob a nomenclatura de Programa de Desenvolvimento de Competências Informacionais em Ambiente Virtual (PDCIAV), e são divulgadas através do *site*<sup>2</sup> da biblioteca, que tem como foco os usuários do SIB/Ufes. O propósito dessas ações é instruir a comunidade universitária no uso dos recursos de informação disponíveis e em rede, desenvolver habilidades de pesquisa e a aprendizagem das estratégias de busca de informação.

Ressalta-se a importância da aplicação do *Framework* aqui apresentado para orientar a institucionalização da prática da competência em informação no âmbito das bibliotecas universitárias, uma vez que, no Brasil, existe uma escassez de programas dessa natureza. Portanto, entende-se que essas ações ainda estão sendo consolidadas, pois “[...] a pesquisa em torno da temática é recente, evidenciando enorme necessidade de fundamentos, sobretudo no que diz respeito a essa prática e à avaliação em relação a ela” (PEREIRA, 2015, p. 69).

Mediante os contextos apresentados, os objetivos desta pesquisa foram inspirados na ACRL (2016) e na proposta de Santos (2020), que se baseia em três aspectos para o planejamento da competência em informação: *Framework* Nível Institucional, Nível de Ensino e Nível da Aprendizagem. Segundo a autora, o bibliotecário é “[...] o principal responsável pela divulgação, promoção, implantação, desenvolvimento/aprimoramento e institucionalização da ColInfo na sua instituição” (SANTOS, 2020, p. 136). Nessa acepção, busca-se sensibilizar esses profissionais com relação à importância de oferecer ações dessa natureza, com o planejamento de programas em âmbito institucional de ensino e de aprendizagem de maneira mais efetiva e abrangente.

## OBJETIVO GERAL

---

<sup>2</sup> <https://biblioteca.ufes.br/pdciaiv>

Elaborar um *Framework* para a estruturação de um programa de competência em informação no âmbito das bibliotecas universitárias, com base na ACRL (2016) e em Santos (2020).

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Contextualizar o cenário institucional da Biblioteca Central da Ufes enquanto coordenadora do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade;
- b) Verificar o conhecimento e a percepção dos bibliotecários em relação aos fundamentos e às práticas da competência em informação;
- c) Mapear as ações e os serviços oferecidos pela Biblioteca Central que se relacionam com os pressupostos da competência em informação; e
- d) Averiguar os conteúdos referentes à competência em informação oferecidos nos cursos da Biblioteca Central, em consonância com o *Framework* da ACRL (2016) e as dimensões de Vitorino e Piantola (2011).

A presente pesquisa se justifica no sentido de contribuir com a construção do conhecimento científico nas áreas da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, fornecendo subsídios teóricos e práticos para o aprimoramento e a disseminação da competência em informação, tendo em vista sua relevância no processo de ensino, na aprendizagem e na formação integral dos sujeitos. Visa-se também auxiliar as IES, as bibliotecas universitárias, os bibliotecários e demais profissionais que tenham interesse em adotar a competência em informação em suas unidades de atuação, oferecendo referenciais teórico-práticos para o planejamento e a elaboração de programas de ColInfo, contribuindo para formação e o desenvolvimento dos sujeitos em vários aspectos da vida, principalmente no seu processo de autonomia educacional e de aprendizagem. Esses são fatores muito significativos que irão melhorar a vida pessoal e profissional, além de favorecer o desenvolvimento social como um todo.

## 2 A EVOLUÇÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

A concepção do termo *Information Literacy* é atribuída a Paul Zurkowski, um bibliotecário norte-americano que mencionou a expressão em um relatório intitulado “*The information service environment relationships and priorities*”, apresentado na *National Commission on Libraries and Information Science* em 1974. Nesse documento, Zurkowski (1974) relacionava serviços e produtos informacionais que, apesar de serem oferecidos por empresas privadas, como a que ele dirigia, eram compatíveis com as bibliotecas. Ele sugeria que o governo norte-americano apoiasse o desenvolvimento de competências que permitissem à população aprender a utilizar os produtos informacionais para tomar decisões no âmbito do trabalho (DUDZIAK, 2003; CAMPELLO, 2003).

Zurkowski (1974) relatava, em seu documento, que os papéis tradicionais das bibliotecas e da indústria da informação no setor privado estavam em transição e sugeria que a prioridade da Comissão Nacional de Bibliotecas e Ciência da Informação fosse direcionada ao estabelecimento de um grande programa nacional para alcançar a alfabetização universal da informação até 1984. Segundo o autor, as pessoas deveriam ser treinadas para lidar com os recursos informacionais aplicados ao seu ambiente de trabalho, a fim de que dominassem o uso dos dispositivos informacionais e as fontes primárias para a solução de problemas no campo profissional. Dessa forma, os sujeitos capacitados para lidar com o ambiente informacional eram denominados *information literates* (ZURKOWSKI, 1974).

A princípio, o surgimento da *Information Literacy* teve uma orientação voltada ao mercado e se apresentou como um instrumento para solucionar questões práticas no ambiente corporativo. No entendimento de Dudziak (2003), Zurkowsky (1974) identificou uma necessidade relevante, a de aprender a usar a informação para solucionar problemas decorrentes do exercício profissional. Nos anos seguintes o conceito de *Information Literacy* foi além da busca e do uso da informação para deliberar sobre questões profissionais, e passou-se a relacionar a *Information Literacy* à aquisição de informação para uso pessoal e para o exercício da cidadania.

A década de 1980 foi marcada por uma corrida em busca de novas tecnologias de informação, que na concepção de Dudziak (2003), teve princípio nos Estados Unidos e modificou os sistemas de informação e as bibliotecas, em decorrência do acesso ao computador, o qual passou a ser usado no processo de produção da informação, na organização, no armazenamento e na disseminação, para a informação chegar ao usuário. Para a autora, essa fase é predominantemente instrumental, pois a tecnologia da informação estava em plena ascensão e era preciso desenvolver certas habilidades em lidar com essa novidade.

Com o incremento da tecnologia, os processos informacionais foram instrumentalizados e o computador passou a ser o centro das atenções, os cursos de informática se tornaram comuns, quase obrigatórios, até que a ênfase na educação e no aprendizado direcionou o foco para o ser humano (DUDZIAK, 2003). O indivíduo toma seu lugar no ambiente informacional, passa a ser sujeito de sua aprendizagem, desenvolve novas competências, aprimora habilidades e se vê diante de novas oportunidades na sociedade.

Surgem proeminentes estudos, sendo relevante mencionar a influência de Carol C. Kuhlthau (1987) na fundamentação da competência em informação voltada para a educação. A pesquisadora discute o uso das tecnologias da informação, as características da competência em informação, sua inclusão nos currículos, os meios para aplicá-la nas escolas e conclui que a era da informação exige habilidades combinadas, parcerias entre os profissionais da educação e a biblioteca, para auxiliar os estudantes no domínio de competência em informação, a fim de que sejam usuários competentes no futuro. Ou seja, para que os estudantes aprendam a aprender, no sentido de saber questionar, avaliar, fazer inferências, buscar e usar as informações quando necessário.

A autora realizou um trabalho muito importante para a educação, pois ressaltou a importância da adoção da competência em informação nas escolas a partir da inclusão nos currículos, no intuito de que as pessoas saibam lidar com a quantidade e a diversidade de informações disponíveis para que possam sobreviver em um mundo cada vez mais dinâmico (KUHALTHAU, 1987).

A *American Library Association* (ALA), a mais antiga associação de bibliotecas dos Estados Unidos da América, fundada em 1876, publicou em 1989 seu conceito para competência em informação. A entidade tem por finalidade o desenvolvimento, a disseminação e o aperfeiçoamento dos serviços bibliotecários e de informação, no âmbito das instituições e da profissão. A iniciativa da ALA repercutiu mundialmente, produzindo um movimento de conscientização para a adoção da *Information Literacy* como forma de promover o acesso à informação em todos os suportes disponíveis (VIANNA, 2018).

Segundo a ALA (1989), o desenvolvimento da competência em informação é uma questão de cidadania e uma habilidade necessária à sobrevivência na Era da Informação e determina que,

Para ser competente em informação, o indivíduo deve ser capaz de reconhecer quando a informação é necessária e ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação necessária [...] às pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar a informação e como usar a informação de forma que outros possam aprender com elas. São pessoas preparadas para a aprendizagem ao longo da vida, porque podem sempre encontrar a informação necessária para qualquer tarefa ou decisão em mãos (ALA, 1989, p. 1, tradução nossa).

Esse é um dos conceitos de competência em informação dos mais citados. Nele a ALA (1989) menciona várias situações vinculadas à necessidade em obter informação, na perspectiva de preparar o indivíduo para a vida profissional, na capacidade de aprimorar sua própria aprendizagem e no exercício da cidadania consciente e responsável. Trata-se de uma condição vital para o sujeito, como ser social que recebe uma imensa quantidade de informações todos os dias e precisa saber reconhecer o que é necessário, o que é autêntico e ético.

Segundo Dudziak (2003), a definição da ALA foi bem aceita e largamente difundida pelo mundo a partir da década de 1990. Em decorrência foram desenvolvidos programas e estudos relacionados à competência em informação e os bibliotecários passaram a utilizar o conceito para introduzir os usuários no contexto informacional, no intuito de que pudessem ser mais independentes com relação à recuperação da informação. Os usuários, até então, eram vistos como sujeitos dependentes, que

usufruem de um serviço sem, no entanto, entender ou participar do contexto que gera aquele serviço.

Muitos pesquisadores se dedicaram a entender e a elaborar conceitos e modelos para o novo campo que havia despontado do cenário da informação. Nesse sentido, em 1997 a pesquisadora Christine Susan Bruce defendeu a Tese “*Information Literacy: a phenomenography*”. Sua pesquisa tem por base o trabalho de professores de duas universidades australianas e traz uma nova abordagem relacional para a competência em informação. Posteriormente, publicou um livro com base nessa tese sob o título “*Seven Faces of Information Literacy in Higher Education, AUSLIB Press, Adelaide, South Australia (1997)*”. A partir dessa obra, Bruce (2003, 2008) aborda as sete faces da competência em informação e os seis marcos para a aprendizagem da informação, em que descreve aspectos referentes às experiências observadas a partir da vivência de profissionais que lidam com a informação, e não uma lista de habilidades a serem seguidas.

Os seis marcos para a aprendizagem de Bruce (2008) são lentes conceituais baseadas em referências de ensino e aprendizagem que visam compor o currículo educacional em diversos níveis. Para a autora a competência em informação é uma atitude de experimentar a informação de diferentes formas para aprender e a aprendizagem informacional consiste em saber usar a informação para aprender nos diversos setores da vida acadêmica, profissional e social. A aprendizagem informacional é baseada na forma como lidamos e experimentamos o ambiente informacional para a construção do conhecimento, a partir do uso criativo, reflexivo e ético da informação (BRUCE, 2008).

Já as sete faces de Bruce (2003) representam as concepções de uso da informação nos diversos segmentos da vida em busca da aprendizagem:

- a) **Concepção baseada nas tecnologias da informação** - Apesar de muito importante, a tecnologia nesta concepção da competência em informação é o centro da atenção, e a informação é tida como algo externo ao sujeito. Sua função é proporcionar o acesso e a divulgação da informação, mas é necessária certa capacidade de manejo e a disponibilidade dessas ferramentas.

- b) **Concepção baseada nas fontes de informação** - As fontes podem ter diferentes formatos, inclusive podem ser pessoas. Nessa categoria, a competência em informação é baseada no conhecimento das fontes e na habilidade utilizada para obter o acesso, seja por meio de um intermediário ou de modo independente.
- c) **Concepção baseada na informação como processo** - Nessa concepção, os processos são as estratégias aplicadas para conseguir a informação desejada. Também deve-se considerar o uso ou aplicação da informação e a tecnologia empregada.
- d) **Concepção baseada no controle da informação** - Nesse conceito, as pessoas competentes em informação são capazes de empregar diversos meios para controlar ou armazenar a informação de modo que possa acessá-la posteriormente, seja por meio de um suporte analógico, pela memória ou com auxílio de um aparato eletrônico.
- e) **Concepção baseada na construção do conhecimento** - O cerne dessa concepção é o uso reflexivo da informação, com base em uma visão crítica e pessoal do conhecimento, em que há a construção de uma base particular de conhecimentos em uma nova área de interesse.
- f) **Concepção baseada na extensão do conhecimento** - O foco ainda é o uso da informação, porém somada a uma capacidade de articular a intuição e a criatividade, com uma base de conhecimentos adquiridos por meio da experiência pessoal, para a produção de novos conhecimentos.
- g) **Concepção baseada no saber** - Corresponde à adoção de valores pessoais e éticos em relação ao uso da informação. Supõe a consciência dos valores pessoais e de atitudes que colocam a informação num contexto amplo de modo a empregar a informação em benefício dos demais.

As tecnologias da informação e comunicação estão presentes em todas as concepções relacionadas por Bruce (2003), devido à relevância e às transformações que essas ferramentas provocam em todos os cenários da existência contemporânea. No entanto, junto com as modernas tecnologias, há uma demanda humana, pois “[...]”

surge a necessidade do desenvolvimento de novas competências em articulação com o uso da inteligência e da criatividade e que tornem as pessoas capazes de lidar com a informação e a construção do conhecimento” (BELLUZZO; FERES, 2016, p. 141). São habilidades vitais que também podem ser desenvolvidas, estão relacionadas à capacidade particular de cognição individual e podem influenciar no seu modo de agir perante a sua necessidade de informação, bem como na forma de acessar, selecionar e usar a informação encontrada.

Denota-se o expressivo valor do desenvolvimento de competências para o acesso ao mundo digital, contudo, apesar do vertiginoso crescimento da quantidade de informação disponível e da abrangência das TICs, muitas pessoas ainda não conseguem acessar as informações de que necessitam, seja por falta de recursos materiais ou por falta de conhecimento e habilidades específicas em lidar com a tecnologia.

Em decorrência da rápida mudança do ambiente informacional e da intensificação no uso dos recursos tecnológicos, surgiram várias outras pesquisas e foram produzidos alguns modelos e diretrizes, relativos ao processo de desenvolvimento e avaliação da competência em informação nos sujeitos. Ganham destaque os documentos elaborados pela *Association of College and Research Libraries* (ACRL), a maior divisão da ALA voltada ao ensino superior e que publica diversos documentos que contemplam vários aspectos relacionados à implementação, ao aprimoramento e à avaliação de programas de ColInfo.

A primeira publicação no âmbito das IES foi o *Information Literacy Competency Standards for Higher Education* (ACRL, 2000), que impulsionou e consolidou o conceito de competência em informação para o ensino superior. O texto destaca a importância de desenvolver novas habilidades informacionais em estudantes em qualquer ambiente informacional, em diferentes níveis de aprendizagem e em todas as disciplinas oferecidas em qualquer curso, assim como na ambiência da biblioteca universitária.

A ACRL é uma entidade comprometida com os bibliotecários e bibliotecas, que valoriza a educação e o aprendizado contínuo, como forma de crescimento pessoal, intelectual e profissional. Assim, diante das mudanças do ambiente informacional, a instituição realiza atualizações periódicas de suas publicações, como a ACRL (2000

atualizada em 2016, quando publicou um novo documento, denominado de *Framework for Information Literacy for Higher Education*. Sua estrutura é baseada em um conjunto de conceitos centrais articulados que levam em conta o ambiente e o ecossistema da informação nas instituições de ensino superior (ACRL, 2016).

Outras entidades de classe, como as associações de profissionais e pesquisadores da informação, incentivam a discussão e reflexão sobre a temática da competência em informação por meio da organização de eventos e publicação de declarações e manifestos (MATA, 2021). A meta é sensibilizar as instâncias governamentais e educacionais, e fomentar ações e estratégias para a promoção, o crescimento e a consolidação dessas competências tanto no âmbito local quanto no nacional.

Além de orientarem bibliotecários e demais profissionais envolvidos com a temática da competência da informação, instituições internacionais, como a UNESCO e a IFLA, e a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (Febab), contribuem com a disseminação do tema no meio profissional e promovem maior visibilidade para esse campo de pesquisa, por meio da divulgação de diretrizes, organização de eventos científicos diversos, publicações em periódicos, *sites*, livros e outros, seja em meio digital ou analógico, de forma presencial ou a distância.

A dinâmica do novo contexto tecnológico provoca uma demanda maior por ações educativas de desenvolvimento da competência em informação. É necessário aprender a dominar os novos dispositivos tecnológicos, aprimorar conhecimentos e habilidades em lidar com a informação nos seus diferentes formatos e formas de acesso, conjugadas com um olhar criterioso em relação às fontes e, particularmente, às informações que são encontradas nas buscas ativas ou nas propagandas que infestam os vários meios de comunicação em massa. A informação por si só não produz conhecimento e nem crescimento social, é preciso haver sensibilidade, humanidade e valores éticos.

## 2.1 PARÂMETROS PARA PROGRAMAS DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

O intuito dos programas e/ou ações para o desenvolvimento de competência em informação é de fornecer um direcionamento para que os sujeitos aprendam a aprender e vivenciem esse aprendizado em todas as circunstâncias de suas vidas. Para tanto, são oferecidos cursos, treinamentos, oficinas ou qualquer outro evento que possa apresentar conhecimentos e habilidade requeridas para lidar com o universo informacional e com o aparato tecnológico, a fim de que, “[...] o indivíduo seja capaz de acessar, compreender e fazer melhor uso das informações disponíveis para o exercício da cidadania e o aprendizado ao longo da vida” (BELLUZZO, 2017, p. 63).

É consenso entre os especialistas e pesquisadores que a aprendizagem ao longo da vida é uma das bases da competência em informação, e inclusive na legislação nacional adota esse entendimento, conforme estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no art. 3º, inciso XIII, que trata da garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. A aprendizagem vai além do ambiente formal da instituição educativa, ela permeia a vida do ser humano e é, portanto, um processo de longa duração que, se bem orientado, pode ser mais bem aproveitado.

Segundo Santos (2020), cabe ao bibliotecário, como profissional da informação que é, tomar para si a tarefa de promover o desenvolvimento da competência em informação e sua institucionalização. A comprovação desse fato é que as principais diretrizes internacionais são elaboradas por associações de classe (GONÇALVES; CUERVAS-CERVERÓ, 2016). Nesse sentido, é conveniente que bibliotecários e profissionais da informação planejem as ações educativas dessa natureza com base em padrões, modelos, indicadores e em outras experiências que obtiveram sucesso, a fim de aproveitar o *know-how* das entidades que elaboram esses documentos norteadores na implementação dessas competências para seus usuários.

As questões de acesso e uso das TICs são discutidas e analisadas por várias organizações internacionais e nacionais, no intuito de assegurar o acesso eficiente e equitativo da informação. Dudziak, Ferreira e Ferrari (2017) realizaram uma revisão dos principais marcos políticos relacionados à competência em informação e midiática. São declarações, manifestos e recomendações elaborados por entidades internacionais e nacionais que têm o propósito de repercutir sobre as ações educativas dessa natureza,

as quais propiciam mudanças educacionais efetivas e proporcionam uma melhor condição social às pessoas.

O estudo de Dudziak, Ferreira e Ferrari (2017), destaca o importante compromisso social e político de organizações internacionais, como a UNESCO e a IFLA, além da Federação Brasileira das Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (Febab), que incentiva os profissionais da informação, por meio de suas publicações, apoia os eventos e projetos da área.

Antes da popularização da internet, a indústria da mídia já influenciava os hábitos e a cultura, assim, em 1982, durante o Simpósio Internacional em Educação para a Mídia realizado na Alemanha, a UNESCO publicou a Declaração de Grünwald (UNESCO, 1982), a primeira declaração relativa à necessidade de se promover a educação para a mídia (DUDZIAK; FERREIRA; FERRARI, 2017). O documento enfatiza que não se deve subestimar a mídia, em decorrência da sua importância política e educativa, pois ela se torna irresistível diante da evolução das TICs (UNESCO, 1982).

As discussões sobre a mídia, como meio de comunicação e publicidade, são antigas e controversas, algumas focam no seu lado positivo e outras no negativo. O mais certo é que as pessoas devem estar preparadas para avaliar as informações que são despejadas diariamente pelas várias faces midiáticas, principalmente os mais idosos e as crianças, que ainda não reconhecem as armadilhas do mundo conectado. O lado positivo é que a mídia, principalmente como suporte de informação, pode oferecer muitas facilidades, como o acesso a conteúdo técnico e informativo, cursos completos, treinamentos diversos voltados para a educação, para o campo profissional e empresarial, para a cultura e o lazer, em variados suportes, inclusive em tempo real e a distância, com auxílio da internet, dos satélites ou de cabos de transmissão.

Segundo o artigo de Dudziak, Ferreira e Ferrari (2017), outros eventos sobre a alfabetização midiática foram realizados, até que em 2003, por ocasião do evento *Information Literacy Meeting of Experts*, realizado na cidade de Praga, a UNESCO (2003), faz a primeira referência à competência em informação no documento *The Prague Declaration Towards an Information Literacy Society*. A declaração menciona, que a ColInfo é um direito humano básico e deve ser adaptada a cada um, segundo suas necessidades (UNESCO, 2003). Ela invoca a participação do poder público para o

incremento de políticas que favoreçam o aprimoramento de ações educativas, por meio de programas interdisciplinares para alcançar o crescimento social, profissional e individual no século XXI.

Em 2005, durante o evento *National Forum on Information Literacy*, realizado na cidade de Alexandria no Egito, a IFLA e a UNESCO, publicaram um documento denominado “Os Faróis da Sociedade de Informação” (FARÓIS..., 2005), que é uma declaração de Alexandria sobre a importância da competência em informação e o aprendizado ao longo da vida. O documento determina que o acesso à informação digital e a inclusão social são um direito básico do sujeito e que o aprendizado ao longo da vida são faróis que iluminam a sociedade rumo ao desenvolvimento econômico e à liberdade. Os Faróis (2005) também mencionam o uso da informação em meio digital como um dispositivo eficiente que permite ao indivíduo acessar e usar as informações para resolução de suas questões pessoais, profissionais e educacionais, conferindo bem-estar e consciência social.

Em seguida, foi publicada a *Declaración de Toledo sobre la alfabetización informacional* (2006), elaborada por ocasião do *Seminario de Trabajo: Biblioteca, Aprendizaje y Ciudadanía: la Alfabetización Informacional*, na cidade de Toledo, na Espanha, no intuito de averiguar o desenvolvimento de programas de competência em informação na Espanha (DECLARACIÓN..., 2006).

Outras declarações e eventos internacionais acerca da competência em informação e midiática foram balizados pela UNESCO e pela IFLA, com intenção de fortalecer e consolidar a temática no âmbito mundial. O Brasil também produz documentos e realiza eventos voltados à divulgação e ao fortalecimento das ações educativas promovidas pelos bibliotecários em prol da competência em informação.

Pioneira, a Declaração de Maceió (2011), foi concebida no I Seminário sobre Competência em Informação: cenários e tendências, evento realizado durante o XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBDD), na cidade de Maceió, em Alagoas, em 2011. A Declaração (2011) foi formulada com o apoio da Febab, da Universidade de Brasília (UnB) e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). O texto conclama as bibliotecas, as instituições e os profissionais da informação a realizarem parcerias nos

âmbitos locais, regionais e até internacionais para a promoção de ações dessas competências. Destaca-se a importância da inclusão da temática nos projetos político-pedagógicos das escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Por ocasião da 25ª edição do CBBB, que ocorreu em Florianópolis, Santa Catarina, em 2013, foi elaborado o Manifesto de Florianópolis (2013), como resultado do II Seminário Competência em Informação: cenários e tendências, evento que ocorre em paralelo com o congresso. Segundo o Manifesto (2013, s.p.), “[...] a Competência em Informação deve ser compreendida como um direito fundamental da pessoa humana, intrínseco ao seu próprio ser, sendo essencial à sua sobrevivência”. O documento reitera a responsabilidade dos profissionais da informação, das entidades públicas e privadas, dos movimentos associativos e dos órgãos de classe no fomento, na avaliação e na disseminação dessas competências nos vários cenários sociais, políticos e educacionais, a fim de incluir as populações menos favorecidas, propiciar o aprendizado efetivo e o exercício da cidadania.

Seguindo a tendência das edições anteriores, o III Seminário de Competência em Informação, realizado em 2014, também rendeu um importante documento, a Carta de Marília (2014), que trata da importância do trabalho integrado e colaborativo para os ambientes de informação. É o terceiro documento nacional que apoia e estabelece que a ColInfo necessita de políticas públicas para sua consolidação.

As entidades educacionais e centros formadores devem realizar esforços para que a competência em informação faça parte dos currículos e projetos pedagógicos de forma transversal e interdisciplinar nos diversos níveis e áreas; e para a criação de repositórios nacionais e regionais visando à produção científica e acadêmica, vivências, fóruns de discussão, redes de compartilhamento de melhores práticas. Além de redes de unidades de informação que desenvolvam programas de instrução, planos de formação para a promoção da inclusão social, a divulgação e o incentivo de ações estratégicas por meio de eventos sobre a temática dessas competências.

Esses documentos são produzidos em decorrência da união de instituições educacionais e entidades de classe que buscam impulsionar e reforçar a importância do movimento da competência em informação no âmbito educacional e nos diferentes

segmentos da vida em sociedade, como forma de promover a igualdade de acesso à informação e de direitos sociais.

A IFLA, por intermédio da Seção de Habilidades em Informação (InfoLit), elaborou um documento chamado “Diretrizes sobre Desenvolvimento de Habilidades em Informação”, com o intuito de oferecer aos bibliotecários um direcionamento para o desenvolvimento de programas de competência em informação (LAU, 2007). As diretrizes fornecem princípios, conceitos, procedimentos e recomendações que foram adaptados de outras instituições internacionais, como a ACRL<sup>3</sup> e a *Society of College, National and University Libraries* (SCONUL)<sup>4</sup>.

A ideia é que essas diretrizes sirvam de exemplo ou guia para o planejamento e a implementação de programas de competência em informação. As diretrizes da IFLA oferecem um capítulo dedicado aos padrões internacionais elaborados a partir de três componentes básicos: acesso eficiente e eficaz da informação; avaliação crítica e competente da informação e uso preciso e criativo da informação (LAU, 2007).

As diretrizes são guias para procedimentos de validação dos padrões ou estruturas e auxiliam a conectar os conceitos centrais (pilares) inter-relacionados numa variedade de contextos. Elas preconizam a importância da biblioteca, a participação ativa do bibliotecário no processo de desenvolvimento da competência em informação e os principais componentes que um programa de instrução deve ter. Elas podem ser adaptadas pelos bibliotecários, conforme a realidade de cada instituição e ajustada às necessidades dos usuários (LAU, 2007). Desse modo, aprofundar os estudos sobre a importância das ações educativas com base na competência em informação e em como ela se desenvolve no ensino superior é indispensável a uma boa formação acadêmica e humana dos estudantes.

No entendimento de Mata (2018), a competência em informação pode ser aprimorada mediante a construção de programas e de ações planejadas para orientar o ensino e a aprendizagem dos indivíduos, de maneira que aprendam a lidar com a informação para a resolução de suas demandas educacionais e profissionais, saibam selecionar, buscar e usar as informações, e organizar e comunicar o conhecimento

---

<sup>3</sup> <https://www.ala.org/acrl/>

<sup>4</sup> <https://www.sconul.ac.uk/>

disponível. Para tanto, é imprescindível o domínio das TICs, uma vez que, na contemporaneidade, o acesso ao mundo informacional, na maioria das vezes, dá-se através do uso de dispositivos tecnológicos com acesso à internet.

As atuais ferramentas tecnológicas da informação e comunicação são numerosas e algumas vezes, complexas, assim como as abordagens sobre o tema da competência em informação. Nesse sentido, a ACRL publica vários documentos que podem ser utilizados para orientar na concepção de programas de ColInfo. Essas publicações são apresentadas como padrões, diretrizes, modelos e guias para auxiliar os profissionais de bibliotecas acadêmicas a se atualizarem, serem criativos e a liderarem na instrução e na avaliação dos resultados de aprendizagem no âmbito da comunidade acadêmica.

O *Information Literacy Competency Standards for Higher Education* (ACRL, 2000) trouxe um padrão para nortear a construção e a avaliação de programas de competência em informação desenvolvidos em ambiente universitário. Seu texto enfatiza a aplicação no contexto digital, devido ao crescente avanço da tecnologia e da inovação nos serviços oferecidos, que trazem novos desafios nos quesitos relacionados ao acesso e à disseminação da informação.

O documento orienta bibliotecários a estabelecer parcerias com professores, gestores e outros agentes educativos com a meta de refletir e organizar as ações em torno da temática. Como primeiro passo, é necessário conhecer as necessidades informacionais dos sujeitos para melhor direcionar as ações educativas, com base nos níveis de conhecimento de cada grupo, elaborar estratégias e instrumentos de avaliação das ações e do aprendizado alcançado.

A ACRL (2000) reforça que, para implementar os padrões, a instituição deve rever sua missão e seus objetivos educacionais e determinar como a ColInfo pode auxiliar e melhorar o aprendizado dos usuários. Também relaciona a competência em informação a habilidades em usar a tecnologia e ao desenvolvimento do aprendizado ao longo da vida. Pois o indivíduo competente em informação é capaz de:

- Determinar a extensão das informações necessárias;
- Acessar as informações necessárias de forma eficiente e eficaz;

- Avaliar as informações e suas fontes de maneira crítica;
- Incorporar informações selecionadas em sua base de conhecimento;
- Usar as informações de forma eficaz para cumprir um propósito específico;
- Compreender as questões econômicas, jurídicas e sociais que cercam o uso de informações e acessar e usar as informações de forma ética e legalmente (ACRL, 2000, p. 2).

Com a publicação desses padrões, a ACRL (2000) reiterou o conceito de *Information Literacy* anteriormente dado pela ALA (1989) e enfatizou a propagação das novas tecnologias da informação, o uso de diversos suportes informacionais, inclusive a internet, bem como a questão da responsabilidade no uso e na comunicação da informação, respaldados no bom senso, na ética e na função social da informação. Posteriormente, em uma conferência anual da ALA realizada em 2016, a equipe do Conselho de Administração da ACRL decidiu rescindir os padrões da ACRL (2000), por entender que padrões são estruturas rígidas e então editaram um novo documento, o *Framework* (ACRL, 2016), que será detalhado mais à frente.

O *Guidelines for Instruction Programs in Academic Libraries* (ACRL, 2011) são diretrizes elaboradas para orientar os bibliotecários acadêmicos no planejamento e desenvolvimento de programas de competência em informação, com a proposta de auxiliar o cumprimento da missão educacional da instituição. O documento recomenda que o planejamento do programa deve seguir junto com o planejamento estratégico geral da biblioteca e deve prever a inclusão das demais unidades informacionais pertencentes ao *campus*. As diretrizes são articuladas da seguinte forma:

- a) Planejamento do programa:** declaração de propósitos junto à instituição de ensino superior, elaboração do conteúdo instrucional, modos e métodos de instrução, estrutura do programa articulada com o currículo, avaliação do programa e da aprendizagem dos participantes.
- b) Apoio:** refere-se ao apoio financeiro para despesas necessárias, disponibilidade de instalações adequadas, equipamentos e suporte tecnológico, treinamento para instrutores e recursos humanos (ACRL, 2011).

O desenvolvimento da competência em informação envolve vários aspectos relacionados ao processo educacional e à aprendizagem do indivíduo. Desenvolver ações e/ou programas dessa natureza constitui uma tarefa que exige planejamento em nível institucional e de conteúdo, sendo imprescindível o apoio da instituição educacional, a participação do corpo docente e de profissionais ligados ao contexto tecnológico, e o apoio administrativo.

A proposta do *Framework for Information Literacy for Higher Education* (ACRL, 2016) é de orientar o desenvolvimento de programas para o ensino superior, renovar o conceito de competência em informação e incorporar habilidades cognitivas, afetivas e de trabalho colaborativo que “[...] englobam a descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada e o uso da informação na criação de novos conhecimentos e na participação ética nas comunidades de aprendizagem” (ACRL, 2016, p. 8, tradução nossa).

O *Framework* apresenta o conceito de *metaliteracy*, que é uma visão renovada da competência em informação com foco na metacognição e na autorreflexão para alcançar a autonomia no ecossistema informacional (ACRL, 2016). Diante da rápida mudança do contexto em que as informações estão sendo criadas e compartilhadas, e da sua influência no ensino superior, marcado pela dinâmica das TICs, é preciso uma atenção maior nesse ambiente, uma vez que todos são consumidores e produtores de informação ao mesmo tempo.

A metacognição, segundo Sanches e Borges (2021), é a capacidade do indivíduo de refletir sobre seu próprio conhecimento e, por extensão, de ser responsável pela sua própria aprendizagem. As autoras explicam que o *Framework* (ACRL, 2016) leva em conta o uso das emoções no processo de aprendizagem ao reconhecer a existência de fatores afetivos neste processo que demandam uma adequação do sujeito. É, portanto, primordial a incorporação de uma atitude de flexibilidade e independência com relação à capacidade de se informar e de produzir informação, num ambiente que apresenta grande diversidade de formatos e de conteúdo e que está em constante renovação.

A ACRL (2016) promove a reflexão sobre a natureza da informação e o encorajamento aos bibliotecários e professores e apresenta o *Framework*, baseado em um conjunto de seis quadros ou estruturas que são constituídos de um conceito central

e um conjunto de práticas de conhecimento e de disposições a serem observadas no processo de desenvolvimento e implantação da competência em informação. Essas estruturas são flexíveis e podem ser aplicadas individualmente e na ordem desejada, conforme a realidade de cada instituição.

A ideia é que, a partir do *Framework*, bibliotecários e outros profissionais interessados no contexto informacional possam elaborar ou readequar as ações de dessas competências das suas instituições e propor atividades com base em diretrizes e disposições segundo as melhores práticas. O plano é criar diálogos no meio acadêmico, colaborar, envolver os estudantes nas pesquisas e associar o êxito educacional ao desenvolvimento da competência em informação (ACRL, 2016).

Conforme Sanches e Borges (2021, p. 465), o *Framework* pode ser concebido “[...] como uma ferramenta que espelha um conjunto de habilidades, práticas e hábitos mentais que ampliam e aprofundam a aprendizagem através do envolvimento com o ecossistema da informação”. Nesse sentido, os bibliotecários podem explorar e entender os conceitos, as práticas e as disposições, para aplicá-los ao seu ambiente informacional de forma coordenada com o conteúdo dos currículos e das disciplinas.

O *Framework* estimula os diálogos, a colaboração por meio de conexões com outros profissionais e a formação de pesquisadores capacitados para a construção e disseminação do conhecimento. Sendo, portanto, recomendado que seja institucionalizado, pois leva tempo para se implementar plenamente e se verificar os resultados alcançados, uma vez que o desenvolvimento da competência em informação se concretiza mediante a análise reflexiva do sujeito diante do contexto informacional e da gama de habilidades necessárias para ascender ao conhecimento.

No Quadro 1, são apresentados os conceitos do *Framework* desenvolvido pela ACRL (2016):

**Quadro 1 – Conceitos do *Framework* (ACRL, 2016)**

<p><b>A autoridade é construída e contextual</b> Os recursos informacionais refletem a experiência e a credibilidade de seus criadores e são avaliados com base na necessidade de informação e no contexto em que a informação será utilizada. A autoridade é construída, várias comunidades podem reconhecer diferentes tipos de autoridade; e</p>	<p>- <b>Práticas de conhecimento:</b> definir diferentes tipos de autoridade, usar indicadores de autoridade, reconhecer o conteúdo autorizado, reconhecer que estão desenvolvendo suas próprias vozes autoritárias e compreender a natureza social do complexo sistema de informação. - <b>Disposições:</b> manter a mente aberta,</p>
---	---

<p>é contextual, uma vez que a necessidade de informação pode ajudar a determinar o nível de autoridade requerido. Os indivíduos entendem que autoridade é um tipo de influência dentro da comunidade e aprendem a respeitar o conhecimento que a autoridade representa e que os critérios que elegem uma autoridade devem ser analisados com criticidade.</p>	<p>motivar-se para encontrar fontes autorizadas, avaliar o conteúdo com criticidade, reconhecer diferentes visões de mundo e autoavaliar-se.</p>
<p><b>Criação da informação como processo</b> A informação, em qualquer formato, é produzida para transmitir uma mensagem e é compartilhada através de métodos de transmissão selecionados. Os processos interativos de pesquisa podem variar e o produto resultante reflete essas diferenças. Os indivíduos reconhecem os processos subjacentes da criação da informação, buscam por diversos formatos e modos de entrega da informação, avaliam com criticidade e usam esses produtos.</p>	<p>- <b>Práticas de conhecimento:</b> articular capacidades e limitações da informação, avaliar a relação entre o processo de criação de um produto e uma necessidade específica de informação, reconhecer que a informação pode ser percebida de modo diferente a depender do seu formato de apresentação. - <b>Disposições:</b> procurar características de produtos informacionais que indiquem o seu processo de criação, valorizar os produtos informacionais adequados, entender que há diferentes métodos de disseminação de informação para atender a diferentes propósitos.</p>
<p><b>A informação tem valor</b> A informação possui várias dimensões de valor, inclusive como mercadoria, meios de educação e de influência, como uma forma de negociar e entender o mundo. Os interesses jurídicos e socioeconômicos influenciam na produção e disseminação da informação. Esse valor se manifesta em diversos contextos, inclusive nas práticas editoriais, no acesso à informação, na comercialização de informações pessoais e nas leis de proteção à propriedade intelectual. Como usuários e criadores, o indivíduo deve compreender seus direitos e deveres ao participar de uma comunidade acadêmica.</p>	<p>- <b>Práticas de conhecimento:</b> dar crédito a ideias originais por meio da atribuição e citação da autoria, respeitar a propriedade intelectual, entender o que são os direitos do autor, o acesso aberto e domínio público, reconhecer problemas de acesso a fontes de informação, decidir onde e como publicar sua pesquisa, entender a influência da mídia <i>online</i> na sua privacidade e nas informações recebidas. - <b>Disposições:</b> valorizar as ideias, as habilidades, o tempo e esforços para se produzir o conhecimento, contribuir com o mercado de informação, examinar o próprio privilégio de informação.</p>
<p><b>Pesquisa como processo de investigação</b> A pesquisa é interativa e depende de perguntas cada vez mais complexas, cujas respostas acrescentam outras indagações ou linhas de investigação novas. O espectro de investigação varia de perguntas simples a habilidades cada vez mais sofisticadas para refinar questões de pesquisa, usar métodos mais avançados e explorar novas perspectivas disciplinares.</p>	<p>- <b>Práticas de conhecimento:</b> formular perguntas baseadas em lacunas de informação ou rever questões contraditórias, delimitar o escopo apropriado de investigação, lidar com pesquisas complexas, usar diferentes métodos de pesquisa, monitorar as informações e avaliar as debilidades, organizar e sintetizar as informações, tirar conclusões razoáveis. - <b>Disposições:</b> comprometimento com a pesquisa, valorizar as questões e a curiosidade intelectual, manter a mente</p>

	aberta e uma atitude crítica, ter flexibilidade e reconhecer a ambiguidade da investigação, buscar ajuda se necessário, seguir as diretrizes éticas e legais na coleta e uso da informação.
<p><b>Conhecimento acadêmico como diálogo</b></p> <p>As comunidades acadêmicas se envolvem em diálogos sobre novos pontos de vista e novas descobertas ao longo do tempo. Os diálogos são uma prática acadêmica na qual ideias são debatidas e reformuladas por longo período, pois uma pergunta pode não ter uma única resposta. Novas formas de diálogo acadêmico podem fornecer mais caminhos e outros indivíduos podem ter uma voz na conversa, o que permite que o diálogo avance e se fortaleça.</p>	<p>- <b>Práticas de conhecimento:</b> contribuir de modo apropriado com o diálogo acadêmico, identificar barreiras nos diálogos, avaliar as contribuições dos outros nos ambientes participativos, identificar a contribuição acadêmica e reconhecer suas perspectivas acerca do tema.</p> <p>- <b>Disposições:</b> reconhecer e buscar diálogos acadêmicos em sua área de investigação, contribuir com os diálogos, compreender a responsabilidade em participar desses diálogos, valorizar o conteúdo gerado pelo usuário e avaliar as contribuições feitas por outras pessoas, reconhecer que os sistemas privilegiam as autoridades.</p>
<p><b>Busca como exploração estratégica</b></p> <p>A busca por informações geralmente não é linear e interativa, requer a avaliação do arranjo dos recursos informacionais e uma mentalidade flexível para trilhar caminhos alternativos enquanto um novo entendimento se desenvolve. Pesquisar implica perguntar, descobrir e registrar o encontrado, além de identificar as fontes relevantes, e os meios para acessá-las. A busca por informações é uma experiência complexa que afeta e é afetada pelas dimensões cognitivas, afetivas e sociais do pesquisador.</p>	<p>- <b>Práticas de conhecimento:</b> determinar o objetivo da pesquisa, identificar as partes interessadas, que podem produzir informações acerca do tema e determinar como acessar essa informação, combinar as estratégias e as ferramentas de busca apropriadas, compreender como funcionam os sistemas de informação, usar diferentes linguagens de pesquisa, gerenciar os processos e os resultados das buscas.</p> <p>- <b>Disposições:</b> exibir flexibilidade mental e criatividade, entender que as primeiras tentativas de busca nem sempre produzem resultados adequados, perceber que as fontes variam seu conteúdo e sua relevância, buscar orientação do bibliotecário, persistir diante de desafios e saber quando já tem informações suficientes</p>

Fonte: elaborado pela autora, adaptado da ACRL (2016).

Devido à complexidade do ambiente informacional e da realidade de cada instituição, a ACRL (2016) considera importante que bibliotecários e professores compreendam que o *Framework* não foi projetado para ser implementado em uma única sessão, ele é mais efetivo se for integrado e aplicado sistematicamente durante o percurso acadêmico do estudante em vários níveis de aprendizagem.

O *Framework* ACRL (2016) não oferece prescrições rígidas, é uma ferramenta que pode ser adaptada a vários ambientes e a diferentes realidades. É flexível por

apresentar seis quadros com conceitos centrais e independentes que podem ser implementados em qualquer ordem, conforme o contexto educacional e informacional em que se inserem. Os conceitos centrais correspondem às temáticas que devem ser trabalhadas com os estudantes. Cada conceito central possui um conjunto de práticas de conhecimento, que são exemplos de como os aprendizes podem compreender melhor o conceito central e aplicá-lo, e um conjunto de disposições de aprendizagem, que descrevem as formas de abordagem da dimensão de aprendizagem.

A ACRL (2016) orienta os bibliotecários e outros profissionais da informação na institucionalização da competência em informação, para que possam elaborar cursos e outras ações educativas, de modo a conectar as competências com iniciativas de sucesso estudantil, colaborar com a pesquisa pedagógica, envolvendo os estudantes no processo de aprendizagem.

Outro documento importante são as *Characteristics of Programs of Information Literacy that Illustrate Best Practices: a guideline* (ACRL, 2019), baseadas em diversos programas considerados exemplares, pois representam as melhores práticas aplicadas a vários programas analisados pela ACRL e têm a finalidade de orientar o desenvolvimento, a avaliação e a melhoria dos programas de competência em informação em todas as modalidades de cursos. No entanto, as características não prescrevem uma fórmula ideal a ser seguida, pois cada profissional ou instituição irá avaliar sua realidade e determinar suas estratégias de acordo com a necessidade que se apresenta.

O documento é organizado em sete categorias, aqui resumidas:

- a) **Missão, metas e objetivos:** incluir uma definição de competência em informação na missão do programa; alinhar a missão da instituição; integrar ao currículo ou às atividades acadêmicas e estabelecer resultados mensuráveis para a avaliação do programa e dos participantes.
- b) **Planejamento:** implementar o documento; estimular a colaboração entre os profissionais; alinhar o orçamento e os ciclos de planejamento e avaliação.
- c) **Apoio administrativo e institucional:** atribuir liderança e responsabilidades; compreender a função educativa do bibliotecário; prever recursos para as

instalações e equipamentos apropriados; recompensar os profissionais e divulgar avaliações para melhoria contínua.

- d) **Sequenciamento de programas:** vincular o programa com currículo; identificar o propósito, os entendimentos e práticas em nível disciplinar e de curso; estabelecer a progressão; integrar o programa; formalizar e divulgar na comunidade.
- e) **Pedagogia:** ensinar de forma inclusiva e centrada no estudante; estabelecer diferentes abordagens de ensino e aprendizagem; usar as tecnologias e recursos de mídia; promover a reflexão; empregar abordagens instrucionais eficazes.
- f) **Comunicação e *advocacy*:** defender e promover o programa na instituição por meio de comunicações formais e informais; promover e oferecer a colaboração com outros profissionais, identificar metas e compartilhar informações e planos.
- g) **Avaliação:** avaliar todo o processo e o resultado do desempenho do programa e os resultados dos participantes; realizar avaliação formativa e somativa, autoavaliação do participante, dos pares e dos colaboradores (ACRL, 2019).

A ACRL (2019) propõe descrever as melhores características que foram encontradas em vários programas de competência em informação que foram escolhidos por apresentarem as melhores práticas. O texto é estruturado em uma ordem lógica, por categorias, para facilitar o uso, embora indique que não há prioridade. São várias sugestões referentes à adoção de uma declaração de missão, as metas e objetivos a serem alcançados, a especificação dos cursos a serem executados, com o foco baseado nas necessidades informacionais dos sujeitos e as avaliações necessárias para verificar a eficiência e eficácia de um programa.

## 2.2 A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NO BRASIL

No início dos anos 2000, surgiram as primeiras discussões acerca da *Information Literacy* no Brasil, destacando-se a professora Sônia Elisa Caregnato (2000) como

pioneira. Seu estudo relaciona o compromisso da biblioteca universitária no desenvolvimento de habilidades informacionais em ambiente digital e conclui que as bibliotecas devem estar preparadas para prestar serviços de qualidade e, portanto, necessitam aprender a lidar com as tecnologias necessárias e com as novas demandas que surgem no âmbito da educação, por exemplo, a questão da educação do usuário a distância, que se apresenta como uma oportunidade relevante e também como um desafio para as bibliotecas universitárias. No entendimento de Caregnato (2000), a rede mundial de computadores renova a educação, mas os estudantes remotos ou presenciais, precisam desenvolver habilidades específicas para lidar com o universo informacional cada vez mais digital e conectado.

No contexto da terminologia no Brasil, surgiram várias expressões para traduzir o termo *Information Literacy*: letramento informacional, alfabetização informacional, habilidade informacional, competência informacional e competência em informação. Os primeiros pesquisadores adotavam o termo original, *Information Literacy*, como Hatschbach (2002), que assim utilizou no título da sua dissertação de mestrado. Contudo, a autora menciona em seu trabalho que a expressão competência em informação é a que melhor traduz a expressão para a língua portuguesa brasileira, devido à sua abrangência e à conotação positiva da palavra competência, que tem o sentido de progredir e evoluir.

Da mesma maneira, Dudziak (2003) afirma que a forma mais adequada é a competência em informação, pois denota um saber de agir de forma responsável e reconhecida. Já Campello (2003) adota o termo competência informacional e menciona que o termo está em construção. A autora caracteriza o letramento informacional como uma condição do aprender a ler ou a escrever e que, portanto, estaria relacionado ao uso no âmbito da educação básica.

Ao longo do tempo, a maioria dos pesquisadores adotaram diferentes termos. Segundo Gasque (2013), os conceitos se inter-relacionam, no entanto, a alfabetização informacional se refere aos primeiros contatos do indivíduo com o ambiente informacional no processo de letramento, geralmente iniciado na educação infantil. Logo, o letramento informacional é um processo de desenvolvimento de competências para solucionar as necessidades de informação, por meio do aprendizado consciente e

reflexivo, que possibilita tomar decisões com relação à busca e à seleção da informação para seu uso.

Para Gasque (2013), a competência em informação se denota por meio de competências também desenvolvidas no processo de letramento informacional e são baseadas na capacidade do indivíduo em usar seu conhecimento prévio para resolver as demandas de informação de forma ética e legal. Já a habilidade informacional que corresponde a cada ação utilizada para atingir a uma competência específica dentro do processo informacional.

A autora procura definir cada termo, segundo a fase de aprendizagem em que o aprendente se encontra dentro do processo de desenvolvimento da competência em informação (GASQUE, 2013). Apesar de apresentarem relação de sentido, os termos não devem ser usados como sinônimos por refletirem ideias e ações diferentes (GASQUE, 2016). Os conceitos possuem uma relação próxima, uma vez que são empregados para designar um processo de internalização de conhecimentos e habilidades específicas relacionadas a técnicas de pesquisa e ao uso das TICs, e de relacionar as competências às atitudes proativas do sujeito em buscar e usar a informação, a fim de resolver suas demandas pessoais e profissionais.

Após um longo estudo, que teve a participação de vários especialistas de diversos países, a UNESCO, por intermédio do pesquisador Horton Júnior (2014), publicou uma lista com a tradução mais adequada de *Information Literacy* para várias línguas no mundo e passou a adotar esses termos na sua logomarca. O termo competência em informação foi apresentado como a forma mais conveniente para a língua portuguesa no Brasil (BELLUZZO, 2017). A partir de então o termo, passou a ser adotado pela maioria dos pesquisadores brasileiros.

Com relação às variantes terminológicas empregadas pelos pesquisadores brasileiros, Santos (2017) argumenta que, ao longo do tempo, foram apresentadas diversas traduções para *Information Literacy*, mas que o termo competência em informação passou a ser aceito pelos profissionais da informação e que as outras expressões surgiram em conjunturas históricas diferentes. Portanto, cada expressão tem seu contexto de uso, que deve ser empregado em consonância com a abordagem utilizada pelo pesquisador e, não raro, as definições se complementam.

Em decorrência da evolução das pesquisas, os conceitos estão em constante processo de reflexão e reelaboração. Nesse contexto, a palavra competência foi associada à linguagem jurídica desde a Idade Média. Com o passar do tempo, atribuía-se, socialmente, a competência a alguém capaz de se pronunciar a respeito de um assunto e, mais tarde, passou a qualificar um indivíduo que fosse capaz de realizar um determinado trabalho (BELLUZZO, 2018). A competência está vinculada a várias situações da vida pessoal e profissional. Ela se relaciona com a capacidade de aprender a aprender, centrada na responsabilidade do sujeito pelo seu próprio aprendizado e na noção de cidadania e de bem-estar social.

Segundo Fleury e Fleury (2001) a competência se define como uma habilidade de saber agir de modo responsável e reconhecido, que exige saber mobilizar recursos e conhecimentos que agreguem valor, saber comunicar conhecimentos, saber aprender, ser comprometido, saber assumir responsabilidades e desenvolver estratégias. Assim, a competência é um atributo do indivíduo de ser competente e contribuir para que outras pessoas também venham a ser.

Por conseguinte, o sujeito é considerado competente em informação quando desenvolve habilidades e atitudes específicas para reconhecer a sua necessidade de informação e é capaz de selecionar, saber acessar e comunicar com eficiência e eficácia a informação, considerando as questões econômicas, legais e éticas do contexto social ao qual pertence. A competência evoca uma conduta responsável e reconhecida com relação à obtenção e ao uso da informação, sendo um

[...] processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida [...] (DUDZIAK, 2003, p. 28).

Nessa perspectiva, Dudziak (2003) faz uma análise conceitual da evolução do conceito da competência em informação a partir de três concepções: a *concepção ou nível da informação*, que tem a ênfase na habilidade de uso da tecnologia da informação com vistas a acessar a informação em ambiente eletrônico; a *concepção ou nível de conhecimento*, que enfatiza o indivíduo, sua percepção da informação e como utiliza suas habilidades e conhecimentos para realizar as buscas e usar a informação

que necessita; e a *concepção ou nível da inteligência*, que tem o foco na manutenção do aprendizado ao longo da vida, por meio da articulação de conhecimentos, habilidades e valores que remetem o sujeito a uma condição pessoal e social distinta, tornando-o um cidadão mais consciente.

O conceito engloba aspectos de uso da tecnologia da informação e da capacidade de aprendizagem, no sentido de que o indivíduo utiliza a tecnologia como uma ferramenta para alcançar seus propósitos educacionais, pessoais e sociais, contribuindo com um futuro mais promissor para si e para a coletividade. A competência em informação deve incorporar um estado perene de aprendizado, em que a biblioteca, o bibliotecário, o estudante e demais profissionais fazem parte de um grande sistema social em que todos devem ter a oportunidade de se tornarem competentes em informação (DUDZIAK, 2003).

Para Vitorino e Piantola (2009), a competência em informação se apresenta como um conceito dinâmico, em constante crescimento, no sentido de abarcar cada vez mais habilidades necessárias na atualidade. Desse modo, a competência é inseparável da ação, sendo, entretanto, mais que um conjunto de conhecimentos, aptidões e qualidades que habilitam o sujeito para a tomada de decisões. Ela tem um componente social que modifica os níveis de conhecimento e favorece o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade como um todo. Isso porque tudo está conectado, o sujeito recebe as informações, acrescenta sua experiência e pontos de vista, transforma em novos conhecimentos e dissemina para que outros possam corroborar e dar sua contribuição.

Belluzzo, Kobayashi e Feres (2004, p. 95) afirmam que "[...] desenvolver a competência em informação na sociedade do conhecimento significa ter habilidades para encontrar, avaliar, interpretar, criar e aplicar a informação disponível na geração de novos conhecimentos". E que não obstante o uso das tecnologias que dão acesso à informação é preciso considerar a inclusão de políticas públicas para a inclusão digital das pessoas menos afortunadas, para que todos tenham a oportunidade de aprendizagem.

O acesso à informação é uma questão de cidadania, no entanto a informação por si só não resolve, é preciso ter uma formação que habilita o indivíduo na resolução de

problemas práticos no âmbito pessoal e profissional, propicia o reconhecimento de direitos e o cumprimento das obrigações legais decorrentes da vida em sociedade. A formação ajuda a reconhecer e combater o uso de informações falsas, diminuir e punir as injustiças contra a pessoa, o meio ambiente e outros abusos decorrentes do uso inadequado da informação e da tecnologia.

Com o passar do tempo e com o incremento das pesquisas surgiram novas visões e entendimentos no âmbito do ensino e da aprendizagem e na relação do sujeito com o mundo cada vez mais tecnológico e fluido, que oferecem inúmeras oportunidades, mas que também cobram que o indivíduo se atualize constantemente, sob risco de ficar obsoleto. Sob o ponto de vista de Belluzzo e Feres (2016) para que haja a construção do conhecimento e o aprendizado ao longo da vida é necessária uma tríade: inteligência, criatividade e competência em informação. Trata-se de

[...] desenvolver as habilidades para reconhecer necessidades de informação e satisfazê-las por meio da localização e avaliação; desenvolver processos mais complexos que vão além do simples manejo e processamento das informações, implicando também no desenvolvimento de habilidades cognitivas que lhes permitam acessar e selecionar diferentes documentos de fontes de informação de natureza vária, agregando-lhes valor, transformando os dados em informação e a informação em conhecimento (BELLUZZO; FERES, 2016, p. 127).

No entendimento das autoras, esses fatores são muito importantes e, se trabalhados juntos, proporcionam um melhor aproveitamento do aprendizado e, conseqüentemente, melhoram as condições de vida do sujeito. O uso inteligente e criativo da informação corresponde a um movimento interno e pessoal, seja uma capacidade em articular saberes e atitudes previamente adquiridos em decorrência de sua vivência, com novos conhecimentos, de modo consciente e independente.

A criatividade e a autonomia são características particulares de cada indivíduo e estão vinculadas aos aspectos cognitivos, os quais são influenciados também pelo meio social. De acordo com Alcará (2021), a evolução da ColInfo trouxe uma perspectiva sociológica, uma vez que os contextos externos influenciam nas ações e decisões das pessoas. A autora aborda que é importante pensar a competência em informação de modo a promover a autonomia e o sentimento de pertencimento, que estimula e motiva

o ser humano a estudar e a se posicionar melhor diante das demandas sociais e profissionais.

No entanto, Alcará (2021) faz um alerta de que é necessário não só identificar as habilidades dos sujeitos, mas também as dificuldades que os impedem de exercer seu direito à informação e, principalmente, quais conhecimentos precisam dominar para desenvolver suas competências e de que modo deve-se promover essas ações no âmbito do desenvolvimento da competência em informação. Em resumo, é produzir um movimento de procurar entender o outro e os contextos em que se inserem no âmbito educacional e social.

As pesquisadoras Vitorino e Piantola (2009, 2011) realizam estudos que relacionam a competência em informação a uma perspectiva dimensional. São as dimensões técnica, estética, política e ética, que devem estar inseridas no processo de ensino da Colnfo, através de uma perspectiva filosófica que possibilite a inclusão das dimensões de modo equilibrado e razoável, conforme detalha o Quadro 2 a seguir:

**Quadro 2 – Dimensões e aplicação da competência em informação**

<b>Dimensão</b>		<b>Aplicação</b>
<b>Técnica</b>	Ação pragmática ligada a aprimorar ou aprender a localizar, avaliar e usar a informação, por meio de instrumentos específicos e de habilidades pessoais.	A competência em informação desenvolve no indivíduo capacidades e habilidades de acessar (encontrar, avaliar e usar) eficientemente a informação e de utilizar as ferramentas de TIC.
<b>Estética</b>	Percepções relacionadas à sensibilidade do indivíduo no âmbito da criatividade, da intuição e da reflexão.	Modo particular do indivíduo de expressar a informação de maneira criativa, harmônica e bela no contexto individual e social.
<b>Política</b>	Capacidade de reconhecer as facetas da informação e de exercer a cidadania de modo ativo e responsável.	Postura crítica diante das informações, nas escolhas das fontes de pesquisa e na análise do contexto do discurso.
<b>Ética</b>	Conduta responsável e crítica no uso e disseminação da informação.	Prioriza a atitude de respeito à propriedade intelectual, aos direitos do autor, à preservação da memória e disseminação de informações verdadeiras e referenciadas, com base no uso de fontes confiáveis.

Fonte: adaptado de Vitorino e Piantola (2011).

As dimensões são intercambiáveis, assim a dimensão técnica é baseada numa conduta prática e objetiva, que exige competências específicas, além de um desejável grau de criatividade e da adoção de uma conduta ética, sob pena de implicações legais e morais. Da mesma forma, a ética pressupõe o uso de habilidades técnicas e dá subsídios para a dimensão política, que se fundamenta na promoção do crescimento pessoal e social. Essas dimensões interagem com a estética, a fim de obter uma convivência harmônica, equilibrada e criativa (VITORINO; PIANTOLA, 2011). As quatro dimensões se inter-relacionam e são necessárias no aprimoramento da competência em informação, favorecendo a aprendizagem de modo independente, criativo e responsável, e têm relevante influência na construção da aprendizagem para uma sociedade mais igualitária e justa.

Com vistas a suprir as lacunas e necessidades de estudos no campo da competência em informação, Belluzzo (2017) realiza uma pesquisa sobre o estado da arte do referido tema no Brasil no período de 2000 a 2016. A autora apresenta uma descrição dos 13 indicadores sistemáticos que podem ser empregados para a análise da produção de pesquisa científica no intuito de melhor orientar o processo decisório, a organização e a aplicação de pesquisas. Os indicadores são úteis para fazer comparações, analisar tendências, detectar deficiências e necessidades de aprofundamento em determinados campos. No Quadro 3 são apresentados os indicadores relacionados à competência em informação:

**Quadro 3** – Indicadores de Belluzzo (2017)

1	Questões terminológicas
2	Contextos e abordagens teóricas
3	Políticas e estratégias
4	Inclusão social e digital
5	Ambiente de trabalho
6	Cidadania e aprendizagem ao longo da vida
7	Busca e uso da informação
8	Boas práticas
9	Gestão da informação, gestão do conhecimento e inteligência competitiva
10	Bibliotecas, bibliotecários e arquivistas

11	Mídia e tecnologias
12	Diferentes grupos ou comunidades
13	Tendências e perspectivas

Fonte: adaptado de Belluzzo (2017).

A construção dos indicadores contribui com a base teórica para o campo da competência em informação e serve de referência para que outros profissionais da informação possam realizar suas pesquisas, a partir de comparações das tendências e da análise dos segmentos que demandam maior atenção e mais estudos no âmbito do cenário nacional (BELLUZZO, 2017). Os indicadores são baseados em um *cluster* de informações direcionadas a um fim, na intenção de determinar os resultados e impactos decorrentes do processo de desenvolvimento da ColInfo, tanto qualitativa quanto quantitativamente.

Mata (2021) utiliza os 13 indicadores de Belluzzo (2017) para realizar uma análise das contribuições da competência em informação para a Ciência da Informação, com base na produção científica dos anais do Encontro Nacional de Pós-Graduação em Ciência da Informação (Enancib), no período de 2015 a 2019. Como resultado, a autora verificou que houve um aumento significativo no quantitativo de trabalhos referentes à ColInfo nos últimos dois anos, sendo que as abordagens que apresentaram mais contribuições foram as relativas aos indicadores 2 - contextos e abordagens teóricas e no indicador e10 - bibliotecas, bibliotecários e arquivistas, com 20 trabalhos apresentados, e ao indicador 7 - busca e uso da informação, que apresentou a quantidade de 12 trabalhos. Apenas o indicador 3 - políticas e estratégias não apresentou nenhum trabalho nesse período.

No entendimento de Mata (2021), há crescente interesse pelo campo da competência em informação no Brasil, desde a publicação dos primeiros estudos no início dos anos 2000, sendo possível visualizar as temáticas com maior aceitação e as tendências das pesquisas. Portanto, a utilização dos indicadores auxilia no agrupamento das publicações por área temática, em busca de quantificar e qualificar os assuntos mais abordados, os que apresentam maior interesse por determinados segmentos profissionais e as possíveis carências que devem ser analisadas e incentivadas para que o campo possa evoluir.

A partir de pesquisas, Santos (2017, 2020) desenvolveu uma proposta de *Framework*, pois se trata de “[...] uma estrutura que melhor se adequa à promoção, ao desenvolvimento e à implantação dessa competência em bibliotecas” (SANTOS, 2020, p. 129). O *Framework* de Santos (2020) demonstra como desenvolver e implantar a competência em informação em bibliotecas a partir de quadros ou estruturas de trabalho que trazem a ideia central com conceitos e contextos; os marcos gerais que correspondem às disposições didáticas para aplicar a ideia central e as linhas de ação, que são a aplicação dos marcos gerais. Sua estrutura é dividida em três níveis de aplicabilidade: nível institucional; de ensino; e de aprendizagem, que englobam ações e práticas institucionais relativas ao ensino e à aprendizagem da ColInfo:

- a) *Framework* em nível institucional: tem foco na instituição, considera o cenário e contexto da biblioteca e como será planejada e implantada a competência em informação nessa realidade. Esse nível possibilita um diagnóstico da biblioteca, de suas ações educativas e sua relação com a instituição à qual pertence.
- b) *Framework* em nível de ensino: o intuito é verificar a competência dos profissionais, saber como eles entendem e se relacionam com os princípios e as práticas da competência em informação, uma vez que eles são os profissionais mais qualificados para elaborar e implantar tais ações na biblioteca.
- c) *Framework* em nível da aprendizagem: tem por meta a aplicação da ideia primordial de desenvolvimento da competência nos usuários, por meio de ações didático-pedagógicas, de modo que a aprendizagem seja efetiva, privilegiando a análise reflexiva das informações, o desenvolvimento da autonomia da aprendizagem e a valorização com os princípios éticos e da responsabilidade social.

Os conceitos apresentados são resumidos pela autora mediante a apresentação da Figura 1:

**Figura 1** – *Framework* para a competência em informação em unidades de informação



Fonte: Santos (2020, p. 142)

A figura sintetiza os três níveis do *Framework* proposto por Santos (2020). São orientações que podem ser adaptadas às necessidades da biblioteca, pois foram desenvolvidas para orientar os bibliotecários a como iniciar seu planejamento dentro da instituição e a desenvolver as ações educativas, realizar parcerias com outros profissionais e correlacionar as metas e os objetivos às necessidades dos indivíduos e ao conteúdo das ações.

O indivíduo que tem a oportunidade de desenvolver suas competências e habilidades em lidar com o ambiente da informação se sentirá motivado a buscar mais conhecimentos e a aprender novas habilidades. Como resultado pode atingir um nível educacional mais elevado e conseguir planejar melhor a sua carreira profissional, sabendo reconhecer as oportunidades que lhe são oferecidas, inclusive, pode contribuir para que outras pessoas do seu círculo social também se desenvolvam e se reconheçam como cidadãos.

### 2.3 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, BIBLIOTECÁRIOS E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Historicamente as bibliotecas organizam, preservam e disseminam os saberes nelas depositados. Com o passar do tempo as bibliotecas evoluíram junto com a sociedade e não se intimidaram diante das previsões de extinção do uso do papel, antes disso, adaptaram-se às TICs e as utilizam para cumprir sua função educacional e social.

Instituições tradicionais e seculares, as bibliotecas universitárias que surgiram junto com as primeiras universidades e em decorrência da necessidade de acesso direto ao conhecimento iniciam seu processo de afastamento da influência religiosa no século V. Desde então, as bibliotecas universitárias desempenham um trabalho muito relevante na sociedade, uma vez que apoiam o desenvolvimento científico, tecnológico, cultural e social (NUNES; CARVALHO, 2016). Dessa maneira, as bibliotecas se firmaram como espaços de preservação do conhecimento e de interação social e cultural.

Em decorrência das demandas de acesso à informação, a biblioteca evolui paralelamente ao desenvolvimento científico e tecnológico. No entanto, ela nem sempre está à frente nessa corrida, por causa das circunstâncias sociais, econômicas e políticas locais e nacionais. Segundo Nunes e Carvalho (2016), as bibliotecas vinculadas ao ensino superior disseminam o conhecimento e favorecem a aprendizagem dos estudantes por meio dos materiais que organizam e das ações de aprendizagem que realizam.

É importante salientar seu papel educacional, uma vez que, no ambiente universitário, as bibliotecas têm a função central de atender a comunidade acadêmica segundo os objetivos, a missão e as metas da instituição e, por isso, direcionam seus acervos e serviços à essa comunidade, com o propósito de contribuir com a formação educacional e cultural dos estudantes, no desenvolvimento de pesquisas e na comunicação da produção científica e tecnológica.

A biblioteca universitária realiza “[...] a difusão do conhecimento com a aplicação de recursos humanos e materiais na perspectiva da criação de redes de informação, da

formação de competência em informação, e da construção do protagonismo social dos indivíduos” (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 191). Tais espaços contribuem com a formação intelectual e com o crescimento social, uma vez que desperta a reflexão acerca das oportunidades e das condições de acesso à informação.

O fluxo informacional aumenta vertiginosamente, e as bibliotecas devem desafiar-se aos novos paradigmas da informação adotando práticas inovadoras dentro do processo educacional, e, assim, transformarem-se em provocadoras de mudanças nas instituições em que atuam (DUDZIAK, 2003). Mais que espaço de leitura, a biblioteca acompanha a evolução social e contribui para o crescimento do sujeito. Nesse sentido,

[...] as bibliotecas universitárias favorecem a aprendizagem dos estudantes, não apenas oferecendo o conhecimento que está acumulado nos diversos documentos em diferentes suportes os quais ela administra, mas também a partir de ações concretas que visam otimizar o desenvolvimento de estudantes e de equipes de pesquisadores no espaço informacional, através de ações de aprendizagem (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 183).

São ambientes propícios à prática de ações educativas voltadas para a promoção e o desenvolvimento da competência em informação. Desse modo, “o desenvolvimento, a produção e a geração de informação, conhecimento, ciência, tecnologias e inovação fazem emergir novas necessidades e delineamentos das ações, práticas e serviços que se processam nas bibliotecas” (SANTOS, 2020, p. 130), sendo o bibliotecário, naturalmente, indicado como um profissional potencialmente capacitado para executar tais ações, devido à formação (MATA, 2014). Pelo contexto informacional, ao qual se insere, ele é requisitado a se capacitar constantemente para acompanhar as demandas dos usuários.

O próprio bibliotecário precisa se autodesenvolver para aprimorar suas competências, habilidades técnicas e pessoais, visando “[...] lidar com a variedade de suportes, tipos de informação e modos de acesso, transferência, pesquisa, fontes, usos e treinamento de usuário” (CAVALCANTE, 2006, p. 56). E, assim, agregar mais conhecimentos e habilidades profissionais, preparando-se para exercer sua atribuição de educador na instituição em que trabalha e na vida.

A fim de compreender e diferenciar o que pode ser considerado uma competência e uma habilidade, recorre-se a Belluzzo, Santos e Almeida Junior (2014, p. 63), que definem:

- *Competências*: constituem um conjunto de conhecimentos, atitudes, capacidades e aptidões que habilitam alguém para vários desempenhos da vida. As competências pressupõem operações mentais, capacidades para usar as habilidades e emprego de atitudes adequadas à realização de atividades e conhecimentos.
- *Habilidades*: acham-se ligadas a atributos relacionados não apenas ao saber-conhecer, mas ao saber-fazer, saber-conviver e ao saber-ser.

As competências e as habilidades são uma série de conhecimentos e aptidões que podem ser desenvolvidas ou aprimoradas, sendo incorporadas ao rol de experiências anteriormente adquiridas, que dão condições ao indivíduo de aprender mais e melhor durante sua vida. A competência em informação oportuniza que o sujeito aprenda a dominar certas competências e habilidades no manejo da informação, questione, avalie e dissemine o conteúdo encontrado, com responsabilidade e compromisso ético.

Para Santos e Alcará (2018), é preciso esclarecer o que é uma competência, uma vez que ela está atrelada às técnicas e a maneiras de executar uma tarefa, podendo ser adaptadas conforme a demanda informacional vigente. Segundo as autoras, a competência “[...] é um conjunto de habilidades adquiridas por meio de estudos e formações que visam facilitar os processos de busca e uso da informação” (SANTOS; ALCARÁ, 2018, p. 159).

Os contextos informacionais contemporâneos impulsionam os bibliotecários e demais profissionais da informação a refletirem sobre novas formas de desenvolverem suas funções, por meio do aperfeiçoamento de habilidades, da aprendizagem de novas tecnologias e do desenvolvimento de competências, com o intuito de evoluírem profissionalmente, de promoverem novos serviços ou atividades dentro da biblioteca e, principalmente, de realizarem seu trabalho da melhor maneira possível para o atendimento das necessidades dos usuários.

No entendimento de Mata (2014), tanto as bibliotecas como os bibliotecários desempenham um papel essencial na elaboração e execução de programas de competência em informação e precisam estar preparados para atuar nesse processo de

ensino e de aprendizagem de competências necessárias à busca e ao uso eficiente da informação. Esses profissionais precisam descobrir novas maneiras para desempenhar sua função de educador e devem estar atentos às novas conjunturas em que as informações são produzidas e comunicadas, bem como às novas ferramentas tecnológicas que são disponibilizadas diariamente, sendo que essas devem ser criteriosamente avaliadas pelos profissionais e pelas bibliotecas para que sejam eficazmente utilizadas.

Segundo Dudziak (2003) o processo de cooperação entre gestores, professores e demais profissionais com o bibliotecário é um dos princípios para o desenvolvimento de programas de competência em informação, a depender de sua habilidade de se relacionar com a comunidade acadêmica. O bibliotecário desempenha o papel de educador quando, além das habilidades profissionais necessárias, ele direciona sua intencionalidade para o aprendizado do estudante e ambos aprendem. Dessa maneira, a experiência é relevante para ambos e modifica a vida do aprendiz (DUDZIAK, 2003).

O bibliotecário educador deve ser capaz de articular parcerias e entender como pode contribuir com o contexto da competência em informação, desde o planejamento, a execução e a avaliação das ações educativas e da aprendizagem dos participantes. É necessário buscar a colaboração dentro das instituições de ensino, sendo que a cooperação do docente com o bibliotecário é de fundamental importância para o desenvolvimento de ações e/ou programas dessa natureza (CAVALCANTE, 2006; BARBOSA; MATA; PEREIRA, 2020).

O perfil do bibliotecário como educador é reiterado pela ACRL por meio da mudança terminológica que foi realizada a partir da revisão dos *Standards and Proficiencies for Instruction Librarians and Coordinators* (2007), que passaram por uma atualização em 2017, quando foram elaboradas as *Roles and Strengths of Teaching Librarians* (ACRL, 2017). O texto muda o termo “proficiência” para “funções” e “bibliotecário de instrução” para “bibliotecário educador”, evidenciando a importância do ensino nos vários contextos. O documento apresenta as funções e os pontos fortes do bibliotecário educador mediante uma abordagem contextual e mais abrangente das atividades a serem realizadas pelo profissional, conecta o contexto mais amplo com

aplicações mais práticas e simplifica o documento. Sua estrutura passa a ser baseada em conceitos, com foco nos pontos fortes das funções do profissional.

O documento pretende ser uma ponte entre o conceito e a prática, ao adotar uma perspectiva integral das diversas nuances do trabalho do bibliotecário educador, ao invés de simplesmente listar as possíveis habilidades que os profissionais deveriam apresentar para realizar seu trabalho; seu pressuposto é identificar os papéis e pontos fortes dos bibliotecários educadores no seu fazer cotidiano (ACRL, 2017).

Segundo Okada e Alcará (2021) o bibliotecário educador necessita desenvolver não só habilidades técnicas obtidas na sua formação acadêmica, ele precisa buscar outras fontes de conhecimento e estar disposto a aprender sempre. Desse modo, além da dimensão técnica desejável e potencialmente adquirida na sua trajetória educacional e profissional, é preciso estar atento à dimensão estética (VITORINO; PIANTOLA, 2011) e observar as subjetividades inerentes ao comportamento do ser humano, para entender as demandas dos sujeitos no contexto institucional ao qual pertence.

A ACRL (2017) tem uma estreita relação com os conceitos, práticas de conhecimento e disposições descritas no *Framework*, uma vez que foi estruturado com base em conceitos amplos e abrangentes que se configuram em sete papéis que o bibliotecário educador desempenha: de defensor, coordenador, designer instrucional, aprendiz permanente, líder, educador e parceiro de ensino, conforme o Quadro 4. Tais papéis visam ao entendimento do papel do bibliotecário no ecossistema da informação, diante do cenário de mudança do ambiente universitário, onde os sujeitos vão aprender a lidar com esse contexto e seus diferentes níveis de complexidade de acordo com sua capacidade individual.

**Quadro 4 - Papéis e pontos fortes do bibliotecário educador**

<b>PAPÉIS</b>	<b>ATITUDES DO BIBLIOTECÁRIO EDUCADOR</b>
<b>Defensor</b>	Advoga em favor da competência em informação na sua instituição e fora dela, defende o papel da biblioteca na aprendizagem, realiza parcerias com docentes, comunica o valor da Colnfo e dos resultados de aprendizagem.
<b>Coordenador</b>	Coordena, desenvolve e mantém um programa de Colnfo, atua com diplomacia, inteligência emocional, perspicácia política e comunicação inclusiva para lidar com as adversidades.

<b>Designer instrucional</b>	Elabora materiais instrucionais, ferramentas de avaliação e objetos de aprendizagem, colabora com professores e bibliotecários, avalia e ajusta os materiais e se mantém atualizado com as inovações tecnológicas.
<b>Eterno aprendiz</b>	Curioso, aberto e flexível, busca novas oportunidades de aprendizado ao longo da carreira, explora novas abordagens de ensino para se atualizar.
<b>Líder</b>	Lidera pelo exemplo, na biblioteca, nos contextos do <i>campus</i> , da profissão e da comunidade, estabelece credibilidade com outros bibliotecários, cria um ambiente de aprendizado positivo, confiança e reflexão, operacionaliza a ColInfo e constrói autoridade organizacional.
<b>Educador</b>	Interage com os estudantes, emprega as melhores práticas de ensino e aprendizagem para integrar a ColInfo ao ensino superior, faz parcerias e motiva o estudante, adapta diretrizes e conceitos ao seu ambiente informacional.
<b>Parceiro de ensino</b>	Colabora em diferentes ambientes de ensino com professores e demais profissionais do <i>campus</i> , valoriza as contribuições dos demais, constrói um ambiente de confiança e respeito.

Fonte: adaptado da ACRL (2017).

A ACRL (2017) deixa claro que não pretende que os bibliotecários educadores exerçam todos os papéis ou trabalhem em todas as funções descritas no documento. Outrossim, pretende inspirar os profissionais a exercer novos papéis. Espera-se que o bibliotecário seja proativo e autodirigido na sua própria aprendizagem e procure expandir seus conhecimentos e habilidades, para seu crescimento pessoal e profissional.

Belluzzo (2011) estabelece uma reflexão acerca do perfil do profissional da informação e da descrição das competências relacionadas à sua atuação no ambiente universitário. A autora menciona que pesquisas têm acompanhado a formação desses profissionais, tanto no âmbito internacional quanto no nacional. Dentre as competências citadas, estão as relacionadas ao conhecimento e uso das TICs, à habilidade em se comunicar, ao conhecimento de idioma estrangeiro, à gestão da informação, dentre outras habilidades profissionais, bem como às relações interpessoais com colegas e usuários e às responsabilidades sociais ligadas à disseminação da informação.

No âmbito nacional, Belluzzo (2011) cita a importância de entidades como a Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (Abecin) e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ancib) para as pesquisas na área da informação e do desenho de um perfil profissional com base em competências. Todavia, a autora conclui que “[...] não há um argumento consensual acerca das competências que devem ser desenvolvidas pelos profissionais da informação” (BELLUZZO, 2011, p. 68). Tal situação prejudica a elaboração de parâmetros direcionados a uma formação orientada às tendências e às necessidades do mercado.

Relacionar as habilidades do bibliotecário é uma árdua empreitada, que vai depender inclusive do perfil pessoal desse profissional, além disso é preciso levar em consideração algumas variáveis, tais como as necessidades da comunidade acadêmica, os vários contextos e os recursos necessários para execução das ações educativas (OKADA; ALCARÁ, 2021). Portanto, não se trata apenas de desenvolver habilidades técnicas por parte do bibliotecário, é preciso respeitar as características individuais de cada profissional, pois nem todos compartilham desse perfil ou têm habilidades para trabalhar com ações de desenvolvimento da competência em informação.

Ambientes dinâmicos como as bibliotecas universitárias necessitam de profissionais com competências e habilidades específicas e diversificadas para acompanhar as demandas emergentes e que, portanto, devem estar continuamente refletindo sobre suas práticas profissionais e em como podem aprender mais e melhor para não ficarem ultrapassados. Só com o aprendizado contínuo ao longo da vida é que o bibliotecário pode expandir seus conhecimentos e contribuir com o aprendizado de outros sujeitos.

Segundo Belluzzo (2011), a atual conjuntura de transformações globais baseada no avanço tecnológico proporciona muitas oportunidades aos profissionais da informação, no entanto, deve haver um comprometimento deles com os ideais de crescimento pessoal e profissional. Trata-se de um real posicionamento diante de uma comunidade que se transforma continuamente e que apresenta demandas informacionais cada vez mais variadas e específicas.

Em todos os âmbitos profissionais estão aflorando novas necessidades e o que mais se busca são atitudes tais como: de receptividade perante às mudanças, saber atuar como um aliado junto à consecução da missão, objetivos e valores das organizações, ser capaz de enfrentar desafios e os compromissos assumidos de maneira inovadora (BELLUZZO, 2011, p. 59).

O bibliotecário precisa ir além da sua formação e superar as expectativas de sua função e fazer a diferença no seu ambiente profissional, assumir seu papel de agente educacional e transformador social, pois seu futuro profissional depende de sua competência e atitudes diante das oportunidades e das adversidades que se apresentam.

Vitorino e Piantola (2020, p. 164) relatam que “desenvolver a competência em informação nas pessoas requer desenvolvê-la em si mesmo [...]”. Cada profissional tem uma gama de habilidades, que devem ser atualizadas continuamente por meio da aprendizagem permanente e da internalização de atitudes e capacidades para trabalhar com situações que requerem o uso de tecnologias e o manejo de informação em diferentes suportes.

Belluzzo (2011) questiona se estamos aptos a enfrentar os diferentes desafios da globalização da informação. Nesse sentido, é preciso

[...] refletir sobre a necessidade de se identificar quais seriam as novas competências associadas a tais perfis e suas dimensões consideradas necessárias ao profissional da informação para enfrentar esses cenários de mudanças e de novas tendências, diante da importância da percepção que os clientes/usuários têm acerca da imagem do profissional da informação na sociedade contemporânea (BELLUZZO, 2011, p. 61).

Mesmo sem uma definição ou consenso acerca das competências necessárias aos bibliotecários, até porque as realidades profissionais são diferentes e ninguém sabe tudo de tudo, para Belluzzo (2011), na atualidade, além de saber manejar bem a informação e o conhecimento, é preciso humanizá-los para que possam ser ferramentas construtivas e educativas. Afinal, o objetivo maior é a evolução da sociedade, para uma condição mais justa e equilibrada em termos de direitos e oportunidades.

Para Okada e Alcará (2021) o bibliotecário além de educador, também exerce o papel de multiplicador de competências. Portanto,

[...] não basta que o bibliotecário somente se atualize, desenvolva habilidades e explore as já existentes, mas há a urgência em identificar nos usuários potencialidades, transformar o aprendizado em uma linha de contribuição mútua, onde ambos sejam beneficiados, tanto o aprendiz quanto o educador (OKADA; ALCARÁ, 2021, p. 793).

As autoras defendem que o bibliotecário além das habilidades técnicas, deve estar atento as necessidades dos usuários, por meio de uma escuta ativa, sendo importante estabelecer uma relação de empatia, a fim de encontrar outras fontes de conhecimento para solucionar as demandas da comunidade (OKADA; ALCARÁ, 2021). Para as autoras, o bibliotecário educador multiplica habilidades durante as ações educativas que realiza.

O desenvolvimento de capacidades e atitudes para lidar com o ambiente informacional é uma tarefa que pode alcançar vários contextos, sendo que

[...] os bibliotecários, como parte da comunidade de aprendizagem e como especialistas na gestão da informação, devem ou deveriam assumir o papel principal no ensino das habilidades em informação. Por meio da criação de programas integrados aos currículos junto com os professores, os bibliotecários devem contribuir ativamente com o processo educativo dos alunos em seus esforços para a melhoria ou o desenvolvimento das habilidades, conhecimentos e valores necessários à sua conversão em aprendizes ao longo da vida (LAU, 2007, p. 4).

Os bibliotecários, de modo geral, são indicados como os principais responsáveis pela divulgação e promoção da competência em informação, no entanto, no contexto brasileiro, eles não têm recebido uma formação curricular para desenvolver suas habilidades pessoais; e tal fato se repercute na falta de programas voltados para essa temática, uma vez que os próprios bibliotecários não se sentem habilitados para os promoverem (GONÇALVES; CUEVAS-CERVERÓ; 2016).

Para Mata (2014, p. 74), “[...] é fundamental que a Competência Informacional seja trabalhada nos cursos de Biblioteconomia e de Informação e Documentação [...]”. A autora menciona que existe uma carência de profissionais capacitados para criar e implementar programas dessa natureza. Tal situação é um sintoma de que os cursos de Biblioteconomia nem sempre preparam os bibliotecários para atuarem neste campo de conhecimento. Os bibliotecários enfrentam um paradoxo entre a exigência de sua profissão e a formação acadêmica que receberam (GONÇALVES; CUEVAS-

CERVERÓ, 2016). Trata-se, portanto, de buscar motivação para realizar a atualização de seus conhecimentos e para aprender a aprender.

Segundo Santos, Mata, Maia, Ribeiro, Azevedo, Alves e Farias (2021), outra questão importante é a habilidade pedagógica do bibliotecário para atuar como educador no ambiente informacional. Daí surge a necessidade da formação continuada, que pode ser realizada de várias formas, tais como cursos, treinamentos, eventos etc. Há, portanto, uma necessidade de que o próprio profissional busque por tais conhecimentos para que possa aperfeiçoar suas habilidades e/ou incorporar novos conhecimentos nesta área, de modo que possa executar as ações educativas com maior segurança, eficiência e assertividade.

Outra situação relevante é a influência das TICs no ambiente educacional, profissional e pessoal, pois trazem grande mudança na forma como os sujeitos atualmente se informam, trabalham e se divertem. Mesmo os ambientes mais tradicionais, como as bibliotecas, tiveram que se adequar ao uso das tecnologias para realizarem sua função de disseminar a informação.

De tempos em tempos, os profissionais se veem diante de novos desafios, sendo que atualmente esse intervalo de tempo está cada vez menor e as exigências profissionais cada vez maiores e mais diversificadas. Belluzzo (2011) observa que fica cada vez mais nítido o distanciamento entre a formação básica e a realidade profissional, demandando novos conhecimentos e habilidades dos bibliotecários, bem como em diversos outros ramos profissionais.

Saber lidar com as adversidades e complexidades do ambiente informacional contemporâneo baseado em tecnologia é uma tarefa que exige atualização, aprimoramento e determinação, mas que vale a pena, pois traz satisfação pessoal, sentimento de pertencimento e o esperado reconhecimento profissional.

Consoante Spudeit (2016, p. 237), “[...] os bibliotecários têm papel fundamental para propor soluções e planejar estratégias que visem capacitar as pessoas no uso das informações [...]”. Para a autora, o bibliotecário possui uma grande responsabilidade como mediador da informação, podendo contribuir muito para o processo de aprendizagem dos estudantes, principalmente se houver parcerias com professores, gestores e outros profissionais.

O bibliotecário educador, além de desenvolver sua própria competência, exercita o seu querer e o seu saber, se empenhando-se em aprender para ensinar. Além do mais, lida com outras questões nas bibliotecas universitárias, como as adversidades relacionadas às condições de trabalho, ao espaço físico, aos equipamentos e ao apoio da gestão imediata e da instituição educacional mantenedora.

Além dos impasses administrativos que envolvem a formação acadêmica do próprio bibliotecário, há que se considerar os interesses políticos que atravancam ou ignoram a necessidade da inserção de políticas públicas de investimento em educação, as quais prevejam a inclusão da competência em informação nos programas e currículos de forma transversal, para que possam atender aos diferentes contextos educacionais.

Em termos práticos, a responsabilidade não é só do bibliotecário, ele poderá ser o idealizador de uma prática de desenvolvimento da competência em informação, podendo ser iniciada com pequenas ações, conforme a competência deste profissional, as condições materiais e o apoio da gestão da biblioteca. Todavia, para alcançar a institucionalização de modo abrangente, é preciso somar forças com outros profissionais, formar grupos de pesquisa pró-CoInfo, a fim de disseminar a competência em informação em todos os níveis de ensino, nos diversos setores da instituição, inclusive no âmbito do desenvolvimento de seus profissionais através da gestão de pessoas.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão apresentados os procedimentos metodológicos, as fases, os instrumentos utilizados para a coleta dos dados e, por fim, a análise de conteúdo dos resultados encontrados.

Conforme já mencionado, esta pesquisa tem como objetivo geral é “Elaborar um *Framework* para a estruturação de um programa de competência em informação no âmbito das bibliotecas universitárias, com base na ACRL (2016) e em Santos (2020)”, sendo uma investigação do tipo descritivo-exploratória e de natureza qualitativa.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa descritiva tem por finalidade apontar as peculiaridades de um fenômeno e a sua relação com o contexto estudado, com a intenção de obter opiniões, entender as atitudes e as crenças de uma determinada população. Dessa forma, relaciona-se bem com as pesquisas exploratórias, uma vez que esta técnica de pesquisa visa desenvolver, esclarecer e modificar conceitos, a fim de ampliar a visão sobre um determinado assunto (GIL, 2018).

As investigações exploratórias, de acordo com Gil (2018), têm por intuito o entendimento da problemática proposta, além de permitir maior flexibilidade no seu planejamento. As pesquisas exploratórias podem utilizar o levantamento bibliográfico para elaborar os fundamentos teóricos e metodológicos, no propósito de aproximar o pesquisador do fenômeno e clarificar os conceitos. O autor explica que tais procedimentos são convenientes para a elaboração do referencial teórico, já que utilizam materiais produzidos com finalidades diversas elaborados por outros profissionais e pela instituição objeto da pesquisa.

Gil (2018) ainda orienta que as pesquisas exploratórias podem abranger vários delineamentos, tais como estudo de caso e levantamento de campo. Segundo o autor, o estudo de caso caracteriza-se por ser um estudo amplo e por ter à disposição várias técnicas para a coleta de dados, por exemplo, entrevistas e análise de documentos.

Corroborando Yin (2001), quando afirma que o estudo de caso consiste em uma investigação empírica que visa investigar um fenômeno dentro de seu contexto, baseando-se em várias fontes de evidências. Com fundamento nos objetivos propostos para esta pesquisa, foram aplicados os seguintes procedimentos para a coleta dos dados: um questionário e uma entrevista semiestruturados, uma observação participante e uma pesquisa documental.

Com relação à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, o que segundo Triviños (1987), dá ao pesquisador maior liberdade para realizar o estudo, podendo determinar as etapas, a escolha da população e a seleção da amostra de acordo com a relevância do sujeito para o assunto abordado. As informações obtidas na coleta dos dados, a partir de uma visão qualitativa, permite compreender melhor o contexto e os sujeitos envolvidos nesse ambiente de pesquisa.

### 3.2 FASES DA PESQUISA

Em busca de melhor entendimento do processo de elaboração da presente pesquisa, dividiu-se a investigação em quatro fases:

**Fase 1** – Levantamento bibliográfico para operacionalização da pesquisa e elaboração do referencial teórico. Nesta primeira etapa, efetuou-se uma busca preliminar de material bibliográfico em fontes variadas, para fundamentar a pesquisa e elaborar o referencial teórico da competência em informação, a justificativa e os objetivos.

Foram realizadas buscas no Google Acadêmico, nas Bases de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), bem como incorporados outros materiais a partir da análise das referências bibliográficas dos textos encontrados, devido à relevância para a pesquisa.

A escolha da terminologia para as buscas foi baseada no Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação, disponível no *site* o Ibict, que indica o uso dos termos:

Em inglês: *Information Literacy, Academic libraries.*

Em português: Competência em informação, Bibliotecas universitárias.

Em espanhol: *Alfabetización informativa, Bibliotecas académicas e Bibliotecas universitarias*.

Para as estratégias de busca, foram utilizados os termos: *Information Literacy*, competência em informação, competência informacional, ensino superior e biblioteca universitária. Realizaram-se estratégias, com uso de operadores *booleanos (AND, OR, NOT)* e “aspas” para os termos compostos, quando necessário, no intuito de obter maior relevância no resultado.

**Fase 2** – Estudo de caso. Para a consecução dos objetivos propostos, recorreu-se à pesquisa documental, ao questionário, à entrevista e à observação participante.

**Fase 3** – Apresentação e análise dos resultados. Etapa realizada mediante a análise de conteúdo, com base nos conceitos formulados por Bardin (2009).

**Fase 4** – Consecução do objetivo geral: elaborar um *Framework* para orientar a estruturação de um programa de competência em informação no âmbito das bibliotecas universitárias, com base na ACRL (2016) e em Santos (2020).

### 3.3 UNIVERSO DA PESQUISA

O universo da pesquisa é a Biblioteca Central da Ufes, unidade que coordena o Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade. A população pesquisada é formada por 27 bibliotecários documentalistas lotados na BC/Ufes, e a amostra foi definida de acordo com cada ferramenta aplicada.

No questionário, a amostra de indivíduos para a coleta de dados ocorreu mediante a devolutiva das perguntas, enviadas aos 27 bibliotecários da Biblioteca Central, no dia 30 de junho de 2022. Como resultado, nove questionários foram respondidos, o que corresponde a 33,33% do total enviado.

Já a amostra de participantes selecionados para a entrevista foi definida com base na atuação e na representatividade desses profissionais, por estarem diretamente envolvidos com o planejamento e a execução das ações de competência em informação ofertadas na Biblioteca Central da Ufes. Foram convidados para a entrevista quatro bibliotecários, no entanto apenas três aceitaram participar.

Tratando-se de aspectos éticos e legais em relação à coleta de dados, salienta-se que esses profissionais foram devidamente esclarecidos acerca da importância da pesquisa para a área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, a subárea da Competência em Informação e o campo de atuação profissional. Foram convidados a participar de maneira voluntária, podendo a qualquer momento desistir sem nenhum prejuízo pessoal, e foram informados de que suas identidades serão preservadas e os dados utilizados para fins científicos, conforme orientação do Conselho Nacional de Saúde (2012, 2016) por meio da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. A presente pesquisadora disponibilizou seu contato telefônico e e-mail pessoal para todos os participantes, caso houvesse alguma dúvida sobre a pesquisa.

### 3.4 COLETA E FORMA DE ANÁLISE DE DADOS

Segundo Marconi e Lakatos (2021), a coleta de dados é o momento em que o pesquisador recorre ao campo e utiliza instrumentos e técnicas selecionadas para obter os dados previstos através de procedimentos que podem variar conforme as circunstâncias e o tipo de investigação. O Quadro 5 resume a relação entre os objetivos da pesquisa, as técnicas adotadas e os instrumentos utilizados para a coleta de dados.

**Quadro 5** - Plano de pesquisa

<b>Objetivos específicos</b>	<b>Técnica</b>	<b>Instrumento</b>
Contextualizar o cenário institucional da BC/Ufes	Pesquisa documental	Documentos
Verificar o conhecimento e a percepção dos bibliotecários em relação aos fundamentos e as práticas da competência em informação	Questionário	Apêndice A - TCLE e perguntas
Mapear as ações e os serviços oferecidos pela Biblioteca Central que se relacionam com os pressupostos da competência em informação	Entrevista	Apêndice B - TCLE Apêndice C - Roteiro

Averiguar os conteúdos referentes à competência em informação oferecidos nos cursos da Biblioteca Central, em consonância com o <i>Framework</i> da ACRL (2016) e as dimensões de Vitorino e Piantola (2011)	Observação participante	Apêndice D - TCLE  Apêndice E - Checklist
--	-------------------------	---

Fonte: elaborado pela autora.

A coleta dos dados foi realizada do seguinte modo: preliminarmente procedeu-se ao levantamento bibliográfico, que teve como resultado a elaboração do referencial teórico, a formulação do problema, os objetivos, a justificativa e a metodologia a ser empregada. Em seguida, recorreu-se ao estudo de caso, que foi subsidiado com a utilização dos seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa documental, aplicação de questionário semiestruturado, entrevista semiestruturada e observação participante.

### 3.5 A PESQUISA DOCUMENTAL

Segundo Gil (2018), as fontes documentais são ricas em dados históricos e podem contribuir na construção das outras etapas da pesquisa. Nesta fase da pesquisa, as fontes utilizadas correspondem a publicações institucionais que contam a história da Universidade Federal do Espírito Santo e do SIB/Ufes, sua organização e o atual cenário institucional. Com vistas a obter informações mais atualizadas, consultaram-se os *sites* institucionais da Ufes<sup>5</sup> e da Biblioteca Central<sup>6</sup>.

A pesquisa documental foi realizada a partir de documentos produzidos pela administração da BC e pela equipe que desenvolve as ações de competência em informação: relatório de trabalho, resolução, lista de presença de cursos e outros documentos em suporte analógico, digital e/ou virtual que sejam convenientes à pesquisa em questão e que pudessem contribuir com a contextualização do cenário institucional da Biblioteca Central/Ufes.

#### 3.5.1 Contextualização do cenário institucional

<sup>5</sup> <https://www.ufes.br/institui%C3%A7%C3%A3o>

<sup>6</sup> <https://biblioteca.ufes.br/>

A Universidade Federal do Espírito Santo é uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Fundada em 5 de maio de 1954, mantém quatro *campi* universitários, sendo que o *campus* de Goiabeiras e de Maruípe localizam-se no município de Vitória, capital do estado. Os outros *campi* situam-se nos municípios de Alegre e Jerônimo Monteiro, ao sul do estado; e em São Mateus, que fica ao norte.

A Universidade possui uma área territorial total de 13,8 milhões de metros quadrados. Seu quadro de servidores é composto por cerca de 1.781 professores efetivos e 1.857 técnicos-administrativos. Anualmente são ofertadas 4.995 vagas à comunidade para ingresso nos mais de 100 cursos de graduação disponíveis de modo presencial e, na pós-graduação, são cerca de 64 cursos de mestrado e 33 de doutorado. Ao todo, são 20.206 estudantes matriculados na graduação presencial e na modalidade a distância e 3.617 nos cursos de pós-graduação. Em termos de pesquisa científica e tecnológica, a Ufes viabiliza aproximadamente 6.900 projetos e desenvolve cerca de 813 projetos e programas de extensão universitária em todos os municípios do estado, abarcando cerca de 4 milhões de indivíduos (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2022)<sup>7</sup>.

### **3.5.2 Sistema Integrado de Bibliotecas (SIB/Ufes)**

O SIB coordena os procedimentos técnicos necessários ao provimento das informações relativas às atividades de ensino, de pesquisa, de extensão e da administração da Ufes, e é formado pela Biblioteca Central e pelas bibliotecas setoriais dos centros de ensino e dos polos universitários.

A Biblioteca Central atua como órgão suplementar vinculado à Reitoria, conforme Regimento Interno, aprovado pelo Conselho Universitário (CU) e disposto no anexo da Resolução nº 09, de 24 de junho de 2002<sup>8</sup> (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2002), que estabelece a forma de organização, os objetivos e a estrutura administrativa do SIB/Ufes. O documento é antigo e não corresponde ao cenário atual do Sistema, uma vez que outras bibliotecas setoriais foram incorporadas e a estrutura

---

<sup>7</sup> Esses dados foram compilados em 2022 do *site*: <https://www.ufes.br/ufes-em-n%c3%bameros>

<sup>8</sup> [https://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao\\_09\\_2002.pdf](https://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_09_2002.pdf)

administrativa sofreu alterações ao longo dos anos, inclusive devido à extinção de cargos de chefia pelo governo federal.

O edifício da Biblioteca Central foi inaugurado em 1982, possui cerca de 5.308 metros quadrados<sup>9</sup>, divididos em três pavimentos, com paredes de vidro e arquitetura que lembra uma pirâmide invertida. Durante o estágio mais severo da pandemia de Covid-19, que foi decretada pela Secretaria Especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital do Ministério da Economia a Instrução Normativa nº 19, de 12 de março de 2020, as atividades presenciais na Universidade ficaram suspensas. Nesse período, o edifício da BC passou por uma grande reforma no seu espaço físico, que oportunizou a melhoria da acessibilidade, com a remodelação do *layout* dos espaços de trabalho e de estudo, remanejamento do acervo, a substituição do revestimento do piso em alguns setores e implementação de salas de acessibilidade, conforme pode ser observado *in loco*.

Dando continuidade à pesquisa, recorreu-se ao *site* da Biblioteca Central, a fim de obter informações mais atualizadas quanto à organização dos espaços físicos e dos serviços ofertados pela instituição. Atualmente o SIB é composto por nove bibliotecas, incluindo a Biblioteca Central, sede do SIB/Ufes e está localizada no *campus* de Goiabeiras, na cidade de Vitória (ES); onde também estão a Biblioteca Setorial do Centro de Artes (CAR); a Biblioteca Setorial do Centro de Educação (CE); a Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN); a Biblioteca Setorial Centro de Ciências Exatas (CCE); e a Biblioteca Setorial do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD).

As outras bibliotecas setoriais estão distribuídas pelos demais *campi*: *campus* de Maruípe – Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Saúde (CCS); *campus* de Alegre – Biblioteca Setorial Sul; *campus* de São Mateus – Biblioteca Setorial do Centro Universitário Norte do Espírito Santo (Ceunes); e *campus* de Jerônimo Monteiro – Biblioteca Setorial do Núcleo de Estudos e de Difusão de Tecnologia em Florestas, Recursos Hídricos e Agricultura Sustentável (Nedtec).

Todas as unidades informacionais possuem, pelo menos, um bibliotecário responsável, perfazendo o total de 45 bibliotecários documentalistas em todo o

---

<sup>9</sup> Dados obtidos no *site*: <https://biblioteca.ufes.br/biblioteca-central>

SIB/Ufes, conforme lista fornecida pela gestão do Sistema. As bibliotecas setoriais, por serem menores em estrutura física e em quantitativo de pessoal não possuem setores administrativos definidos e os bibliotecários responsáveis pelas unidades executam todos os serviços necessários ao funcionamento da unidade, além de atenderem às demandas informacionais de sua comunidade acadêmica local.

Conforme artigo 5º da Resolução nº 09, de 24 de junho de 2002 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2002), a Biblioteca Central, dentre outras coisas, é responsável por promover a integração com a comunidade universitária e realizar treinamento de usuários e garantir a maximização no uso dos recursos informacionais existentes. Sua estrutura administrativa é organizada em setores de serviço, e seu corpo administrativo é composto por um gestor, dez servidores assistentes em administração, uma secretária executiva, seis auxiliares em administração, um técnico em tecnologia da informação, um contínuo, cinco bolsistas e 30 bibliotecários lotados em seu quadro funcional<sup>10</sup>.

Em termos de recursos tecnológicos, as bibliotecas vinculadas ao SIB/Ufes adotam um sistema de catálogo informatizado, com uso do *software Pergamum*, para gerenciamento das atividades de busca, empréstimo, devolução, renovação, reserva, dentre outros serviços. De acordo com informações apuradas no *site* da Biblioteca Central, além do acervo físico, com cerca de 350 mil exemplares (livros, periódicos, dissertações e teses), são disponibilizados mais de 38 mil títulos de periódicos científicos de bases de dados nacionais e estrangeiras.

O SIB/Ufes aderiu, em 2011, à Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), que possibilita o acesso a todos os recursos do Portal de Periódicos da Capes e, via configuração de *proxy*, aos demais recursos eletrônicos comprados com verba da Universidade, como por exemplo: Biblioteca Digital Cengage, Biblioteca Virtual *Pearson* e Plataforma Digital Minha Biblioteca. Incluem-se ainda *e-books* das editoras *Cambridge*, *Elsevier* (Ciência da Computação e Energia e Ciências da Saúde), Editora IEEE, *Wiley Blackwell*, *Zahar* e Senac SP, com títulos nacionais e estrangeiros; bases de dados de periódicos eletrônicos: *Academic Search Ultimate* e Revista dos Tribunais

---

<sup>10</sup> Dados obtidos no *site*: <https://biblioteca.ufes.br/biblioteca-central>. Acesso em: 01 mar. 2023.

*online*; e bases de dados de normas técnicas brasileiras e internacionais por meio da empresa *Target Gedweb* (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2020).

Além dos materiais disponíveis no acervo físico da Biblioteca Central e de modo remoto, também é possível realizar o empréstimo entre as bibliotecas do sistema. De acordo com a Resolução nº 48, de 15 de setembro de 2016 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2016), o prazo para devolução é de 21 dias, podendo ser prorrogado por igual período, sendo que os estudantes cadastrados no Programa de Assistência Estudantil (Proaes) e os estudantes dos cursos de Educação do Campo e Licenciatura Intercultural Indígena têm o prazo de empréstimo estendido para 30 dias.

Em 2016, o Repositório Institucional (RiUfes)<sup>11</sup> incorporou a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>12</sup>, com todas as teses e dissertações defendidas na Ufes e/ou pelos seus servidores. A versão final dos trabalhos é entregue em arquivo digital e mediante a assinatura do Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações Eletrônicas. Os próprios autores podem submeter seus trabalhos ao RiUfes, o que possibilita vantagens para os usuários, os autores e a para Universidade, uma vez que aumenta a visibilidade da instituição e de seus pesquisadores, além de facilitar a gestão da produção científica, com a reunião desse tipo de material em uma única plataforma digital, e favorecer a preservação e a realização de estatísticas de usabilidade.

O Repositório Institucional é o local onde se realiza a gestão e disseminação de materiais digitais criados pela comunidade acadêmica local, composta por docentes, discentes e servidores técnicos. Sua vocação é oportunizar o livre acesso às publicações que anteriormente eram restritas ou pagas. São armazenados livros, capítulos de livros, manuais, relatórios, patentes, dissertações, teses, artigos de publicações periódicas etc.

O setor de Coleções Especiais<sup>13</sup> da Biblioteca Central, é composto por livros sobre o Estado do Espírito Santo, obras consideradas raras, publicações em periódicos em papel ou digitalizadas sobre o Espírito Santo e fotografias impressas em papel e/ou

---

<sup>11</sup> <https://biblioteca.ufes.br/sobre-o-riufes>

<sup>12</sup> <https://biblioteca.ufes.br/biblioteca-digital-de-teses-e-dissertacoes-bdtd>

<sup>13</sup> <https://biblioteca.ufes.br/colecoes-especiais>

digitalizadas. Atualmente são organizadas dez coleções, algumas pertenceram a estudiosos que se destacaram no cenário capixaba. Sendo que algumas foram recebidas em doação e outras por meio de compra pela Universidade. É permitida a consulta a esses materiais no local, contudo não é permitido ao usuário ir às estantes, tal tarefa é executada por um bibliotecário especializado que é responsável por organizar e preservar os materiais. Também não são permitidos o empréstimo domiciliar e nem a reprodução das obras por meio de máquina fotocopadora para não causar danos às obras.

Esse setor segue as diretrizes da Resolução nº 36, de 07 de agosto de 2014<sup>14</sup> (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2014) e seus anexos, que tratam das normas e procedimentos para reprodução de acervo no âmbito do SIB/Ufes, do termo de responsabilidade para uso das imagens do acervo de coleções especiais e do formulário de solicitação de reprodução. Além do mais, não são permitidas fotocópias de qualquer obra do acervo; em razão da necessidade de preservação, somente é permitida a reprodução das obras que estejam em domínio público ou protegidas pela Lei de Direito Autoral, Lei nº 9.610/98, com autorização explícita de seus autores. A medida também é adotada na reprodução do acervo fotográfico que ainda não foi digitalizado. Em ambos os casos, o usuário assina o Termo de Responsabilidade para Utilização de Imagens do Acervo de Coleções Especiais do SIB/Ufes.

Em 2021 foi criado o Laboratório de Editoração de Periódicos Científicos Eletrônicos, por meio da Portaria Normativa nº 12, de 24 de agosto de 2021 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2021), a partir de uma parceria com o Comitê Gestor do Portal e dos Periódicos Científicos da Ufes, que é vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, e como com o Núcleo de Editoração, gerido pelo Departamento de Biblioteconomia. O objetivo do Laboratório é dar suporte aos editores no processo de editoração eletrônica de periódicos científicos e orientar quanto às melhores práticas para a inserção de metadados que irão compor as bases de dados indexadoras.

O Laboratório de Editoração tem o intuito de melhorar a qualidade, elevar a visibilidade da publicação e favorecer a disseminação da produção científica da

---

<sup>14</sup> [https://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao\\_no.\\_36.2014.pdf](https://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_no._36.2014.pdf)

Universidade nos âmbitos nacional e internacional. Destaca-se que foi estabelecido um convênio entre a Ufes e a *Universidad de La Rioja*, que mantém a *Fundación Dialnet*, a maior hemeroteca de artigos científicos disponível *online*.

A Biblioteca Central, através da sua equipe de bibliotecários, oferta à comunidade acadêmica cursos na modalidade de Educação a Distância (EAD), através do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)<sup>15</sup>, e de modo presencial, em um laboratório de capacitação com 29 computadores, dispositivo de projeção de imagem e um televisor grande. Nesse espaço, são realizados cursos e formações para estudantes, pesquisadores, professores e técnicos-administrativos da Ufes, com o intuito de desenvolver conhecimentos e habilidades em pesquisa, com o uso de recursos informacionais em ambiente virtual.

### 3.6 O QUESTIONÁRIO

O questionário é um instrumento de pesquisa em que o participante responde a perguntas previamente elaboradas e escritas. No entendimento de Marconi e Lakatos (2021), é uma técnica muito vantajosa, uma vez que não demanda a presença do pesquisador, pois pode ser enviado ao pesquisado por vários meios, inclusive *online*, dessa maneira economiza tempo e não mede distância para sua aplicação. As perguntas podem ser do tipo abertas e sujeitas a interpretação do participante, ou fechadas que limitam a sua escolha, porém facilitam o trabalho do entrevistador, uma vez que as respostas são mais objetivas. (MARCONI; LAKATOS, 2021).

Para esta pesquisa, foi utilizado um questionário semiestruturado com dez perguntas, conforme apresentado no APÊNDICE A. Duas questões são dissertativas ou abertas, e o participante pôde responder com suas próprias palavras, a fim de agregar mais informações à investigação.

No intuito de verificar possíveis inconsistências e outras falhas com relação às questões, o questionário passou por um pré-teste antes de sua aplicação real (MARCONI; LAKATOS, 2021). Dessa forma, após um primeiro contato pessoal e

---

<sup>15</sup> <https://ava.bc.ufes.br/>

esclarecimento sobre a pesquisa foram escolhidos quatro bibliotecários para responderem ao questionário, que foi enviado via *e-mail*.

Os bibliotecários selecionados no pré-teste atuam na Seção de Formação e Tratamento do Acervo da Biblioteca Central. Os quatro questionários foram devidamente respondidos e devolvidos por *e-mail*. Os participantes não demonstraram dificuldades com as questões propostas, no entanto houve uma sugestão de melhoria do enunciado da primeira questão, que foi prontamente acatada, bem como a forma de apresentar as opções para respostas.

O questionário semiestruturado é composto por dez perguntas, sendo oito fechadas e duas abertas. Seu texto introdutório oferece os esclarecimentos sobre o tema e os objetivos desta pesquisa, do caráter voluntário e da preservação da identidade do participante e da possibilidade de desistência a qualquer momento, sem prejuízo para a pessoa, além de fornecer a identificação da pesquisadora e da orientadora, sendo que, a partir do momento que o entrevistado responde às questões propostas, ele declara sua concordância voluntária em participar do estudo. Sua elaboração foi baseada na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2012), e na Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016).

O questionário foi adaptado ao *layout* da plataforma do *Google Forms* e enviado para o *e-mail* institucional dos 27 bibliotecários no dia 30 de junho de 2022. Posteriormente, foram enviados lembretes por *e-mail*, solicitando aos bibliotecários que participassem da pesquisa respondendo ao questionário. As questões foram elaboradas, tendo como base os pressupostos do *Framework* (ACRL, 2016), e têm o propósito de verificar o conhecimento e a percepção dos bibliotecários com relação aos fundamentos e às práticas da competência em informação no seu ambiente de trabalho.

Para a análise do questionário, foram consideradas as informações coletadas mediante as respostas obtidas às questões de 1 a 10 disponíveis no APÊNDICE A. Os resultados foram categorizados, analisados e interpretados com base em Bardin (2009) e no referencial teórico elaborado.

As respostas foram organizadas e codificadas, a fim de definir as categorias, elementos que compõem um conjunto e são agrupados segundo uma tipologia ou analogia previamente estabelecida (BARDIN, 2009). A intenção é estabelecer um agrupamento de termos por semelhanças de seus conteúdos e significados. Nesse propósito, a análise foi desenvolvida por meio de três temas centrais da pesquisa: Fundamentos da competência em informação, Práticas da competência em informação e Perfil do bibliotecário, conforme o quadro 8 a seguir:

**Quadro 08** – Categorias das questões do questionário

<b>Objetivo específico</b>	<b>Categorias</b>	<b>Códigos</b>	<b>Questões</b>
Verificar os conhecimentos e percepções dos bibliotecários com relação aos fundamentos e às práticas da competência em informação	Fundamentos da ColInfo	- Definição da ColInfo - Características da ColInfo	1 5 7
	Práticas da ColInfo	- Ações de ColInfo - Ambiente da ColInfo - Avaliação da ColInfo	2 3 6 9
	Perfil do bibliotecário	- Conhecimentos - Habilidades - Atitudes	4 8 10

Fonte: elaborado pela autora base na análise de conteúdo de Bardin (2009).

O quadro acima apresenta o objetivo específico, relaciona as categorias e as questões propostas no questionário, que foi elaborado a partir dos códigos previamente identificados e tem a finalidade de estabelecer a organização para a análise das respostas.

Na categoria Fundamentos da competência em informação, os participantes foram indagados acerca dos entendimentos sobre a definição da ColInfo e suas características. Na categoria Práticas da competência em informação, as questões são relativas às ações e aos serviços ofertados pela Biblioteca Central. Por fim, na categoria Perfil do bibliotecário, são abordados os conhecimentos, habilidades e atitudes do bibliotecário educador.

### 3.7 A ENTREVISTA

Segundo a concepção de Marconi e Lakatos (2003, 2021), a entrevista auxilia no diagnóstico e tem por intuito que o participante forneça informações sobre uma temática específica. É útil para verificar o que determinado indivíduo pensa ou conhece sobre o assunto estudado, além de averiguar o quanto ele é capaz de compreender sobre tais informações e sua conduta com base nas situações práticas e nos padrões éticos.

A entrevista pode ser do tipo estruturada, não estruturada e semiestruturada. A entrevista estruturada possui questões padronizadas e fechadas, que foram previamente elaboradas e selecionadas, sem a possibilidade de interferência do entrevistador. Já a não estruturada é aberta às considerações do pesquisador e a semiestruturada pode conter perguntas fechadas e abertas (MARCONI; LAKATOS, 2021).

A entrevista semiestruturada, conforme o APÊNDICE C, é a que melhor se encaixa na presente pesquisa, por ser mais flexível e permitir explorar as percepções e experiências pessoais do participante. Segundo Triviños (1987), a entrevista semiestruturada é fundamentada em perguntas básicas relativas à temática da pesquisa, que podem ser complementadas com base nas respostas dos participantes. Tal condição favorece o surgimento de informações não padronizadas e mantém o pesquisador em atitude de atenção durante a entrevista. Utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada, contendo nove perguntas com o propósito de mapear as ações e os serviços oferecidos pela Biblioteca Central que se relacionam com os pressupostos da competência em informação.

A condução da entrevista ocorreu após os esclarecimentos com relação ao teor da pesquisa, o sigilo das informações e sua relevância para o campo da competência em informação, bem como para o reconhecimento e a valorização dos serviços bibliotecários. Mediante a concordância do bibliotecário em participar da pesquisa, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), elaborado com base no roteiro sugerido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CNS)<sup>16</sup> da Ufes, a partir da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e a complementar Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde.

---

<sup>16</sup> [https://ccs.ufes.br/sites/ccs.ufes.br/files/field/anexo/roteiro\\_para\\_elaboracao\\_do\\_tcle.pdf#overlay-context=comite-de-etica-em-pesquisa-com-seres-humanos](https://ccs.ufes.br/sites/ccs.ufes.br/files/field/anexo/roteiro_para_elaboracao_do_tcle.pdf#overlay-context=comite-de-etica-em-pesquisa-com-seres-humanos)

Foram realizadas entrevistas com três bibliotecários envolvidos na elaboração e na execução das ações de competência em informação que são ofertadas pela Biblioteca Central através do setor de Apoio à Pesquisa. As entrevistas ocorreram nos meses de julho e agosto de 2022, foram gravadas em áudio e transcritas, mediante a autorização dos participantes.

Os participantes contribuíram com relatos de suas experiências de trabalho no desenvolvimento das ações educativas ofertadas pela Biblioteca, o que permitiu compreender o processo de idealização e a criação do Programa de Desenvolvimento de Competências Informacionais em Ambiente Virtual (PDCIAV), como a equipe se organiza para elaborar e ministrar as ações educativas de desenvolvimento da competência em informação e os esforços empreendidos para atender às expectativas dos usuários.

Os participantes foram identificados como: “B1”, “B2” e “B3”, para assegurar o anonimato das respostas, mantendo-se os preceitos éticos e legais da pesquisa científica. As falas dos participantes foram registradas em áudio, sendo transcritas, categorizadas e analisadas. A seguir, no Quadro 9 apresenta-se a organização das categorias:

**Quadro 09 – Categorização das questões**

<b>QUESTÕES</b>	<b>CÓDIGOS</b>	<b>CATEGORIAS</b>
1 Idealização do PDCIAV 2 Parceria e apoio 4 Dificuldades	Contextualização do cenário Institucionalização Parcerias e apoio	Fundamentos da ColInfo
3 Planejamento 5 Avaliação 6 Melhorias 10 Processo educacional	Mapear ações e serviços Planejamento das ações Avaliação da aprendizagem	Práticas da ColInfo
7 Habilidades técnicas 8 Habilidades educativas 9 Perfil do bibliotecário	Competências e habilidades Bibliotecário educador Aprendizagem independente Desafios	Perfil do bibliotecário

Fonte: elaborado pela autora com base na análise de conteúdo de Bardin (2009).

As categorias apresentadas agrupam os assuntos abordados nas questões propostas na entrevista semiestruturada, assim como os códigos que são unidades de registro utilizadas para organizar as respostas obtidas dos participantes. Na categoria Fundamentos da competência em informação, os participantes foram indagados sobre

o surgimento das ações educativas, as parcerias e as dificuldades enfrentadas. Na categoria Práticas da competência em informação, são discutidos alguns aspectos relativos ao planejamento das ações e dos serviços ofertados pelo PDCIAV, exemplos de ações realizadas e a avaliação de aprendizagem. Por fim, na categoria Perfil do bibliotecário, são abordadas as competências e habilidades necessárias ao bibliotecário educador.

### 3.8 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação é uma técnica que utiliza os sentidos do pesquisador, o qual pode se incorporar ao grupo, podendo participar das atividades e identificar atitudes e comportamentos que a fala pode falsear (MARCONI; LAKATOS, 2003, 2021). Essa forma de coleta de dados possibilita ainda que o pesquisador se aproxime do grupo e estabeleça uma relação de trabalho de modo a vivenciar as situações reais do pesquisado.

Dentre as vantagens de empregar a observação participante nesta pesquisa, é que ela permite compreender a forma de desenvolvimento das atividades educativas relativas à competência em informação, com a possibilidade de captar algumas particularidades, as quais o questionário ou as entrevistas sozinhas não dão conta de demonstrar.

A técnica da observação participante foi aplicada durante a execução de duas ações ofertadas à comunidade universitária pelo PDCIAV da Biblioteca Central da Ufes, no intuito de averiguar os conteúdos referentes ao desenvolvimento ou aprimoramento da competência em informação oferecidos nos cursos da Biblioteca Central, em consonância com o *Framework* da ACRL (2016) e as dimensões de Vitorino e Piantola (2011).

Durante a observação, foi utilizado um *checklist*, conforme apresentado no APÊNDICE E, que corresponde a uma lista de verificação elaborada a partir de uma matriz contendo as variáveis a serem observadas (Quadro 10). Seu emprego não é prescritivo, visa somente orientar a execução da tarefa de observação, para que nenhum dado importante se perca.

**Quadro 10** – Prática de ensino e as dimensões da competência em informação

<b>Conceitos centrais</b>	<b>Prática de ensino</b>	<b>Dimensões</b>
<b>Construção da autoridade pessoal</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Definir diferentes tipos de autoridade;</li> <li>- Apresentar indicadores de autoridade;</li> <li>- Avaliar o conteúdo e as fontes;</li> <li>- Informar a responsabilidade na divulgação de informação.</li> </ul>	<b>Dimensão Ética</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conduta responsável e crítica no uso e disseminação da informação.</li> </ul>
<b>Processo de criação de informação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar os modos de produção e comunicação da informação;</li> <li>- Conhecer os diferentes formatos que a informação é apresentada.</li> </ul>	<b>Dimensão Técnica</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ação de avaliar e comunicar a informação;</li> <li>- Habilidades no uso das TICs;</li> </ul> <b>Dimensão Estética</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Criatividade.</li> </ul>
<b>Valor da Informação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Valorizar as ideias originais;</li> <li>- Respeitar a propriedade intelectual;</li> <li>- Preservar os direitos autorais;</li> <li>- Reconhecer o domínio público e acesso aberto;</li> <li>- Conhecer como e onde as informações são publicadas.</li> </ul>	<b>Dimensão Ética</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Uso ético das informações;</li> <li>- Preservação da memória;</li> </ul> <b>Dimensão Política</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Priorização do bem comum.</li> </ul>
<b>Pesquisa como processo de investigação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formular perguntas para pesquisa;</li> <li>- Delimitar o escopo da pesquisa;</li> <li>- Definir métodos de pesquisa;</li> <li>- Encontrar lacunas de pesquisa.</li> </ul>	<b>Dimensão Técnica e Ética</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Habilidade em lidar com a informação e suas ferramentas;</li> <li>- Diretrizes éticas e legais no uso das informações.</li> </ul>
<b>Pesquisa como diálogo acadêmico</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participar das discussões científicas;</li> <li>- Identificar novas contribuições;</li> <li>- Citar a contribuição de outro trabalho.</li> </ul>	<b>Dimensão Ética</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Responsabilidade na escolha e na disseminação da informação.</li> </ul>
<b>Pesquisa como exploração estratégica</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Entender a necessidade de informação;</li> <li>- Conhecer estratégias de busca;</li> <li>- Conhecer coleções e bases de dados;</li> <li>- Conhecer linguagem de pesquisa;</li> <li>- Refinar resultados de busca.</li> </ul>	<b>Dimensão Técnica</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ação pragmática ligada a aprimorar ou aprender a lidar com informação;</li> <li>- Habilidades no uso das TICs.</li> </ul>

Fonte: elaborado pela autora com base na ACRL (2016) e em Vitorino e Piantola (2011).

O quadro possui seis conceitos centrais, adaptados do documento *Framework for information literacy for higher education*, elaborado pela ACRL (2016), com as respectivas práticas de ensino, que correspondem ao conteúdo a ser transmitido pelos bibliotecários durante as ações de competência em informação, relacionado às dimensões propostas por Vitorino e Piantola (2011).

### 3.9 WORKSHOP SOBRE A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

No intuito de sensibilizar quanto à causa da competência em informação e de apresentar a vigente pesquisa aos gestores e aos bibliotecários do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes, foi promovido um *workshop* com a temática “Competência em Informação para o Ambiente Universitário”, sendo realizado de modo presencial no auditório da Biblioteca Central e com transmissão ao vivo pela internet, com uso da plataforma de transmissão *Google Meet*.

A intenção foi convidar todos os bibliotecários do SIB/Ufes que tivessem interesse em conhecer ou se atualizar sobre a temática, principalmente bibliotecários que trabalham diretamente com serviços orientados ao atendimento das demandas da comunidade, com o objetivo de melhorar o conhecimento teórico e/ou aprimorar seus entendimentos com relação a competência em informação.

O *Workshop* foi realizado no dia 1º de julho de 2022, no horário das 14 às 17 horas, no auditório da Biblioteca Central da Ufes, tendo como mediadora a Profa. Dra. Marta Leandro da Mata, docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Ufes.

Foram convidados todos os bibliotecários do SIB/Ufes, através de suas contas de e-mail. Além do convite para a participação de modo presencial, receberam um segundo e-mail com o *link* do *Google Meet* para poderem acessar remotamente o evento, se houvesse impossibilidade de se afastarem do local de trabalho no momento do evento ou se estivessem em outro ambiente que não possibilitasse a presença física.

No dia do evento, compareceram ao *workshop* presencialmente apenas sete bibliotecários, três bolsistas de iniciação científica do curso de Biblioteconomia e um servidor técnico em administração. Prestigiaram através do *link online* outros quatro bibliotecários e um mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Ufes, perfazendo um total de 16 participantes.

Durante o *workshop*, foi abordada a questão das diferentes terminologias que visam à tradução do termo *Information Literacy* para a língua portuguesa do Brasil, os principais conceitos encontrados na literatura da área, bem como, a relevância e a

pertinência do desenvolvimento da competência em informação no ambiente da biblioteca universitária, como forma de contribuir com o ensino e a aprendizagem da comunidade acadêmica, e em consonância com as diretrizes da Ufes nos aspectos de ensino, pesquisa, extensão e administração, de forma participativa com a sociedade.

Após uma breve apresentação da presente pesquisadora, o tema foi exposto pela Profa. Dra. Marta Leandro da Mata, discutindo-se os aspectos conceituais e a prática da competência em informação no âmbito da biblioteca universitária. Ao final, após os agradecimentos, os bibliotecários foram convidados a participar da presente pesquisa respondendo a um questionário, que foi prontamente enviado por meio do *Google Forms*.

Denota-se que a baixa adesão ao evento ocorreu devido a vários fatores, como a pouca divulgação do evento e o dia da semana escolhido, pode ter influenciado por se tratar de uma sexta-feira à tarde. Além disso, deve-se levar em conta a falta de interesse dos profissionais em permanecer no local após o horário de trabalho, visto que a maioria dos bibliotecários que realizam atendimento trabalham em turnos de seis horas; e o fato de que alguns servidores estavam de atestado médico no dia do evento. Apesar do baixo comparecimento, houve bastante interação com os presentes, demonstrando que o tema é de interesse daqueles que participaram.

### 3.10 FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para a organização e a análise dos dados, utilizou-se da análise de conteúdo, a partir dos conceitos formulados por Bardin (2009, p. 42, grifo da autora).

*Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.*

Segundo Triviños (1987), a análise de conteúdo é um dos métodos mais indicados para a investigação qualitativa, podendo ser aplicados nas mensagens escritas e nas orais, sendo que as informações apuradas por meio das inferências são decorrentes do conteúdo explícito e implícito da mensagem. Para o autor, os

procedimentos de classificação, codificação e categorização dos conceitos são imprescindíveis na aplicação do método de análise de conteúdo. Porém, o pesquisador necessita dominar os princípios básicos que fornecem o teor das mensagens para realizar as inferências.

O pesquisador não deve ater-se apenas ao conteúdo apresentado nos documentos, “[...] ele deve aprofundar sua análise tratando de desvendar o *conteúdo latente* que eles possuem” (TRIVIÑOS, 1987, p. 162, grifo do autor). Dessa maneira, a análise das comunicações visa obter a inferência dos conhecimentos a partir de um conjunto de técnicas que pretende decifrar as informações subjacentes nas mensagens.

Neste sentido, Bardin (2009) orienta organizar a análise do conteúdo das mensagens a partir de três etapas:

- 1ª etapa - Corresponde a uma pré-análise, equivale à organização dos resultados encontrados nas buscas bibliográficas e na coleta de dados;
- 2ª etapa - Constitui-se de uma descrição analítica, a ser realizada a partir da exploração e codificação do material, objetiva organizar os resultados com a utilização de classificação e recortes da informação;
- 3ª etapa - Visa realizar as inferências necessárias, a partir dos objetivos propostos na pesquisa.

A análise de conteúdo é uma ferramenta empírica, e não possui um modelo rígido a ser seguido, pode ser aplicada nas pesquisas qualitativas e em diferentes modalidades de manifestação da mensagem, em diversos suportes, sejam documentos escritos, em comunicações orais, gestuais ou qualquer atitude que corresponda a uma expressão da mensagem (BARDIN, 2009).

Com base no exposto, a análise e a discussão dos dados apurados por meio da pesquisa documental, de um questionário, de uma entrevista e da observação participante se deram a partir de Bardin (2009). As informações foram analisadas e categorizadas com base na técnica de análise de conteúdo. O Quadro 11 apresenta as categorias para análise dos dados:

**Quadro 11:** Categorias para análise dos dados

<b>CÓDIGOS</b>	<b>CATEGORIAS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Contextualização do cenário institucional</li> <li>▪ Características da ColInfo</li> <li>▪ Parcerias e apoio</li> </ul>	Fundamentos da ColInfo
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Mapeamento de ações e serviços</li> <li>▪ Planejamento das ações</li> <li>▪ Avaliação da aprendizagem</li> <li>▪ Desafios enfrentados</li> </ul>	Práticas da ColInfo
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Competências, habilidades e atitudes</li> <li>▪ Bibliotecário educador</li> <li>▪ Aprendizagem independente</li> </ul>	Perfil do Bibliotecário

Fonte: elaborado pela autora com base em Santos (2020).

O quadro apresenta os códigos previamente estabelecidos para a criação das categorias que foram utilizadas na análise dos dados da entrevista, do questionário e da observação participante.

As informações levantadas por esta pesquisa foram analisadas com base no método de análise de conteúdo, no entanto não foi utilizada a técnica da triangulação dos dados. Tal entendimento é baseado em Triviños (1987, p. 138), em que “[...] a técnica da triangulação tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo”. Para o autor, a triangulação deve abranger um contexto maior do fenômeno, incluindo as questões históricas e culturais. Nessa acepção, não foi possível realizar um estudo aprofundado da temática em questão, devido à limitação de tempo para execução da presente pesquisa.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Conforme mencionado nos procedimentos metodológicos, serão descritas nesta seção a apresentação e a análise dos resultados referentes ao estudo de caso realizado junto na Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, mediante a pesquisa documental, a entrevista, o questionário e a observação participante.

### 4.1 RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA DOCUMENTAL

Para o cumprimento do primeiro objetivo específico, contextualizar o cenário institucional da Biblioteca Central enquanto coordenadora do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes (SIB/Ufes), os dados foram coletados por meio de diversos materiais, tais como: resolução, artigo científico, relatórios, lista de presença dos cursos e *site* da Ufes e da Biblioteca Central.

Constata-se que, com o passar do tempo, houve algumas modificações no ambiente da Biblioteca, os espaços físicos foram redimensionados, ficando mais acessíveis e equipados. Após a reforma de 2020, foram criados setores de trabalho, como uma sala destinada à equipe que desenvolve as ações de competência em informação e um laboratório informatizado com 29 computadores, projetor de imagem e televisor.

Com relação a Resolução nº 09, de 24 de junho de 2002 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2002), em seu texto não há menção ao termo competência em informação ou a outra expressão equivalente ao desenvolvimento de ações educativas dessa natureza, como: cursos ou orientações, com vistas ao aprimoramento de habilidades e atitudes relativas à busca, ao uso e à disseminação da informação, para o atendimento da comunidade universitária.

O Programa de Desenvolvimento de Competências Informacionais em Ambiente Virtual<sup>17</sup> foi criado em 2013, a partir de um projeto de extensão denominado Formação de Usuários para Competência Informacional em Ambientes Virtuais, com o apoio do

---

<sup>17</sup> <https://biblioteca.ufes.br/pdciaiv>

Departamento de Biblioteconomia da Ufes e coordenado pelo Setor de Referências da Biblioteca Central. O objetivo principal era desenvolver nos usuários habilidades de pesquisa, capacitando-os na aplicação de estratégias de busca, na utilização de buscadores, bases de dados, catálogos, Portal de Periódicos Capes e outros recursos disponíveis (CARDOSO; FRANÇA; MARIANI, 2014).

O registro do projeto ocorreu no mês de outubro de 2013 e possuía quatro módulos, com quatro cursos: Uso do Catálogo do SIB/Ufes, Fontes de Informação *Online*, Portal de Periódicos Capes e Gerenciador Bibliográfico *EndNote Web Basic*. No ano de 2014, foram realizados 28 cursos, com um total de 524 participantes. A divulgação dos cursos era feita por meio de memorandos, cartazes e um fôlder que informava o cronograma dos cursos e o endereço eletrônico para a inscrição. Esse material era enviado diretamente às secretarias de graduação e aos coordenadores dos programas de pós-graduação da Ufes, para que fosse disseminado junto aos professores e aos estudantes (CARDOSO; FRANÇA; MARIANI, 2014).

A princípio, os cursos eram ministrados por um bibliotecário de modo expositivo, com apenas um computador e um projetor de imagem, o que dificultava a absorção das informações (CARDOSO; FRANÇA; MARIANI, 2014). Após uma avaliação da metodologia, passou-se a usar um laboratório de informática da Biblioteca Central com 20 microcomputadores, onde os participantes poderiam acompanhar as aulas e aplicar os conhecimentos por meio de exercícios. Com o tempo, esse espaço não pôde ser mais utilizado, pois não comportava uma turma, então, se passou a usar o Laboratório de Informática do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE), que possuía uma estrutura com 40 computadores.

Segundo Cardoso, França e Mariani (2014), foi criado um formulário para avaliar a satisfação dos participantes com relação à metodologia utilizada e o conteúdo ministrado nos cursos, e conclui-se que os alunos precisavam realizar os exercícios práticos simultaneamente para melhorar a cognição. A partir de 2016, os cursos foram organizados em dois ciclos, seguindo o calendário acadêmico semestral. Em cada ciclo eram disponibilizados cinco cursos: Fonte de informação *online*, *Google Scholar*, Portal de periódicos da Capes, *EndNote* e Indicadores de impacto. Os cursos tinham a duração de três horas e seguiam um cronograma determinado, com inscrições eram

abertas, divulgadas no *site* da Biblioteca Central e nos colegiados, por meio de correspondência.

Conforme apurado nas listas de presença no ano de 2019, foram realizados cursos para turmas de mestrado em: Engenharia e Desenvolvimento Sustentável, Direito Processual Civil, Política Social, etc. Também participaram turmas dos cursos de graduação em Economia, Artes Visuais, Administração, Biblioteconomia, Política Sociais, entre outros.

Na Tabela 1 a seguir, apresenta-se a totalização dos cursos presenciais realizados anualmente pela equipe do PDCIAV e o somatório dos participantes:

**Tabela 1** – Quantitativo de cursos presenciais realizados pelo PDCIAV

<b>Ano</b>	<b>Cursos</b>	<b>Participantes</b>
2014	28	524
2015	35	598
2016	53	1.071
2017	30	445
2018	40	857
2019	42	915
2020	07	56
<b>Total</b>	<b>235</b>	<b>4.466</b>

Fonte: elaborado pela autora a partir das folhas de presença dos cursos (2023).

Salienta-se que o quantitativo de cursos e de participantes referentes ao ano de 2014 foi encontrado no artigo publicado por Cardoso, França e Mariani (2014). As demais informações foram coletadas diretamente nas folhas de presença que os participantes assinaram durante a execução dos cursos.

Conforme a tabela acima no ano de 2016, houve uma quantidade considerável de participantes, fato que se deve a um projeto de extensão desenvolvido em parceria com o colegiado de Biblioteconomia, em consonância com as temáticas das disciplinas. Ao todo, 67 estudantes participaram do ciclo de cursos. Em 2017, foram 174 participantes no “Projeto Formando Pesquisadores”, somando-se a 241 estudantes do curso de Biblioteconomia que realizaram os cursos.

De março de 2020 a dezembro de 2021, os cursos presenciais foram interrompidos em virtude da pandemia de Covid-19, por isso se conta apenas sete. Com a suspensão das aulas e dos serviços presenciais, alguns cursos foram reformulados durante o período de trabalho remoto e passaram a ser ofertados pela internet através do AVA da Biblioteca Central.

Pode-se observar, nas listas de frequência, que, nos períodos em que os cursos eram de livre inscrição, as turmas abriam com 40 vagas e todas eram preenchidas, os indivíduos se inscreviam em todos os cursos disponíveis, porém o índice de comparecimento era pequeno, alguns compareceram nos primeiros dias, mas não terminavam a sequência de cursos. Tal fato pode ser constatado nas listagens semestrais, em que alguns ciclos foram bem fracos, mesmo com todas as vagas preenchidas na inscrição. Aparentemente, nos ciclos em que os professores solicitam os cursos para seus estudantes e inscrevem a turma, todos os cursos são realizados.

A partir de 2022<sup>18</sup>, os cursos presenciais voltaram a ser realizados na Biblioteca Central, por meio do PDCIAV. A solicitação de curso, pode ser feita por *e-mail* ou por telefone, ambos divulgados na página da Biblioteca Central, no item Capacitação/Cursos ofertados.

A programação dos cursos presenciais é realizada conforme a demanda da comunidade universitária, e as turmas são fechadas mediante a solicitação de docentes e coordenadores dos cursos de graduação e dos programas de pós-graduação. Essas ações educativas são, atualmente, personalizadas para cada turma, por meio de um protocolo que foi elaborado pela equipe e que utiliza a nomenclatura correspondente à área do conhecimento à qual a turma pertence.

No Quadro 6, a seguir são relacionados os cursos oferecidos pelo PDCIAV da Biblioteca Central, conforme divulgado no *site* do Sistema Integrado de Bibliotecas.

**Quadro 6 - Cursos ofertados pelo PDCIAV**

<b>Curso</b>	<b>Público</b>	<b>Escopo</b>	<b>Oferta</b>
Planejamento de pesquisa em ambiente virtual: noções básicas	Alunos de graduação e de pós-graduação e	Apresentar os passos da pesquisa e o vocabulário das bases de dados, bem como elaborar o protocolo de pesquisa aplicando a estratégia de busca	Presencial e com atendimento sob demanda

<sup>18</sup> O relatório das ações presenciais de 2022 não ficou pronto a tempo de ser incluído na presente pesquisa.

	grupos de pesquisa		
Portal de Periódicos Capes e bases referenciais	Alunos de pós-graduação e grupos de pesquisa	Evidenciar as fontes de informação do Portal de Periódicos Capes e os recursos das bases referenciais <i>Web of Science</i> e <i>Scopus</i>	Presencial e com atendimento sob demanda
Planejamento de pesquisa em ambiente virtual: acesso e uso da informação científica <i>online</i>	Comunidade universitária	Desenvolver habilidades de pesquisa em ambiente <i>Web</i> : caracterizar as principais fontes documentais em formato eletrônico e digital, que subsidiam a pesquisa científica; demonstrar os estágios de preparação da pesquisa: o que, como e onde pesquisar; e etapas para o planejamento da estratégia de busca	A distância e mediante inscrição. A programação é divulgada no <i>website</i> da BC, no decorrer do semestre letivo
Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para trabalhos acadêmicos	Comunidade universitária	Apresentar as diretrizes estabelecidas pela ABNT, aplicadas à elaboração e normalização do trabalho técnico-científico	A distância e mediante inscrição. A programação é divulgada no <i>site</i> da BC, no decorrer do semestre letivo
Normas da <i>American Psychological Association</i> (APA) para trabalhos acadêmicos	Comunidade universitária	Orientar quanto ao uso das normas da APA para apresentação de trabalhos acadêmicos, em diversos contextos	A distância e mediante inscrição. A programação é divulgada no <i>website</i> da BC, no decorrer do semestre letivo
Gerenciador bibliográfico <i>Mendeley</i>	Comunidade universitária	Apresentar a ferramenta, demonstrar os procedimentos de instalação, criar conta, importação, organização, recuperação, citação e elaboração automática de referências	Curso ofertado em fluxo contínuo com inscrição a qualquer tempo
Normas de <i>Vancouver</i>	Comunidade universitária	Apresentar diretrizes para elaboração de citações e referências baseadas nas normas de <i>Vancouver</i>	Curso ofertado em fluxo contínuo com inscrição a qualquer tempo
Introdução à pesquisa <i>online</i>	Comunidade universitária	Introduz conceitos sobre pesquisa de documentos na internet, exemplifica o acesso a fontes como bases de dados, Portal de Periódicos CAPES e Google Scholar	Curso ofertado em fluxo contínuo com inscrição a qualquer tempo

Fonte: elaborado pela autora com base no *site* do Sistema Integrado de Bibliotecas (2022)<sup>19</sup>.

No *site*, são mencionados apenas dois cursos presenciais, no entanto, a equipe pode ministrar outros cursos, caso haja solicitação da comunidade acadêmica. Por outro lado, a agenda de cursos a distância é divulgada no *site* da Biblioteca e tem datas programadas durante o semestre letivo, pois contam com a tutoria de um profissional da equipe do PDCIAV para dar orientações, tirar dúvidas e corrigir os exercícios.

<sup>19</sup> <https://biblioteca.ufes.br/pdciaiv>

A equipe do PDCIAV é composta por três bibliotecários vinculados à Biblioteca Central e uma servidora assistente em administração. Constata-se que, além dos cursos presenciais, a equipe realiza atendimentos individuais em modalidade a distância e produz materiais didáticos para cursos na modalidade EAD disponibilizados no ambiente AVA da Biblioteca Central, com o propósito de expandir a oferta das ações educativas para o desenvolvimento da competência em informação.

Segundo o resumo das atividades desenvolvidas pela equipe do PDCIAV nos anos de 2020 e 2021, foram realizadas várias ações, conforme o Quadro 7 a seguir:

**Quadro 7 – Resumo das atividades do PDCIAV**

<b>Outras atividades</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>
Atendimentos individuais <i>online</i>	54	56
Cursos ministrados <i>online</i>	10	36
Protocolos de pesquisa	54	36
Conjunto de <i>slides</i>	24	71
Vídeo aulas	48	30
Avaliações	9	15

Fonte: elaborado pela autora com base no resumo das atividades do PDCIAV.

Foram realizados 110 atendimentos personalizados de modo *online* e com agendamento de horário. Esse serviço também pode ser oferecido presencialmente, com orientações para a elaboração de estratégias de busca específicas para a pesquisa bibliográfica, uso de bases de dados e acesso remoto ao acervo eletrônico. Também foram realizados atendimentos por telefone, *e-mail* e redes sociais, para orientações diversas.

Além disso, ofertaram-se 46 cursos com transmissão *online* que obtiveram o total de 1.086 participantes ao vivo e 1.288 visualizações posteriores, a saber: Planejamento de pesquisa em ambiente virtual: noções básicas, Portal de Periódicos Capes e bases referenciais, Elaboração de projetos de pesquisa e Elaboração de artigos científicos.

Em relação aos materiais instrucionais com conteúdo didático para as ações de competência em informação, entre os anos de 2020 e 2021 foram elaborados ao todo: 90 protocolos de pesquisa, 91 conjuntos de slides para tutoriais, 78 videoaulas e 24 avaliações.

Já os cursos realizados por meio do AVA são ofertados aproximadamente três ou quatro vezes por ano, com cerca de 20 vagas de livre inscrição para a comunidade acadêmica ou por solicitação do professor, conforme demonstra o Tabela 2 a seguir:

**Tabela 2 - Cursos realizados no AVA**

<b>Cursos AVA - 2020</b>	<b>Carga Horária</b>	<b>Inscritos</b>	<b>Concluintes</b>
Fontes de Informação <i>online</i>	60h	17	9
Normas da APA para trabalhos acadêmicos	60h	55	38
	<b>Total</b>	<b>72</b>	<b>47</b>
<b>Cursos AVA - 2021</b>	<b>Carga Horária</b>	<b>Inscritos</b>	<b>Concluintes</b>
Planejamento de Pesquisa em Ambiente Virtual	60h	98	53
Normas da APA para trabalhos acadêmicos	60h	81	62
	<b>Total</b>	<b>179</b>	<b>115</b>
<b>Cursos AVA - 2022</b>	<b>Carga Horária</b>	<b>Inscritos</b>	<b>Concluintes</b>
Planejamento de Pesquisa em Ambiente Virtual	40h	39	16
Normas da APA para trabalhos acadêmicos	60h	42	25
Normalização de Trabalhos Acadêmicos	40h	63	23
	<b>Total</b>	<b>144</b>	<b>64</b>
<b>Total Geral</b>		<b>395</b>	<b>226</b>

Fonte: elaborado pela autora com base no Resumo das Atividades do PDCIAV.

Os cursos ofertados por meio do AVA da Biblioteca nos anos de 2020, 2021 e 2022 beneficiaram o total de 226 estudantes, sendo que mais da metade desse total foi realizado no ano de 2021. Também é possível observar que, dos 395 inscritos, apenas 57,2% finalizaram os cursos. Depreende-se que esses cursos são mais completos, pois, ao contrário dos cursos presenciais, que geralmente são ministrados em módulos de duas horas, os cursos a distância possuem uma carga horária de 40 ou 60 horas.

O conteúdo desses cursos é dividido em módulos, cada módulo contém um tipo de exercício para que o participante possa demonstrar sua aprendizagem, sendo que o módulo só é finalizado quando o participante faz o exercício proposto. Alguns exercícios

são dissertativos e corrigidos manualmente pela equipe, que pode visualizar os relatórios de acesso, verificar quantas vezes o participante entrou na plataforma e quanto tempo gastou no módulo, e emitir certificados, de acordo com o aproveitamento do participante.

Existe uma outra modalidade de ensino, os chamados cursos livres, que estão disponíveis o ano todo na plataforma da Biblioteca Central e podem ser realizados a qualquer tempo por qualquer membro da comunidade acadêmica. A equipe também produz conteúdos que podem ser acessados pelo canal do *YouTube* do SIB/Ufes<sup>20</sup>, onde constam vídeos com tutoriais relacionados às normas de apresentação de trabalho acadêmico, formas de acesso ao catálogo do SIB/Ufes, ao Planejamento de Pesquisa em Ambiente Virtual, aos *e-books* e às bibliotecas digitais, o uso do gerenciador de referências *Mendeley*, dicas de uso da base de dados *Primal Pictures*, entre outros.

Por meio dos tutoriais disponíveis no *site*, foi possível analisar o conteúdo ministrado no curso de Planejamento de Pesquisa em Ambiente Virtual, que é baseado na compreensão geral dos estágios da pesquisa nesses ambientes, com indicação das tipologias documentais, suas fontes, sua frequência em determinadas áreas do conhecimento e o uso de recursos de truncagem, delimitadores e operadores *booleanos*, para elaboração de estratégias de busca e recuperação da informação.

No tutorial do curso referente ao Portal de Periódicos Capes, pode-se compreender as formas de acesso ao portal e explorar as ferramentas e conteúdo através das modalidades de busca por assunto, base, periódico e livro. Também oferece dicas para uso de operadores *booleanos*, sinais e caracteres especiais, além de mencionar alguns serviços e treinamentos online que a ferramenta oferece.

Já o curso referente a Métricas de Impacto Científico, apresenta a construção de indicadores para avaliação da produção científica, a questão da qualidade da produção científica mediante a revisão por pares que dá o aval para uma pesquisa e os índices de citações: Fator de Impacto, *CiteScore* e Índice H. Por fim, o tutorial de uso do *Mendeley*, um gerenciador de referências bibliográficas que permite armazenar,

---

<sup>20</sup> <https://www.youtube.com/c/SistemaIntegradodeBibliotecasUfes/featured>

gerenciar e citar as referências bibliográficas de acordo com normas específicas exigidas.

A equipe do PDCIAV planeja e ministra cursos nas modalidades: presencial, AVA e *online*. Também produzem os materiais didáticos e fazem atendimento individual. Apesar das limitações do tamanho da equipe, são realizados vários cursos concernentes ao desenvolvimento da competência em informação.

Os cursos ofertados no AVA têm a divulgação de calendário para inscrição de modo regular no *site* da biblioteca. Já os cursos presenciais, nos últimos anos, passaram a ser realizados mediante a solicitação do professor ou coordenador dos cursos acadêmicos de graduação e pós-graduação. Essas ações deveriam ser divulgadas à comunidade acadêmica da universidade de maneira ampla, mas se constata que não há divulgação suficiente no *site* da Biblioteca Central, no que concerne à agenda e à programação dos cursos presenciais.

No *site*, também não são publicadas informações com relação ao quantitativo de cursos realizados anualmente e a quantidade de pessoas que já foram beneficiadas. Segundo Uribe Tirado (2014), a divulgação é uma tarefa a ser realizada regularmente na instituição, inclusive em publicações científicas, a fim de relatar os benefícios e para que todos conheçam a oferta dessas ações educativas e sua importância.

Outro serviço oferecido através do *site* é o agendamento de um atendimento individual de orientação à pesquisa, que compreende aos serviços de orientação para elaboração de estratégia de busca, pesquisa bibliográfica, uso das bases de dados e para o acesso remoto às bases. Nessas orientações, os usuários também recebem diversas informações, cabe ao usuário definir suas escolhas, mediante a razão e a sensatez, para a aplicação em seus próprios trabalhos, coadunando com a proposta do *Framework* (2016), que deposita no estudante a responsabilidade pela sua própria aprendizagem e reconhecendo a dimensão ética do uso da informação para sua prática do conhecimento.

Em termos de acervo, o SIB/Ufes adquiriu direitos de acesso a diversas bases de dados, *e-books* e outros materiais digitais, que podem ser utilizados por uma quantidade maior de estudantes, professores e técnicos, inclusive remotamente por

meio da senha institucional. Denota-se uma preocupação da instituição com a questão da oferta e da facilitação ao acesso à informação para a comunidade acadêmica.

Apesar da nomenclatura de Programa de Desenvolvimento de Competências Informacionais em Ambiente Virtual (PDCIAV), as ações educativas não são institucionalizadas e não conseguem suprir a demanda da comunidade universitária. Nesse sentido, sugere-se que os bibliotecários, junto com a gestão do SIB/Ufes e em parceria com docentes e coordenadores de cursos da Universidade, unam-se em trabalho cooperativo, a fim de elaborar um plano de ação para a reestruturação no PDCIAV, no intuito de ele seja efetivado como um programa institucionalizado.

Denota-se que existe uma necessidade emergente de oficializar a reorganização administrativa da Biblioteca Central, determinar as atividades e os serviços e incluir a temática da competência em informação no escopo do Regimento Interno, em consonância com os objetivos educacionais e de pesquisa da Universidade.

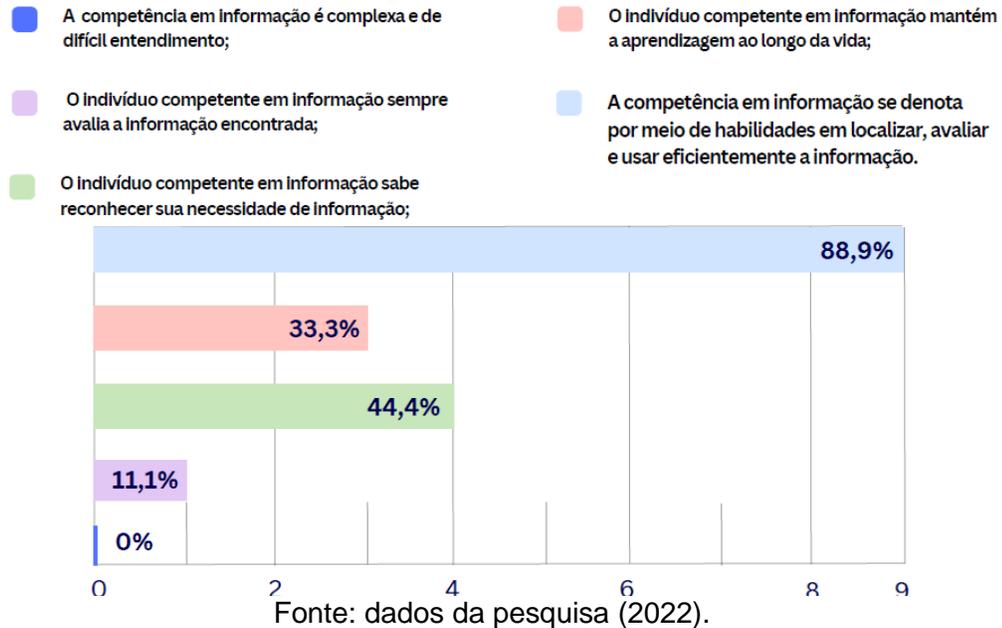
## 4.2 RESULTADO DA ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

Com vistas à uma melhor compreensão dos resultados obtidos no questionário semiestruturado, cujo objetivo foi verificar o conhecimento e a percepção dos bibliotecários com relação aos fundamentos e as práticas da competência em informação, elaboram-se três categorias: Fundamentos da competência em informação; Práticas da Competência em informação; e Perfil do bibliotecário.

### 4.2.1 Fundamentos da competência em informação

Essa categoria corresponde às questões 1, 5 e 7 do questionário e visa verificar os entendimentos dos bibliotecários em relação aos fundamentos do desenvolvimento da competência em informação e como eles se reconhecem enquanto bibliotecários educadores.

Na questão de nº 1, os participantes foram questionados sobre as características do indivíduo competente em informação, segundo o conceito da *American Library Association* (ALA, 1989), considerando-se que eles poderiam assinalar até duas alternativas, dentre as cinco propostas. As respostas são demonstradas no Gráfico 1:

**Gráfico 1** – Características do indivíduo competente em informação

As respostas obtidas nesta questão apresentam compatibilidade com os conceitos de competência em informação, uma vez que a opção mais assinalada foi: “A competência em informação se denota por meio de habilidades em localizar, avaliar e usar eficientemente a informação”, que obteve 88,9%, ou seja, dos nove participantes, oito marcaram essa alternativa. O resultado, de certa maneira, era esperado, devido à citação de um trecho do documento da ALA (1989), que é apresentado no enunciado da pergunta, no qual o conceito de CoInfo está relacionado aos requisitos necessários para sua aquisição.

No entanto, a intenção era que eles marcassem mais de uma opção, assim, 44,4% (quatro) dos participantes responderam também “O indivíduo competente em informação sabe reconhecer sua necessidade de informação” e, 33,33% (três) assinalaram “O indivíduo competente em informação mantém a aprendizagem ao longo da vida”.

Segundo Belluzzo (2011), as competências dos bibliotecários estão diretamente relacionadas à sua atuação nos ambientes de informação, especialmente nas bibliotecas acadêmicas. Essas competências dependem do domínio de saberes diversos que permitem o reconhecimento da necessidade e da capacidade de manejo

da informação. Além do mais, o profissional que lida com o universo informacional necessita adotar uma postura proativa com relação à sua aprendizagem permanente.

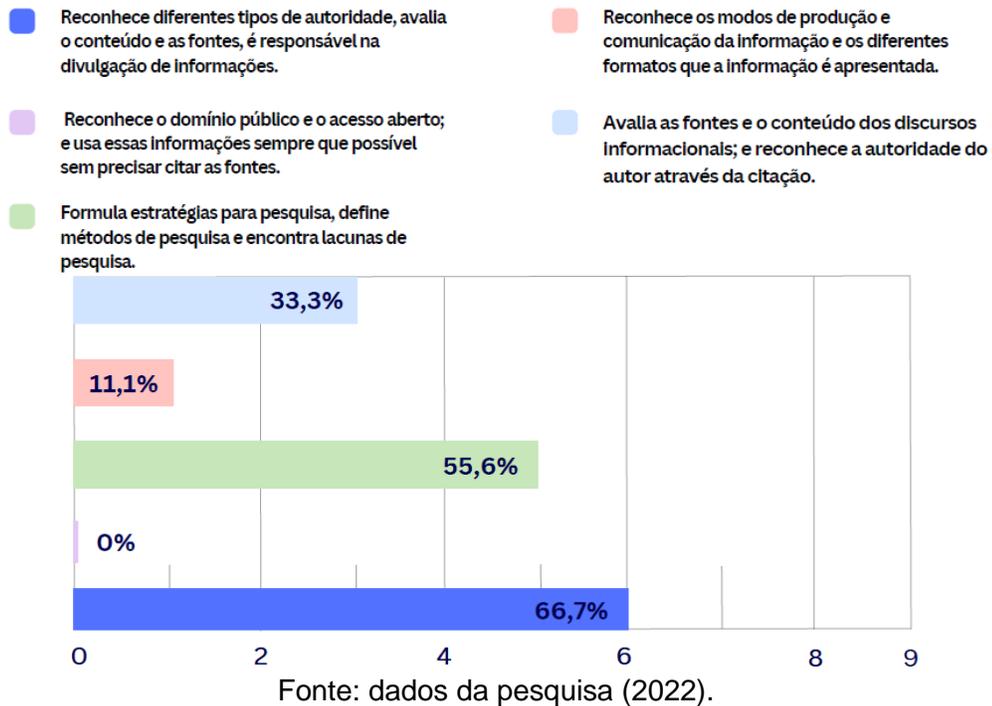
A opção menos escolhida foi “O indivíduo competente em informação sempre avalia a informação encontrada”, com 11,1%. A baixa adesão a esta opção, apenas um bibliotecário, é preocupante, uma vez que espera-se que as práticas informacionais sejam respaldadas por uma conduta ética e responsável, com base na reflexão e no bom senso. Entende-se que a avaliação da informação deve estar presente no fazer do bibliotecário e deve ser uma prática adotada em todos os ambientes informacionais, em todos os suportes, sejam físicos ou digitais. Nessa acepção, Hatschbach (2002) cita alguns critérios que devem ser considerados para a avaliação de uma fonte de informação, tais como: a abrangência da fonte, a atualidade, a autoridade, a confiabilidade, a objetividade, o objetivo, a pertinência e o público a que se destina.

Frente ao contexto contemporâneo de acesso instantâneo às informações, a avaliação da informação é uma atitude essencial, sob o ponto de vista da eficiência da estratégia de busca utilizada e dos objetivos pretendidos, além de estar relacionada com a responsabilidade do sujeito no uso e na disseminação da informação. É, portanto, uma questão compatível com a dimensão ética da informação, em que o indivíduo assume uma postura crítica e responsável diante da informação (VITORINO; PIANTOLA, 2011).

Denota-se que a compreensão sobre os conceitos e fundamentos da competência em informação é positiva entre esses profissionais, uma vez que nenhum dos participantes assinalou a opção “A competência em informação é complexa e de difícil entendimento”, que denotaria desconhecimento sobre a temática. Compreende-se que o indivíduo que desenvolve conhecimentos, habilidades e atitudes que favorecem o acesso ao ambiente informacional, é, portanto, capaz de selecionar, avaliar, usar e comunicar com eficiência e eficácia a informação.

Prosseguindo com a análise, na questão de nº 7, que é similar à primeira, propositalmente, para ver seu ponto de vista sem o conceito, como na primeira, os participantes poderiam assinalar, segundo o seu entendimento individual, as características da pessoa que desenvolveu a competência em informação, sendo que o enunciado especifica que poderiam marcar até duas alternativas corretas.

**Gráfico 2 – Habilidades do indivíduo competente em informação**



Percebe-se, no Gráfico 2, que as opções mais assinaladas foram “Reconhece diferentes tipos de autoridade, avalia o conteúdo e as fontes, é responsável na divulgação de informações”, com 66,7%, seguida de “Formula estratégias para pesquisa, define métodos de pesquisa e encontra lacunas de pesquisa”, com 55,6%, de “Avalia as fontes e o conteúdo dos discursos informacionais; e reconhece a autoridade do autor através da citação”, com 33,3%. Na sequência, a sentença “Reconhece os modos de produção e comunicação da informação e os diferentes formatos que a informação é apresentada” obteve 11,1% das escolhas, sendo marcada por apenas um profissional. No que se refere ao tópico “Reconhece o domínio público e o acesso aberto e usa essas informações sempre que possível *sem* precisar citar as fontes”, havia uma estratégia para verificar o nível de atenção do participante e, portanto, não obteve nenhuma marcação, como esperado.

No tocante aos conhecimentos e habilidades acima elencados, eles são descritos em diversos documentos internacionais: a ACRL (2000, 2016), documentos da IFLA, Lau (2007), o SCONUL (2011), a ANZIIL (2004), dentre outros. Essas instituições elaboram padrões e diretrizes para o desenvolvimento e a avaliação da

competência em informação em ambientes de informação. Entende-se que tais características, citadas no enunciado da questão, fazem parte do perfil do bibliotecário e são primordiais para o êxito dos profissionais que buscam o seu autodesenvolvimento, por meio da aquisição de novas habilidades, e para o implemento de ações educativas direcionadas ao uso do ambiente informacional.

No cerne dessas ações de competências, manifesta-se, principalmente, a dimensão técnica, que diz respeito à capacidade dos profissionais em lidar com os ambientes informacionais. Essa dimensão tem um grande peso na esfera profissional, no entanto, é viabilizada com a aplicação da dimensão ética, na orientação dos procedimentos, apoiando-se em princípios de respeito e reciprocidade (VITORINO; PIANTOLA, 2020).

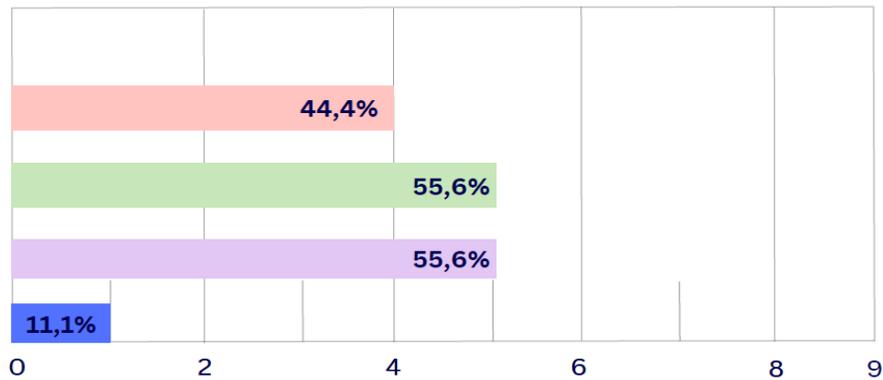
Mediante os resultados gerais, denota-se que os bibliotecários participantes da pesquisa detêm conhecimentos técnicos relativos ao ambiente informacional, além de atitude responsável com relação à informação utilizada e comunicada, que se manifesta por meio do reconhecimento da importância da adequada utilização das fontes, da observação das normas de referenciação e citação de autoridade.

Depreende-se que os bibliotecários compreendem a importância da aprendizagem do universo informacional em suas diversas facetas, bem como a necessidade de desenvolvimento de um conjunto de habilidades, conhecimentos e atitudes concernente à temática, para que possam assegurar o aprendizado ao longo da vida.

Na sequência, são apresentadas as respostas relativas à questão de nº 5, que possui o seguinte enunciado “Como os indivíduos podem desenvolver a competência em informação?”.

### Gráfico 3 – Como pode ser desenvolvida a competência em informação

- A competência em informação pode ser desenvolvida pelos indivíduos aleatoriamente em níveis particulares a cada um;
- A competência em informação deve ser desenvolvida em indivíduos durante o período de formação acadêmica a partir do trabalho colaborativo entre bibliotecários e docentes;
- A competência em informação depende do empenho dos indivíduos em querer se capacitar/aprender aspectos do universo informacional;
- A competência em informação deve ser desenvolvida de preferência por meio de programas estruturados e institucionalizados, aplicados no âmbito da biblioteca universitária.



Fonte: dados da pesquisa (2022).

Observa-se que duas alternativas foram assinaladas de forma idêntica: “A competência em informação depende do empenho dos indivíduos em querer se capacitar/aprender aspectos do universo informacional” e “A competência em informação deve ser desenvolvida em indivíduos durante o período de formação acadêmica a partir do trabalho colaborativo entre bibliotecários e docentes”, com 55,6% cada uma. A seguir, com 44,4%, foi marcada a opção “A competência em informação deve ser desenvolvida de preferência por meio de programas estruturados e institucionalizados, aplicados no âmbito da biblioteca universitária”.

A resposta menos assinalada (apenas um participante), com o percentual de 11,1%, corresponde à seguinte premissa: “A competência em informação pode ser desenvolvida pelos indivíduos aleatoriamente em níveis particulares a cada um”. Entretanto, entende-se que as ações educativas dessa natureza devem ser planejadas e direcionadas de acordo com os níveis de conhecimento, respeitando-se as necessidades informacionais dos sujeitos e, preferencialmente, articuladas com a prática pedagógica da instituição de ensino (SANTOS, 2017, 2020).

Nesse propósito, o *Framework* (ACRL, 2016) sugere que a competência em informação deve fazer parte do arco de aprendizagem dos sujeitos ao longo de seu percurso estudantil. Deve ter um caráter dinâmico, para acompanhar a evolução da aprendizagem, e ao mesmo tempo deve ser flexível, a fim de abarcar mais habilidades à medida que vai sendo desenvolvida. Segundo o documento, o indivíduo necessita aprender a reconhecer a informação, como ela é produzida e valorizada, seu uso na criação de novos conhecimentos e sua participação nas comunidades de aprendizagem (ACRL, 2016).

Spudeit (2016) argumenta que os programas de competência em informação devem estar de acordo com a missão, as metas e os objetivos institucionais, podendo ser desenvolvidos em dois níveis: o primeiro está relacionado aos conhecimentos de recursos e fontes de informação, e o segundo é baseado na compreensão e na disseminação da informação, visando à elaboração e ao compartilhamento de novos conhecimentos.

Corroboram Vianna e Caregnato (2022), quando afirmam que é preciso mais que os esforços individuais dos bibliotecários, para a realização de programas de competência em informação no ambiente universitário. Segundo as autoras, é necessário a adoção de modelos teóricos e de parâmetros direcionados ao planejamento das ações educativas.

Por outro lado, Lau (2007) esclarece que é importante seguir um plano de ação, mesmo que seja simplificado, traçar os objetivos e metas, para obter um programa apropriado às necessidades da comunidade. Da mesma maneira, é desejável o incentivo à realização de parcerias entre bibliotecários, professores e outros profissionais para contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem acadêmica.

Além do empenho dos bibliotecários e da colaboração entre os profissionais, a criação de um programa sistematizado e estruturado é, *a priori*, a melhor maneira de aplicar a competência em informação para o ensino superior. Afinal, executar um bom planejamento é fundamental para que as ações educativas possam alcançar os níveis desejáveis de competência nos indivíduos.

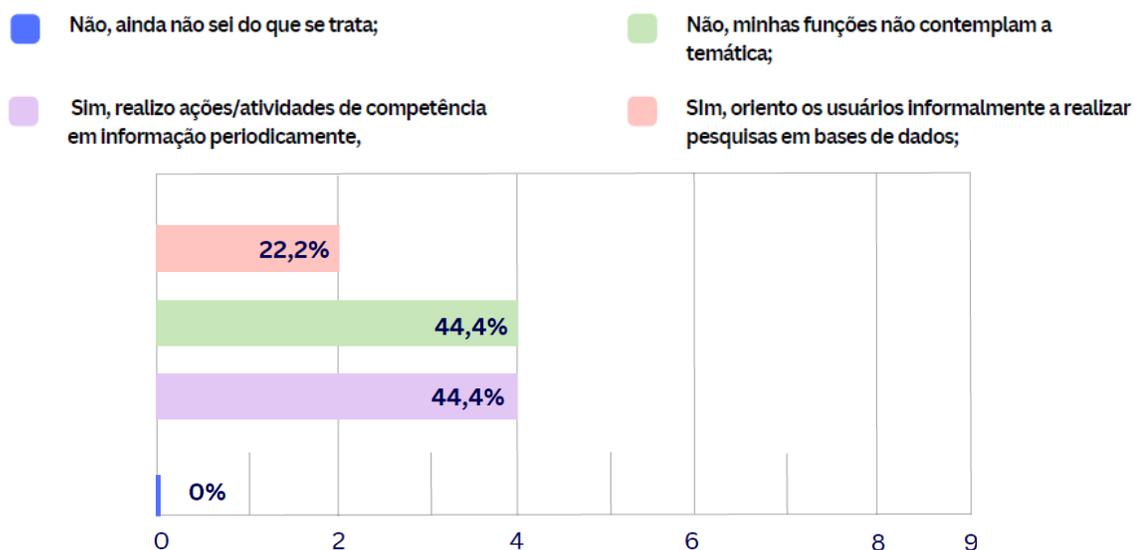
#### **4.2.2 Práticas da competência em informação**

Essa categoria corresponde às perguntas 2, 3, 6 e 9 do questionário e visa captar a percepção dos bibliotecários com relação ao desenvolvimento da competência em informação dos indivíduos em seu ambiente de trabalho (biblioteca universitária) e o seu comprometimento em realizar essas ações com a comunidade de usuários.

A questão nº 2 tem por enunciado “Considerando sua ocupação atual no Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes, você desenvolve alguma ação ou atividade relacionada ao desenvolvimento da competência em informação?” Os participantes

ficaram livres para marcar uma ou mais opções, de acordo com seu entendimento, como demonstrado no Gráfico 4:

**Gráfico 4 – Atividades de competência em informação**



Fonte: dados da pesquisa (2022).

Dentre os nove participantes, 44,4% (quatro participantes) assinalaram que “Sim, realiza ações/atividades de competência em informação periodicamente” e 22,2% (dois) que responderam “Sim, oriento os usuários informalmente a realizar pesquisas em bases de dados”. Um participante assinalou duas respostas: “Sim, oriento” e “Sim, realizo”. Por outro lado, um percentual grande, de 44,4 %, que correspondente a outros quatro participantes, disseram que suas funções dentro da biblioteca não contemplam a temática da competência em informação.

Diante das respostas obtidas, verifica-se que algumas funções da biblioteca universitária têm um caráter técnico específico e não alcançam o contato direto com o usuário. Nesse sentido, alguns dos participantes desta pesquisa que assinalaram que não realizam atividades relativas à competência em informação podem fazer parte desse setor na Biblioteca Central, ou seja, seu trabalho contribui de forma acessória para que o usuário tenha acesso à informação através do processamento dos materiais informacionais e a da disponibilização.

Segundo Alcará (2021) fatores motivacionais pessoais podem levar um indivíduo a fazer escolhas em busca de novos conhecimentos e oportunidades, comprometendo-

se com novas atividades e, inclusive, superando desafios. Nesse contexto, havendo interesse, a qualquer tempo, o profissional poderá colaborar com as ações educativas de competência em informação, seja produzindo algum material didático impresso ou digital, como os tutoriais, ou até mesmo orientando diretamente o usuário na utilização de algum serviço no ambiente da biblioteca.

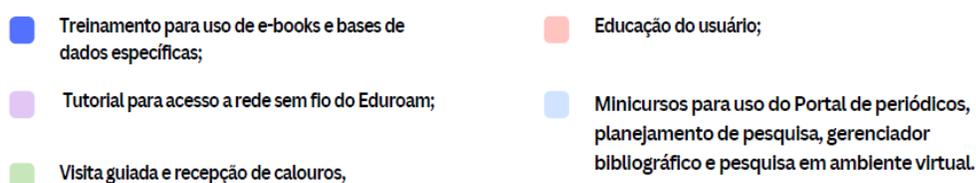
Uribe Tirado (2014), por sua vez, declara que a competência em informação envolve toda a biblioteca e o seu pessoal. Portanto, ela não ocorre apenas por meio de ações educativas formais, ela acontece diariamente no processo de mediação da informação com o usuário, de diversos modos, seja no serviço de referência, nos informativos, nas mensagens digitais, entre outros.

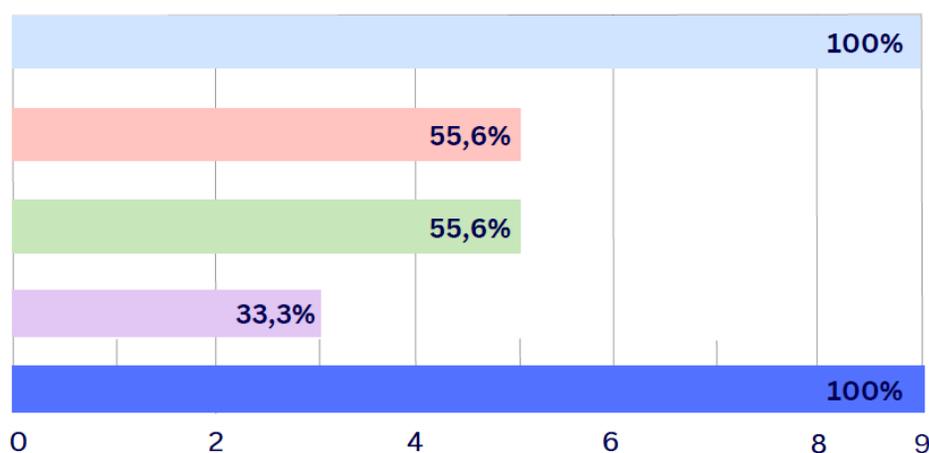
No que concerne ao ambiente informacional, devido à influência das TICs, que alteram as formas de acesso, produção e disseminação da informação, são exigidos dos bibliotecários que se adaptem a esse novo cenário. Para Belluzzo (2011, p. 70), “[...] o futuro dos profissionais da informação está em suas próprias mãos e depende de que cada um demonstre que pode ser capaz de Querer Ser, Conhecer e Fazer”.

Perante o percentual de respostas afirmativas dos participantes, denota-se que a maior parte dos bibliotecários compreendem os conceitos inerentes às atividades de promoção da competência em informação e têm consciência de que no ambiente informacional de uma biblioteca universitária existem muitas formas de realizar tais ações educativas e contribuir com a aprendizagem dos usuários.

Prosseguindo com a análise, a questão de nº 9 solicita que os participantes marquem quais ações desenvolvidas no seu ambiente de trabalho, que se relacionam ou correspondem ao desenvolvimento da competência em informação, conforme a seguir no Gráfico 5:

**Gráfico 5 – Ações de competência em informação do SIB/Ufes**





Fonte: dados da pesquisa (2022).

Nessa questão, eles poderiam assinalar quantas opções quisessem, e duas que foram escolhidas por 100% dos participantes: “Treinamento para uso de *e-books* e bases de dados específicas” e “Minicursos para uso do Portal de periódicos, planejamento de pesquisa, gerenciador bibliográfico e pesquisa em ambiente virtual”. Outras duas opções também obtiveram o mesmo índice de escolha, com 55,5%: “Visita guiada e recepção de calouros” e “Educação do usuário”. A opção com menor adesão foi: “Tutorial para acesso à rede sem fio do Eduroam”.

A priori, tais ações educativas se relacionam com a dimensão técnica, na qual o foco são as habilidades práticas para o manejo de instrumentos de busca e uso da informação (VITORINO; PIANTOLA, 2011). No entanto, essa técnica deriva de outras motivações e contextos, que têm origem e implicações nas dimensões ética, estética e política, para se concretiza no âmbito pessoal e social do indivíduo em busca de harmonia e equilíbrio.

Segundo Belluzzo, Santos e Almeida Júnior (2014), a competência em informação é um conjunto de competências e habilidades indispensáveis para que o indivíduo domine as tecnologias da informação e comunicação em seus diversos suportes, incorporando os processos relativos a busca, a recuperação, avaliação e comunicação da informação. Já a educação do usuário, segundo os autores, possui características diferentes e correspondem a ações orientadas ao uso específico da biblioteca e de seus recursos informacionais.

A competência em informação vai além da explicação do funcionamento dos serviços da biblioteca, uma vez que auxilia no desenvolvimento do aprendizado dos

usuários, visando à internalização de competências, capacidades, habilidades e atitudes para a recuperação e o uso da informação de maneira responsável e crítica. Ademais, o indivíduo necessita dominar ferramentas tecnológicas para alcançar esses objetivos; são, portanto, processos a serem desenvolvidos por toda a vida (SANTOS, 2020).

Corroboram Belluzzo e Feres (2016), ao mencionarem que as tecnologias contribuem para o aumento da quantidade de informação na sociedade atual e alteram as condições de disponibilização da informação, sendo preciso desenvolver nos indivíduos habilidades para lidar com esse contexto de forma inteligente e criativa. Segundo as autoras, é necessário um aprendizado contínuo, além de capacidades no manuseio de tecnologias, fontes e sistemas de informação.

Compreende-se que as ações educativas em prol do desenvolvimento da competência em informação devem ser abrangentes e articuladas com os diversos saberes e aptidões para o reconhecimento da informação, das fontes, dos processos de produção de novos conhecimentos, da sua aplicação ao longo da carreira acadêmica e da vida.

Dando prosseguimento à análise, na questão nº 3, verifica-se a percepção dos bibliotecários com relação à ColInfo no ambiente da biblioteca universitária em que atuam. Foi realizada uma pergunta aberta para que os profissionais pudessem se expressar livremente, a saber: “Você considera que deve existir um local específico na biblioteca para o desenvolvimento/aprimoramento da competência em informação? Por quê?” As respostas foram:

“Concordo desde que feito em conjunto com os docentes, e com toda a instituição de ensino. Porque a biblioteca deve oferecer suporte para atender as demandas informacionais da comunidade acadêmica” (Participante 1).

“A Biblioteca como um todo é um ambiente de competência em informação, dispõe de locais como laboratórios, auditórios e outros espaços que permitem esse aprimoramento” (Participante 2).

“Sim. Acredito que um local destinado para o desenvolvimento de competências/aprimoramento em informação auxiliaria a gestão no planejamento das necessidades até mesmo da própria equipe do Sistema Integrado de Bibliotecas” (Participante 3).

“Sim. No contexto virtual, apesar da disponibilidade de informação ser maior, normalmente é necessário conhecimento prévio para o indivíduo saber localizar/acessar a informação que necessita” (Participante 4).

“Sim, principalmente para desenvolvimento/aprimoramento da competência em informação para servidores no que compete desenvolvimento para melhor entender o público com aspectos voltados para serviço social e psicologia do trabalho. Estrutura física a biblioteca tem” (Participante 5).

“Sim. Porque, tendo um local específico é possível ampliar o aperfeiçoamento profissional firmado pela competência em informação” (Participante 6).

“Seria bom ter esse lugar destinado para capacitações internas e externas, porém o mais importante é a abertura de cada pessoa em querer adquirir novos conhecimentos” (Participante 7).

“Sim, para capacitar os usuários” (Participante 8).

“Sim, porque é condição imprescindível para os usuários da biblioteca possuírem competência em informação” (Participante 9).

Mediante as respostas obtidas nessa questão, observa-se que a maioria dos participantes concordam que deve existir um local específico dentro da biblioteca para que sejam realizadas as ações educativas relativas ao desenvolvimento da competência em informação, conforme menciona o participante 6: “Sim. Porque, tendo um local específico é possível ampliar o aperfeiçoamento profissional firmado pela competência em informação”. No entanto, o participante 2 declara que “A biblioteca como um todo é um ambiente de competência em informação, dispõe de locais como laboratórios, auditórios e outros espaços que permitem esse aprimoramento”.

Para Uribe Tirado (2009, 2014), o processo de ensino e aprendizagem da competência em informação deve envolver a biblioteca como um todo, mediante ações educativas formais e informais, empregando-se variadas estratégias de ensino e utilizando-se diferentes ambientes de aprendizagem, seja de modo presencial, virtual ou misto, para que os usuários alcancem as competências digitais, comunicacionais e informacionais, permitindo que os indivíduos possam escolher os meios e a forma que melhor atendam suas necessidades de informação.

Já o participante 4 frisa a importância do desenvolvimento das competências e habilidades para lidar com as informações no contexto virtual. Depreende-se que este

reconhece pertinência da utilização do ambiente virtual na atualidade, uma vez que possibilita aos indivíduos obter maior acesso à informação em menor espaço de tempo.

Corroboram Mata e Alcará (2018) quando mencionam que as ações educativas relacionadas à competência em informação podem ocorrer em diferentes ambientes de informação, educação e cultura, podendo ser realizadas de forma presencial ou a distância, por meio de recursos tecnológicos de informação e comunicação disponíveis. As autoras ainda destacam a importância de envolver outros profissionais com essas ações educativas, no sentido de estabelecer parcerias e colaboração com bibliotecários, docentes, pesquisadores, coordenadores, entre outros.

O desenvolvimento de ações educativas de competência em informação é visto como uma “[...] condição imprescindível para os usuários da biblioteca possuírem competência em informação” (PARTICIPANTE 9). Porém, essas ações devem ser realizadas “[...] em conjunto com os docentes, e com toda a instituição de ensino” (PARTICIPANTE 1). Frente a essa resposta, compreende-se que o participante entende a relevância das parcerias entre bibliotecários e demais profissionais da universidade para o fortalecimento das ações de competência no âmbito da Universidade.

Segundo o *Framework* (ACRL, 2016), as ações de competência em informação devem refletir o ambiente e o ecossistema informacional das instituições. Nesse sentido, os participantes 3, 5 e 7 mencionam a necessidade do aprimoramento da própria equipe da biblioteca, bem como para os demais servidores, “[...] para melhor entender o público com aspectos voltados para serviço social e psicologia do trabalho”, sendo que a “estrutura física, a biblioteca tem” (PARTICIPANTE 5).

A Biblioteca Central passou por uma reforma no período entre 2020 e 2021, conforme já citado, quando alguns setores foram redimensionados e foi montado um laboratório de informatizado específico para que possam ser realizados os cursos presenciais do PDCIAV e outros eventos de formação direcionados aos bibliotecários ou à comunidade acadêmica.

Por outro lado, o participante 7 frisa que “[...] o mais importante é a abertura de cada pessoa em querer adquirir novos conhecimentos”. Denota-se, dessa maneira, a projeção do indivíduo diante de suas habilidades e da sua necessidade de

aperfeiçoamento contínuo, de modo a apreender novos conhecimentos para realizar suas atividades educacionais e profissionais.

Para Santos (2020), as bibliotecas são o ambiente educativo propício à implantação de ações educativas voltadas para a competência em informação e os bibliotecários são os profissionais que facilitam a aprendizagem em informação para a produção de conhecimento, o aprimoramento profissional, e o exercício da cidadania, dentre outros.

Os bibliotecários estão conscientes da importância da competência em informação para a comunidade acadêmica, no sentido de proporcionar aos usuários novas perspectivas de aprendizagem, por meio de conhecimentos e saberes relativos ao acesso, uso e disseminação da informação. Ressalta-se que os participantes, de modo geral, compreendem a relevância da biblioteca como um espaço potencial para o aprimoramento dessas competências, uma vez que possui uma estrutura física adequada com laboratórios de informática e conta com o apoio administrativo e institucional para o desenvolvimento dessas ações.

A questão nº 6 a ser analisada também foi aberta e está relacionada com a necessidade de avaliação da competência em informação. Perguntou-se aos participantes: “Segundo seu entendimento, é possível aferir a competência em informação nos indivíduos?”. As respostas obtidas foram:

Sim, porque é necessário ter um *feedback* sobre as práticas de competência em informação oferecidas aos indivíduos. A partir da aferição é possível saber se os indivíduos estão desenvolvendo habilidades para lidar com a informação. É possível traçar novas estratégias, caso o objetivo das ações de competência não sejam atingidos [sic] (Participante 1).

Por meio de questionários, avaliações no desempenho das atividades e outras formas nas quais o indivíduo possa trabalhar com essa temática (Participante 2).

Sim (Participante 3).

Sim (Participante 4).

Sim, pode-se observar por exemplo: a autonomia dos indivíduos nos processos de busca e recuperação da informação (Participante 5).

Sim, através de um conjunto de indicadores (Participante 6).

É meio subjetivo, mas através do conteúdo que é apresentado pode-se avaliar o conhecimento mais aprofundado de um determinado assunto que uma pessoa tem em relação a outra. Quando se trabalha ou estuda uma linha de assunto é normal que domine e tenha facilidade de disseminar este conhecimento adquirido para outras pessoas (Participante 7).

Sim (Participante 8).

Qual a escalonagem para isso? Existe um padrão para medir se um indivíduo é ou não é competente sobre informação? De que maneira isso pode ser mensurado? Se não existe um padrão, não tem como responder a essa questão. Informação sobre o que exatamente? (Participante 9).

Observa-se que três participantes, 3, 4 e 8, responderam simplesmente “sim”, em concordância com a pergunta realizada, e não expuseram seu ponto de vista. Os demais participantes complementam suas respostas com seus pontos de vista, no entanto, o participante 9 demonstra ter dúvida em relação à forma de verificação do desenvolvimento da competência em informação nos indivíduos. Diante do exposto, recorre-se às próprias respostas dos participantes e à literatura para responder à dúvida do participante 9 com relação a existência de padrões para mensurar o desenvolvimento de competência em informação: Existe um padrão para medir a competência em informação nos indivíduos?

Conforme já mencionado nesta pesquisa, diversas instituições, tais como: IFLA, UNESCO, SCONUL, ANZIIL e a ACRL, publicam parâmetros, diretrizes e orientações acerca do desenvolvimento da competência em informação e da sua avaliação. A ACRL (2019) sugere que o processo de avaliação deve abarcar todo o processo, desde a criação do programa, envolvendo todos os processos de sua implementação, até o resultado da aprendizagem dos participantes, utilizando-se da avaliação formativa e somativa, inclusive com a autoavaliação do participante.

As avaliações das ações e/ou programas de competências devem ser realizadas em conjunto, com a participação dos bibliotecários e demais profissionais envolvidos, a fim de obter um “[...] *feedback* sobre as práticas de competência em informação oferecidas aos indivíduos”. Desse modo, “[...] é possível traçar novas estratégias, caso o objetivo das ações de competência não sejam atingidos [sic]”, conforme menciona o participante 1.

Uribe Tirado (2014) declara que os programas de competência em informação devem ser planejados com base em competências a serem atingidas, utilizando-se de metodologias de ensino voltadas às necessidades dos indivíduos, respeitando-se os níveis educacionais e, dessa maneira, deve-se definir critérios, indicadores e instrumentos para avaliação contínua dos processos e da aprendizagem, com foco no aperfeiçoamento das ações.

Quanto às formas de avaliação, o participante 2 afirma que a avaliação pode ser realizada “[...] por meio de questionários, avaliações no desempenho das atividades e outras formas nas quais o indivíduo possa trabalhar com essa temática”. Já o participante 6 declara que a competência pode ser verificada “[...] através de um conjunto de indicadores”. Tais afirmações são confirmadas por Belluzzo, Santos e Almeida Júnior (2014), quando apontam as recomendações das organizações internacionais para o uso de modelos de avaliação específicos com base em questionários e pesquisas. Os autores ressaltam que a avaliação dessas competências não deve ser restringida a um esquema de qualificação, sendo, portanto, um direcionamento lógico, uma vez que a avaliação é parte essencial de qualquer programa de competências.

Da mesma maneira, Uribe Tirado (2014) recomenda a utilização de indicadores tanto qualitativos quanto quantitativos, para avaliar os resultados de programas a curto, médio e longo prazo. O processo avaliativo é fundamental para que se façam os ajustes necessários nas atividades com relação à metodologia empregada e ao aprofundamento do conteúdo.

Para o participante 5, é possível avaliar a competência do indivíduo observando sua autonomia ao realizar os processos de busca e recuperação da informação. Na mesma linha de raciocínio, o participante 7 declara que, apesar de ser subjetivo, é possível avaliar a competência do indivíduo em um determinado assunto através do conteúdo que é apresentado, ou seja, do resultado obtido pelo indivíduo. Depreende-se que é possível verificar a competência do indivíduo mediante a sua habilidade no manejo da informação, por meio do conteúdo recuperado e do conhecimento produzido.

Spudeit (2016) aborda que, para um indivíduo ser competente em informação, ele precisa desenvolver-se de forma permanente, no intuito de adquirir habilidades

para reconhecer suas necessidades de informação, dispor de conhecimentos sobre uso das fontes e recursos de informação, além de compreender os processos de elaboração e disseminação do conhecimento.

Já Santos (2020) destaca que a competência é determinada pela capacidade do indivíduo em mobilizar diferentes habilidades para a realização de uma tarefa ou para enfrentar uma situação, implicando utilizar conhecimentos e recursos de forma criativa e eficaz. Para a autora, o desenvolvimento de ações de competência em informação tem por objetivo traçar um perfil de conhecimentos, habilidades e atitudes, além de conscientizar o indivíduo com relação ao comportamento responsável e aos valores éticos, que proporcionam a aprendizagem ao longo da vida e o bem-estar social.

Apesar de existirem muitos parâmetros e diretrizes que auxiliam na implementação e avaliação de programas de competência em informação, poucos são utilizados nas bibliotecas universitárias brasileiras. Portanto, é importante conhecê-los e adaptá-los ao perfil da comunidade acadêmica e da biblioteca à qual está subordinada (VIANNA; CAREGNATO, 2022).

Diante do exposto, denota-se que os participantes apresentam diferentes níveis de conhecimento com relação ao processo de avaliação da competência em informação e a sua aplicação, uma vez que as respostas apresentam pontos de vista diferentes. É desejável que se mantenham atualizados com relação à temática, compartilhem seus conhecimentos com os colegas, de modo a alinhar os saberes com a sua prática no ambiente de trabalho.

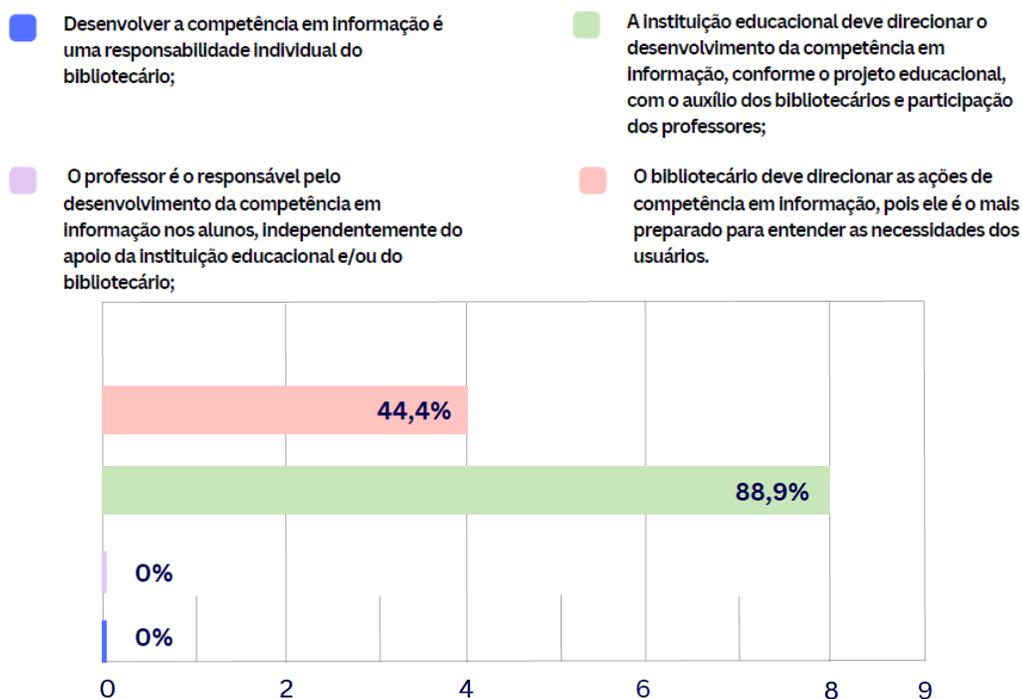
Conclui-se que o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes no âmbito do universo informacional deve ser uma atividade centrada nas necessidades do indivíduo, adaptada ao contexto educacional da instituição e aos níveis de ensino e aprendizagem. As ações educativas voltadas ao desenvolvimento dessas competências são ferramentas que instigam a busca pelo conhecimento e transformam os indivíduos em cidadãos mais conscientes de seus direitos e deveres. Trata-se, portanto, de uma atitude perante a vida, que deve ser incorporada de forma natural ao cotidiano de todas as pessoas.

### 4.2.3 Perfil do bibliotecário

Essa categoria corresponde às perguntas 4, 8 e 10 do questionário e tem como meta verificar a percepção dos participantes com relação à sua função de bibliotecário educador diante do ambiente informacional atual. Busca-se refletir acerca das percepções desses profissionais, uma vez que estão lidando diretamente com as necessidades informacionais dos usuários em vários contextos e em diversos níveis de aprendizagem.

A pergunta de nº 4 questiona: “Segundo o seu entendimento, de quem é a responsabilidade pelo desenvolvimento de ações e/ou programas de competência em informação?”. Os participantes poderiam marcar até duas opções. O resultado das respostas é demonstrado no Gráfico 6 a seguir:

**Gráfico 6** – Responsabilidade pelo desenvolvimento de ações e/ou programas



Fonte: dados da pesquisa (2022).

A opção mais assinalada, obteve cerca de 88,9%. Esses participantes consideram que “A instituição educacional deve direcionar o desenvolvimento da competência em informação, conforme o projeto educacional, com o auxílio dos

bibliotecários e com a participação dos professores”. Apenas um participante não marcou essa alternativa.

Denota-se que oito dos nove respondentes entendem a importância do investimento nessas ações e/ou programas de desenvolvimento de competências, tornando-as parte do planejamento educacional. Sendo, portanto, uma condição desejável e muito significativa para a comunidade acadêmica, devendo ser integrada de maneira transversal nas disciplinas e conectando os conteúdos e agregando valor à aprendizagem (SANTOS, 2017). Contribui, portanto, de maneira expressiva e ampla para a formação acadêmica e geral dos indivíduos.

Seguindo com a análise, as duas primeiras opções dadas não receberam nenhuma concordância por parte dos participantes, e a primeira situa que a responsabilidade pelo desenvolvimento da competência em informação é individual do bibliotecário e a segunda, que o professor é esse responsável, independentemente do apoio da instituição educacional e/ou do bibliotecário. No entanto, 44,4% dos participantes assinalaram que “O bibliotecário deve direcionar as ações de competência em informação, pois ele é o mais preparado para entender as necessidades dos usuários”.

Mata (2014), Gonçalves e Cuevas-Cerveró (2016) e Santos (2020) apontam que o bibliotecário é o profissional mais indicado para realizar as ações educativas de competência em informação, devido à formação que recebe. Por outro lado, Spudeit (2016) explica que a responsabilidade pela implementação de tais programas não se restringe ao bibliotecário, mas que este deve trabalhar em conjunto com outros profissionais dentro da instituição e até fora dela, na perspectiva de alcançar melhores resultados no ensino e na aprendizagem dos estudantes.

Os profissionais da informação, de modo geral, possuem determinados conhecimentos e habilidades que os qualificam a planejar e desenvolver ações nesse contexto. Contudo, o bibliotecário, pela sua formação e experiência profissional, normalmente, possui mais familiaridade com o ambiente, os recursos e as fontes de informação.

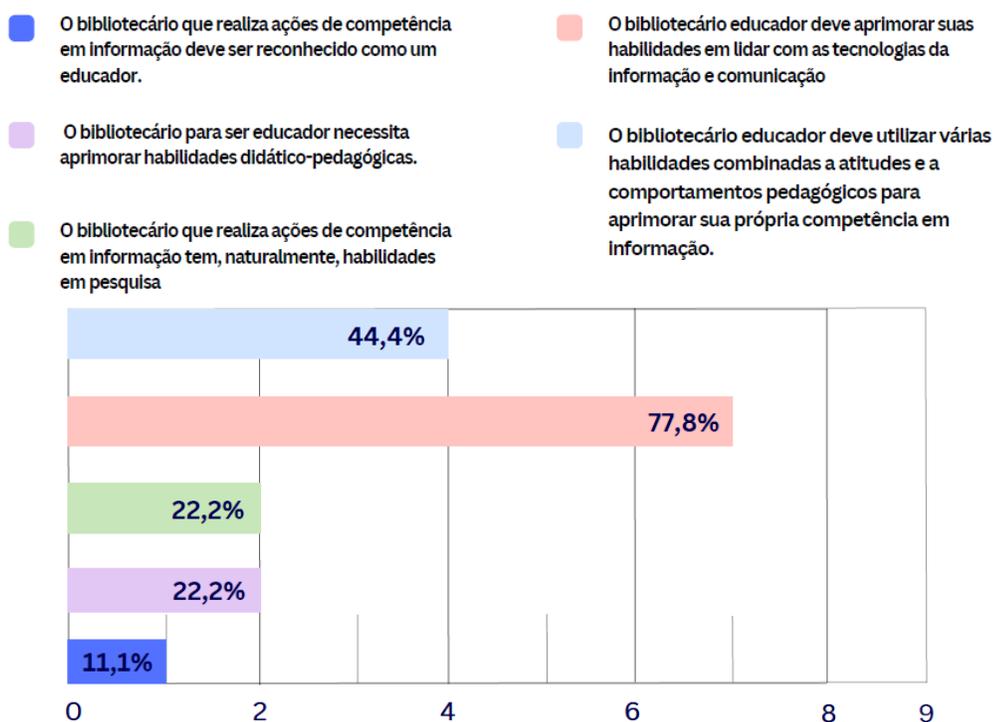
O apoio institucional e a cooperação entres os profissionais é um fator muito relevante para o sucesso das ações e/ou programas nesta área (CAVALCANTE, 2006;

BARBOSA; MATA; PEREIRA, 2020). Por essa razão, ressalta-se que as parcerias entre bibliotecários e professores possibilitam maior efetividade das ações educativas, uma vez que os conteúdos podem ser mais bem planejados e aplicados em sintonia com as necessidades dos indivíduos e com os objetivos que se deseja atingir.

O papel desempenhado pelo bibliotecário no contexto que se apresenta é relevante, pois ele demonstra iniciativa e competência, pois planeja e executa ações de competência em informação, busca na instituição o apoio necessário para a efetivação dessas ações e recorre aos colegas e a outros profissionais da educação para que possam contribuir com seu projeto (GONÇALVES; CUEVAS-CERVERÓ, 2016).

Continuando, no Gráfico 7 a questão nº 8 solicitou que fossem assinaladas, dentre as cinco opções relacionadas, até duas com as quais os participantes estariam de acordo:

**Gráfico 7 – Bibliotecário educador**



Fonte: dados da pesquisa (2022).

Conforme demonstrado no gráfico, a sentença que obteve maior índice de adesão dos participantes foi “O bibliotecário educador deve aprimorar suas habilidades em lidar com as tecnologias da informação e comunicação”, com 77, 8% das escolhas.

Em segundo lugar, a opção “O bibliotecário educador deve utilizar várias habilidades combinadas a atitudes e a comportamentos pedagógicos para aprimorar sua própria competência em informação”, com 44,4%.

Já “O bibliotecário para ser educador necessita aprimorar habilidades didático-pedagógicas” recebeu 22,2%. A alternativa: “O bibliotecário que realiza ações de competência em informação deve ser reconhecido como um educador” recebeu a mesma porcentagem. Em contrapartida, a opção “O bibliotecário que realiza ações de competência em informação tem, naturalmente, habilidades em pesquisa” obteve 11,1%, ou seja, um bibliotecário assinalou essa sentença.

Segundo Belluzzo, Santos e Almeida Júnior (2014), habilidades são atributos ligados ao saber fazer. Em vista disso, pressupõe-se que possam ser desenvolvidas ou aprimoradas pelos indivíduos por meio do ensino e da aprendizagem de conteúdos específicos. Os participantes reconhecem a inegável a influência das TICs no âmbito das bibliotecas universitárias, uma vez que concordam que o bibliotecário necessita aprimorar suas competências e habilidades para utilizar eficientemente tais ferramentas no manejo das informações em seus diversos suportes e meios de acesso (CAVALCANTE, 2006).

O conteúdo da ACRL (2017) aborda o perfil do bibliotecário educador por meio de uma perspectiva integral, ao invés de uma lista de habilidades requeridas. Nesse aspecto, o documento trata de conceitos centrados em pontos fortes, ressaltando a importância do ensino e descrevendo a diversidade do trabalho realizado pelos bibliotecários educadores, cujas funções podem ser sobrepostas a novos papéis, tais como de: defensor, coordenador, criador de conteúdo instrucional, aprendiz permanente, líder pelo exemplo, professor e colaborador em diferentes ambientes de ensino.

Okada e Alcará (2021) relatam que o bibliotecário educador, além das atividades cotidianas, precisa dedicar-se à realização de ações educativas, utilizando-se de ferramentas tecnológicas e diferentes estratégias pedagógicas para o ensino de competência em informação. Segundo as autoras, para ser um educador, o bibliotecário necessita buscar novas oportunidades para o ensino e a aprendizagem, além de saber

comunicar-se, apoiar os colegas e demonstrar liderança no desenvolvimento das ações de competência em informação.

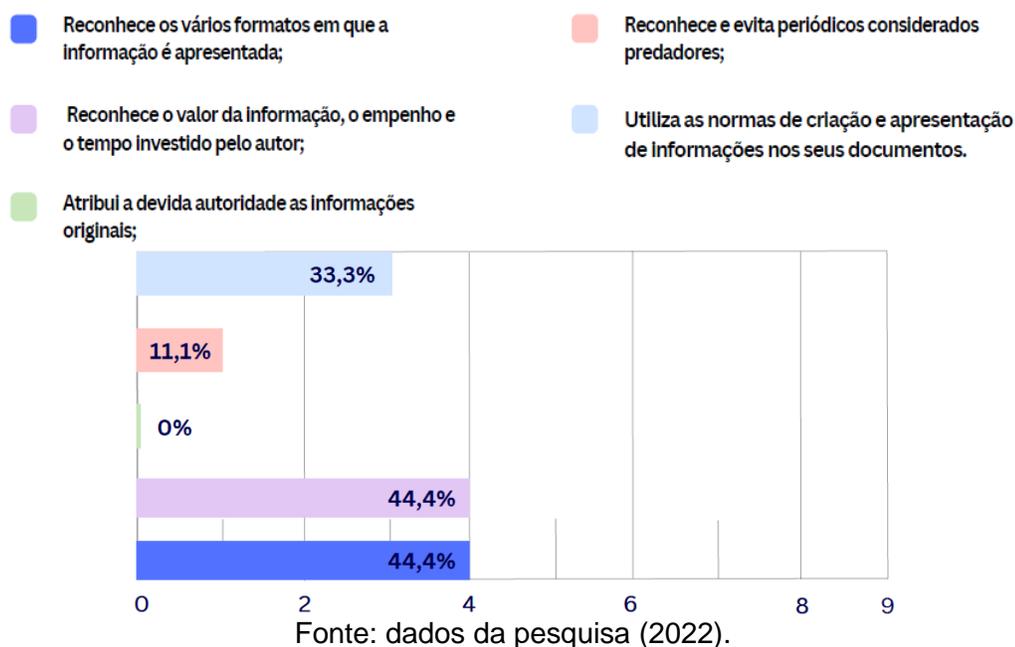
O perfil desejável para o bibliotecário que assume o papel de educador, exige comprometimento profissional e pessoal, com vistas a superar seus limites e desenvolver suas próprias competências, o que já é um desafio (VITORINO; PIANTOLA, 2020). Segundo as autoras, desenvolver tais competências é um processo pedagógico, que corresponde a uma educação para lidar com a informação.

Denota-se que os bibliotecários estão atentos à importância do seu papel de educador perante a comunidade acadêmica, ensinando aos usuários a manejar as ferramentas informacionais, para que sejam mais eficientes para encontrar, avaliar, usar, disseminar e, principalmente, a reconhecer sua necessidade de informação, diante do enorme volume de informações disponíveis.

Infere-se que a maior parte dos participantes desta pesquisa compreendem a importância do aprimoramento de suas próprias habilidades em lidar com as tecnologias da informação e comunicação. No entanto, espera-se que esses profissionais tenham compromisso com outros aspectos da sua aprendizagem, e sigam aprimorando suas habilidades e capacidades para atuar no contexto da educação, por meio da aprendizagem de metodologias de ensino e de habilidades comunicacionais. Essas são condições imprescindíveis para que o desenvolvimento de ações e/ou programas voltados à competência em informação produzam bons resultados na aprendizagem dos indivíduos.

Por fim, a questão de nº 10 traz em seu enunciado a citação: “Segundo o documento *Framework* (ACRL, 2016), a informação possui dimensões de valor que são manifestadas por meio de vários contextos, tais como: práticas de editoriais, acesso e mercantilização da informação”, e sugere-se que fossem assinaladas as competências do bibliotecário profissional. Nessa questão, os participantes ficaram livres para marcar quantas opções desejassem. Os resultados são demonstrados no Gráfico 8 a seguir:

#### **Gráfico 8 – Bibliotecário competente em informação**



Dois sentenças foram assinaladas por 44,4% dos participantes: “Reconhece os vários formatos em que a informação é apresentada” e “Reconhece o valor da informação, o empenho e o tempo investido pelo autor”. Entretanto, a opção “Atribui a devida autoridade às informações originais” não recebeu nenhuma menção, apesar de terem assinalado na premissa anterior o reconhecimento do valor da informação e do trabalho do autor. Observa-se que, na questão 1 do Gráfico 1 a opção “O indivíduo competente em informação sempre avalia a informação encontrada” foi a menos escolhida pelos participantes.

Nesse aspecto, espera-se que os bibliotecários, como profissionais da informação, estejam atentos a importância da valorizando a informação originalmente produzida, por meio do respeito aos direitos autorais, fazendo uso de citações com a devida atribuição da autoridade e do bom senso na escolha das fontes de informação. Sanches e Borges (2021) ressaltam que é preciso compreender os direitos do autor sobre sua obra, o uso ético e legal da informação e as questões que permeiam o acesso aberto ou o domínio público de determinadas informações.

Segundo a ACRL (2016), as informações possuem várias dimensões de valor que podem ser afetadas por interesses pessoais, jurídicos e sociais. O valor da informação pode ser manifestado através das práticas editoriais, do acesso à informação, das leis de proteção à propriedade intelectual e na comercialização de

informações pessoais. Porém, os indivíduos que criam e utilizam as informações reconhecem seus direitos e responsabilidades dentro da comunidade à qual pertencem. Eles identificam o valor da informação, mediante a análise da fonte, o formato ao qual se apresenta, seu conteúdo e sua autoria.

Os sujeitos compreendem que o valor da informação pode ser direcionado e até subestimado, por meio da marginalização de determinados autores, conforme as conveniências (ACRL, 2016). Em vista disso, é imprescindível ter conhecimento sobre as fontes, saber reconhecer e valorizar o trabalho despendido na elaboração de ideias originais, mencionado e atribuindo a autoria original nas citações pessoais.

Seguindo com a análise, a sentença “Utiliza as normas de criação e apresentação de informações nos seus documentos” obteve 33,3% das escolhas dos participantes e a “Reconhece e evita periódicos considerados predadores”, recebeu menção de 11,1% dos participantes. Percebe-se que os profissionais compreendem a utilidade e a necessidade do uso das normas de apresentação e de referenciação das informações, sendo recomendável que busquem conhecer os fatores que distinguem os periódicos íntegros, comprometidos com a divulgação de informações confiáveis, daqueles que não possuem credibilidade ou são mal intencionados, que não possuem compromisso com a ética, podem prejudicar a imagem de autores inexperientes, por exemplo. Recomenda-se verificar se o periódico é indexado em bases de dados confiáveis e referenciado por pares.

A partir das respostas, denota-se que os participantes, de modo geral, têm uma boa percepção acerca dos conceitos e dos fundamentos da competência em informação, do papel de educador bibliotecário no ambiente da informação, bem como compreendem o valor do trabalho intelectual e sua comunicação. Todavia, além desses conhecimentos, os participantes poderiam dedicar-se a entender as várias questões que envolvem o processo de criação da informação, os direitos intelectuais dos autores e a avaliação das fontes, a fim de reconhecer e evitar as situações de plágio e o mercantilismo da informação.

Recomenda-se que os participantes desta pesquisa, além de compreenderem os processos relativos às suas atividades profissionais cotidianas, ampliem seus conhecimentos e se apropriem de um conceito mais amplo acerca da competência em

informação, enquanto ferramenta para o aprimoramento de conhecimentos, habilidades e atitudes, que contribuem com o processo de ensino e pesquisa e com a aprendizagem da comunidade acadêmica, formando bases para edificação de uma vida profissional e social mais justa diante das adversidades do mundo contemporâneo.

Com relação ao perfil do bibliotecário, segundo as diretrizes da IFLA, esse profissional deve contribuir com o processo de aprendizagem dos estudantes, uma vez que detém conhecimentos relativos à gestão da informação e é o mais indicado para desenvolver e implementar ações de competência em informação no âmbito da comunidade acadêmica (LAU, 2007). Em vista disso, para promover tais ações educativas, é preciso, em primeiro lugar, que os bibliotecários se reconheçam como educadores e busquem o aprimoramento de sua competência em informação.

Conclui-se que, conforme mencionado na ACRL (2017), o bibliotecário pode assumir diferentes papéis no seu ambiente de trabalho: líder, educador, coordenador, designer instrucional, aprendiz permanente, defensor e parceiro de ensino. Papéis que demonstram a diversidade do trabalho que os bibliotecários realizam e, podem auxiliar na identificação de novas atividades, como no processo de construção, execução e avaliação das ações de competência em informação. Dessa maneira, o bibliotecário que atua no meio acadêmico, utilizando-se de suas competências e habilidades para promover ações educativas de competência em informação, contribui para a comunidade de maneira singular, estimulando o ensino e a aprendizagem dos estudantes.

#### 4.3 RESULTADO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Nesta subseção, serão apresentados os resultados obtidos por meios das entrevistas semiestruturadas, as quais foram realizadas com os bibliotecários da Biblioteca Central que ministram as ações educativas do PDCIAV, visando identificar em seus discursos elementos que sirvam para mapear as ações e os serviços oferecidos pela Biblioteca Central, que se relacionam com os pressupostos da competência em informação. A análise é apresentada a partir das categorias:

Fundamentos da competência em informação; Práticas da competência em informação, e Perfil do bibliotecário.

#### **4.3.1 Fundamentos da competência em informação**

A primeira questão se refere à idealização do Programa de Desenvolvimento da Competência Informacional em Ambiente Virtual, em que os participantes B1 e B2 foram questionados quando e como iniciaram as ações de competência em informação no ambiente da Biblioteca Central da Ufes. Nessa fase inicial, eram apenas dois bibliotecários que realizavam as ações educativas na biblioteca, o terceiro bibliotecário entrou para a equipe do PDCIAV no ano de 2017, onde permaneceu até 2020, quando foi realocado em outro setor, portanto, em algumas partes do texto poderá não conter a fala do participante B3.

O participante B1 menciona, que em 2012, foi realizada uma ação para os bibliotecários durante o evento de 30 anos da Biblioteca Central, frisando que “[...] eram ações muito pontuais, exclusivamente para o Portal de Periódicos da Capes [...]”. Ele salienta que foi a partir de 2013 que intensificaram as ações, “[...] a gente começou a formular algo mais robusto para a implementação em 2014”.

Em 2013, aconteceram os primeiros cursos voltados para a comunidade acadêmica, a partir de um projeto de extensão e em parceria com um professor do curso de Biblioteconomia da Universidade. Segundo Lau (2007, p. 5), “[...] os profissionais da informação devem levar em conta que precisam fazer o que puderem com os recursos disponíveis. É melhor fazer alguma coisa do que esperar até a criação de um programa perfeito de habilidades em informação”. Oficialmente, os cursos iniciaram em 2014 com a criação do PDCIAV, quando as ações passam a ser mais frequentes – esse fator foi o grande diferencial frente às outras ações realizadas nos anos anteriores.

Em 2014 a gente deu uma capacitação para vocês bibliotecários. Foram duas ações de capacitação que nós fizemos uma para os servidores da Universidade como um todo e outra exclusiva para os bibliotecários.

Ambas as ações, elas foram organizadas pelo DDP<sup>21</sup> num projeto que nós submetemos [...] (PARTICIPANTE B1).

O programa nasceu a partir de uma parceria com um professor, mas, principalmente, do interesse de dois bibliotecários que tiveram a iniciativa de planejar e ministrar as ações educativas para a comunidade universitária, a fim de desenvolver nos usuários as competências e habilidades em lidar com o ambiente informacional. O participante B2 declara: “[...] pelo que a gente já percorreu de 2013, mais basicamente a partir de 2014, são oito anos que estamos nesta jornada [...]”.

Os documentos da ACRL (2000, 2016, 2017) mencionam a importância da parceria dos bibliotecários com os professores e outros agentes educativos, a fim de conhecer as reais necessidades dos estudantes, estabelecer o conteúdo a ser oferecido e preparar as ações de competência em informação de forma mais assertiva, com base nas melhores práticas de ensino e aprendizagem.

Ainda, discorrendo sobre parcerias, a partir de uma perspectiva percebida no comportamento e na própria forma de se expressar dos participantes, observa-se uma demonstração de satisfação e de alívio ao se referirem ao uso de espaços externos à Biblioteca Central para realização das ações presenciais, uma vez que não contavam com um laboratório de informática e precisavam estabelecer colaborações com outros centros, como por exemplo, o CCJE:

A gente fez uma parceria, a partir de 2014, com o pessoal de CCJE que nos cedeu o laboratório que a gente [...] usava o laboratório em alguns dias da semana para essas capacitações que eram abertas, ao mesmo tempo, também, teve esse curso no DDP que nós utilizamos as instalações deles para esse curso (PARTICIPANTE B1).

O participante B2, complementa, dizendo: “[...] fizemos isso juntos até o início de 2017 [...]”. Nesse período, um dos membros da equipe entrou em licença para capacitação e outro profissional entrou para cobri-lo. O participante B3, confirma que “[...] a gente não tinha na BC o espaço para fazer isso [...], a gente pedia lá para o CCJE o laboratório deles, então esse espaço era um desafio, tinha sempre que pedir lá, estava sujeito a autorização ou não, mas sempre foi autorizado [...]”. O participante B2 também relata as dificuldades decorrentes da falta de um espaço próprio e equipado,

---

<sup>21</sup> Diretoria de Desenvolvimento de Pessoas (DDP/Ufes).

pois, mesmo com o apoio de outros setores da Universidade para realizarem tais ações precisavam fazer reserva do espaço com antecedência e se deslocar carregando os equipamentos de um prédio para outro.

A situação foi sanada com a reforma do espaço em 2021, quando foi montado o Laboratório de Capacitação, com 29 computadores disponíveis para a equipe realizar as ações de competência em informação. Para o participante B3, “[...] é mais legal se você tem a gestão sobre o seu espaço [...]”, referindo-se ao conforto de possuir um espaço adequado para o trabalho, com equipamentos que funcionam e em quantidade suficiente para uma turma com até 29 pessoas.

As instalações facilitaram muito o trabalho da equipe, porém há coisas a serem melhoradas e equipamentos a serem adquiridos, como um microfone, cortinas para as janelas, entre outros materiais. Mesmo assim, os participantes B1 e B2 ressaltam que foi fundamental o apoio da gestão ao reestruturar o setor e construir um laboratório com computadores novos para realizarem as ações, salientando que receberam suporte desde o início.

O texto da ACRL (2011) estabelece que as bibliotecas devem ter acesso a instalações propícias ao aprendizado ativo, com tecnologia suficiente para permitir que o bibliotecário educador demonstre o uso dos sistemas de informação e o participante possa ter a oportunidade de realizar a prática individual durante as ações de competência em informação. Outro ponto previsto no documento é a contratação e formação dos profissionais, em quantidade, experiência e conhecimentos adequados para atuar na comunidade acadêmica.

Atualmente, são contados três bibliotecários e uma assistente em administração, lotados no Setor de Apoio à Pesquisa, que se dedicam a realizar as orientações individuais de pesquisa aos usuários e o processo de planejamento, montagem e execução de cursos voltados à competência em informação, seja de modo presencial ou a distância. No entanto, a dificuldade que ainda persiste é a quantidade de profissionais bibliotecários que estão dispostos a integrar a equipe do PDCIAV, conforme declara o participante B3: “[...] eu acho que hoje o desafio maior é que a gente tem pouco time para isso [...]”, ou seja, a quantidade de bibliotecários que

compõem a equipe do PDCIAV, segundo B2 “[...] não é suficiente, haja vista a quantidade de pessoas diante da quantidade total da comunidade da Ufes [...]”.

Segundo o participante B1, o quantitativo de bibliotecários é realmente pequeno, sendo que o mais próximo do ideal seria se cada biblioteca setorial que faz parte do SIB/Ufes realizasse algumas ações educativas, mesmo que de forma introdutória, principalmente para os estudantes da graduação, a fim de desonerar a equipe da Biblioteca Central, que está sobrecarregada. Desse modo, os profissionais da BC poderiam atender a um número maior de estudantes e com mais qualidade, com níveis mais avançados de cursos e capacitações para os pós-graduandos e pesquisadores. Ele relata que “[...] se isso se implantasse, se fosse possível talvez nós três daríamos conta aqui [...]” (PARTICIPANTE B1).

Com relação às demais bibliotecas pertencentes ao SIB/Ufes, somente a Biblioteca Setorial Centro de Ciências e Saúde (CCS), do campus de Maruípe, iniciou o processo de desenvolvimento de algumas ações de competência em informação em 2019, direcionadas ao público da saúde. A equipe do CCS recebeu apoio do PDCIAV para iniciarem os cursos e conta com três bibliotecários na sua estrutura, o que viabiliza a execução de algumas ações. Ressalta-se que existe uma parceria entre as equipes da Biblioteca Central e do CCS, na criação de conteúdo para alguns cursos do AVA, visto que os cursos do CCS são oferecidos somente de forma *online*.

Para o participante B3, as parcerias são importantes, principalmente quando os bibliotecários não dominam um campo do conhecimento. Nesse contexto, o participante dá um exemplo de parceria externa, quando precisaram atender a turma cuja temática era de química, para tanto, buscaram apoio de especialistas da própria base de dados para realizarem uma formação. Argumenta o participante B3 que “[...] tem temas que eu não vou dominar, então é bacana ter alguém que domine como parte do programa ou pelo menos como um aliado constante”.

Corroborar o participante B1, quando diz que, se houvessem mais parcerias, referindo-se à disponibilidade de outros profissionais da própria Universidade, a equipe do PDCIAV poderia se aperfeiçoar cada vez mais para oferecer cursos mais específicos e conteúdo mais avançado. Segundo o participante B2 “[...] é uma coisa complicada para as setoriais, de fora do campus de Goiabeiras, porque os bibliotecários também

são gestores, eles não trabalham só com a circulação de materiais não, eles trabalham também com a gestão de tantas outras variáveis [...]”.

Autores como Kuhlthau (1987), Dudziak (2003), Cavalcante (2006), Spudeit (2016), Santos (2020), Barbosa, Mata e Pereira (2020) e Vianna e Caregnato (2022) apontam a relevância da constituição das parcerias e cooperações entre os bibliotecários com o propósito de que, juntos, possam realizar a implementação de ações e/ou programas de competência em informação.

Spudeit (2016) ressalta a importância de buscar por profissionais de outras áreas, que tenham interesse no desenvolvimento da aprendizagem, nas ferramentas e nas práticas da informação, de maneira que possam contribuir com o trabalho realizado pelos bibliotecários, com vistas à maior diversidade de conteúdo e eficácia das ações desenvolvidas.

Destaca-se o papel do bibliotecário como educador na comunidade de aprendizagem a qual pertence (LAU, 2007). Uma vez, que pela sua formação, detém uma bagagem de conhecimentos relativos à gestão da informação e pode contribuir ativamente com o desenvolvimento acadêmico por intermédio do planejamento, da organização e da execução de ações educativas de competência em informação de modo articulado com outros profissionais da instituição.

As parcerias para desenvolvimento das ações de competência não são limitadas a um setor específico ou a um pequeno grupo de profissionais, deve haver o envolvimento de todos, visto que o apoio dos colegas de outros setores é muito importante para a continuidade ao trabalho. Argumenta o participante B3 “[...] eu dou capacitação, mas o cara da referência [...] ele entende daquele assunto [...] mesmo que ele não fale, mesmo que ele não grave o curso [...] a equipe toda está mais ou menos por dentro, pelo menos com o básico [...]”.

Outro fato mencionado foi a questão do apoio técnico durante as ações presenciais, uma vez que a Biblioteca Central possui apenas um servidor técnico em informática que atende a todos os setores da unidade e que, portanto, não pode ficar à disposição da equipe o tempo todo. Normalmente, os cursos são ministrados em dupla, para que um dos bibliotecários possa auxiliar o outro, caso ocorra algum problema com os equipamentos ou alguma dificuldade do participante.

Compreende-se que é de suma importância para o trabalho dos bibliotecários educadores o estabelecimento de parcerias para o incremento de ações educativas. Nessa acepção, Santos (2020) menciona que os bibliotecários devem buscar parcerias, inclusive com profissionais de outras áreas, para juntos realizarem um trabalho integrado e colaborativo. A intenção é trocar experiências e conhecimentos relativos à temática da competência em informação para que as ações sejam mais assertivas e abrangentes.

Na percepção do participante B1, “[...] a competência informacional, não acontece só nos cursos, acontece com o pessoal da referência, do empréstimo, que orienta como é que gera um nada consta, como é que faz a consulta ao catálogo”. Quando um usuário se dirige ao setor de Coleções Especiais, ele recebe informações de como procurar uma fotografia no computador, de que ele precisa usar uma luva e uma máscara para evitar a contaminação e não danificar o material, “[...] isso é para capacitar, para educá-lo [...]”. Para “[...] tornar o usuário minimamente competente para procurar a informação e para fazer uso dela também” (PARTICIPANTE B1). O bibliotecário educador recorre a diversas estratégias e situações para ensinar ao usuário, não se limitando a um espaço específico da biblioteca (OKADA; ALCARÁ, 2021).

Segundo o ponto de vista do participante B2, existem várias ações que são realizadas no dia a dia, que não fazem parte de um curso, mas que orientam o usuário a utilizar os serviços da biblioteca e que alguns têm relação com o desenvolvimento de competências para lidar com o ambiente informacional. Então, “[...] essa questão que a gente faz e não sabe o que faz [...] acha que é só o que tem uma complexidade maior, como montar uma estratégia de busca, usar uma base de dados, é isso que eles associam como competência informacional [...]” (PARTICIPANTE B2).

Frente às respostas e com base na literatura, recomenda-se que os bibliotecários educadores das instituições universitárias devem buscar a cooperação com bibliotecários, docentes, gestores e outros profissionais, que possa contribuir com novas ideias para as ações que realizam. Logo, devem ficar atentos às demandas informacionais dos indivíduos com o propósito em oferecer ações educativas e de formação mais convenientes às necessidades acadêmicas, profissionais e pessoais, de

forma a desenvolver a aprendizagem baseada na eficiência e no uso ético das informações.

No entender de Vianna e Caregnato (2022), apesar dos diversos documentos publicados após a ACRL (2000), tais como parâmetros, orientações e diretrizes, ainda assim são poucas as iniciativas brasileiras de institucionalização de programas para o desenvolvimento da competência em informação no âmbito do ensino superior. Segundo as autoras, é importante que os profissionais conheçam tais orientações para que possam adaptá-las aos perfis dos usuários e da entidade à qual pertencem, com a devida organização das ações, planejamento e apoio no âmbito da biblioteca e da IES.

Quanto à institucionalização de uma prática de desenvolvimento da competência em informação para o SIB/Ufes, no entendimento do participante B1, dentro da Biblioteca Central o PDCIAV está institucionalizado, ou seja, existe um Setor de Apoio à Pesquisa que desenvolve as ações de competência em informação. Segundo ele “[...] as parcerias seriam muito boas, se o programa fosse algo institucional da universidade [...] porque seria uma política da própria universidade, agora partindo da biblioteca, talvez só mais pontualmente [...]” (PARTICIPANTE B1).

Para o participante B3, a institucionalização “[...] é um tipo de trabalho que demanda muito tempo, tanto pra gente se formar, quanto para dar palestra, quanto para receber o aluno que volta da palestra com aquelas dúvidas mais específicas [...]”. No entanto, a equipe é pequena, tem uma carga de trabalho extensa e ainda não consegue atender à demanda acadêmica para a formalização de uma prática institucionalizada.

Já o participante B2 entende que o programa,

[...] por enquanto, a meu ver é informal, ele não tem institucionalização não [...] o que eu entendo por institucionalização, seria uma oferta não por demanda, que hoje ocorre, nós teríamos cursos fixos, como as aulas dos professores são fixas, faz parte de uma grade e está lá [...].

[...] o ideal que isso fosse um programa institucional, porque todo mundo tem dificuldade de fazer pesquisa, [...] todo mundo, só quem não tem é quem publica muito, muito. Mas, mesmo assim, alguma dificuldade ele tem, seja na normalização, ou seja, em alguma outra etapa, ele vai ter dificuldade (PARTICIPANTE B1).

Para o participante B2 a institucionalização do programa deve abranger todas as bibliotecas do sistema, “[...] porque quando a gente fala de um programa

institucionalizado, a gente pensa em todos os *campi*, em todos os centros, então isso é muito grande [...]” e, complementa, que isso “[...] implicaria em colocar isso dentro da grade curricular dos cursos [...]”. Nessa perspectiva, Santos (2017) aponta a importância da institucionalização da competência em informação nas instituições de ensino, inserindo-a nos objetivos educacionais, através do planejamento curricular e não somente como ações independentes.

Aparentemente, não há um entendimento claro sobre a institucionalização de um programa de competência em informação. No entanto, aos poucos as atividades da equipe da Biblioteca Central têm alcançado mais usuários da comunidade e segundo os participantes com o sucesso das ações educativas, que foram sendo ministradas ao longo do tempo. Entre 2018 e 2019, a equipe começou a receber convites de professores e coordenadores para realizarem cursos específicos para algumas turmas.

A princípio era apenas “[...] uma inserção numa disciplina, isso foi em 2018, eu não estava aqui, depois se repetiu em 2019, em 2020 não houve [...]” (PARTICIPANTE B1). Vale lembrar que, a partir de março de 2020, foi decretada a pandemia de Covid-19 e as atividades presenciais na Universidade foram suspensas.

Em 2021, dois programas de pós-graduação solicitaram cursos para a equipe do PDCIAV. O Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (POSCOM), recebeu o curso Currículo *Lattes* como Ferramenta de Visibilidade Científica, ministrado na plataforma AVA, e o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), este fez uma solicitação para que fosse ministrada uma disciplina com o conteúdo dos cursos de Planejamento de Pesquisa em Ambiente Virtual (PPAV), junto com o *Google Scholar*, e depois o Portal de Periódicos da Capes e as bases referenciais (*Web of Science*, *Scopus* e *Eric*).

Segundo o participante B2, devido ao sucesso dos cursos anteriores, em 2022 houve outra solicitação institucional por parte da coordenação do PPGE para a aplicação dessas ações de competência em informação para duas turmas dos cursos de mestrado e doutorado.

Mas para nossa surpresa essa ação de capacitação ela não vai ser só um curso que eles vão participar. Vai ser uma carga horária de uma disciplina chamada Introdução à Pesquisa, uma matéria, em que um dos conteúdos dessa disciplina será um dos nossos cursos (PARTICIPANTE B2).

A disciplina tem o *status* de obrigatória e foi ministrada no Laboratório de Capacitação do PDCIAV na Biblioteca Central para os estudantes ingressantes no curso de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. Cada turma, com cerca de 25 estudantes, recebeu os três cursos anteriores e mais o Currículo *Lattes*, com duração de duas horas cada. “A gente enxerga isso como uma responsabilidade muito grande, mas também um reconhecimento, por outro lado, da robustez do conteúdo”, comenta o participante B1 com satisfação.

Para o participante B3, esses cursos são um bom exemplo de parceria com os professores: “[...] inserir o nosso conteúdo nas aulas dos professores, que aí eu acho que dá maior valor percebido, valor agregado possível, se eu estou atendendo exatamente o que o aluno está precisando lá na ponta, eu acho que é bacana”.

Santos (2017) argumenta que as ações de competência em informação devem fazer parte do planejamento educacional, integradas às disciplinas, para ser valorizada e desejada como prática pedagógica. Além do mais, precisam respeitar e se ajustar ao nível educacional dos aprendizes, às suas necessidades informacionais e ao contexto educacional e institucional à qual pertencem (SANTOS, 2020). Desse modo, as ações estarão ao alcance dos estudantes, contemplando todas as áreas do conhecimento e em variados estágios do percurso estudantil.

As ações, que inicialmente eram abertas para quem quisesse fazer a inscrição, passaram a ser realizadas por demanda, pois o trabalho da equipe do PDCIAV passou a ser requisitado pelos professores e coordenadores de programas de pós-graduação da Ufes. O participante frisa que, “[...] sem propaganda, então, só no boca a boca, a gente creditou isso a duas ou três ações e aos atendimentos individuais realizados no ano passado” (PARTICIPANTE B1). A demanda tem aumentado “[...] antigamente era muito mais a Pós, agora os professores de graduação acharam a gente”, declara o participante B2.

A equipe optou por não realizar novas divulgações através de memorandos e *e-mail* para as secretarias e colegiados: “[...] a gente não fez essa dinâmica... [divulgar], a gente deixou de fazer porque a gente já não estava dando mais conta, por causa da procura mesmo voluntária” (PARTICIPANTE B2).

Segundo o participante B3, no início ele não concordava com a restrição na divulgação, mas depois percebeu que era melhor trazer as turmas fechadas acompanhadas do professor, e como resultado a quantidade de estudantes que concluem os cursos aumentou. Nessa perspectiva, passaram a fazer contato direto com os professores interessados, em decorrência de que existia uma demanda grande por parte deles, que já conheciam o PDCIAV através das divulgações anteriores, dos outros professores e coordenadores dos colegiados que já haviam participado dos cursos.

Com a “[...] divulgação orgânica, os professores já sabem do nosso trabalho, eles buscam um contato e a gente tem ministrado para a turma inteira”, complementa o participante B2. Devido à grande procura pelos cursos a equipe não divulga mais de forma tão ampla desde 2019 no *site* e nos colegiados, pois conseguem fechar a agenda mensal pela demanda. “[...] Por exemplo, a gente abriu curso de normalização, divulgou absolutamente em lugar nenhum, com três dias as inscrições estavam encerradas” (PARTICIPANTE B2). Em virtude do reduzido número de bibliotecários que se dispõem a atuar no planejamento e execução das ações do PDCIAV, não é possível atender à comunidade universitária de modo amplo e igualitário. No entanto, em vários trechos das entrevistas é possível perceber que existe uma grande procura por essas ações nos *campi*.

Em contrapartida, o participante B3 afirma que é:

[...] bastante desejável a noção de marketing, porque me parece que você pode ter um programa de capacitação maravilhoso, que se ninguém souber que existe, não vai servir para nada, então o marketing mesmo na prática vai ser os melhores canais de comunicação com o usuário.

As diretrizes da ACRL (2019) para as melhores práticas de competência em informação, relacionam na categoria quatro, que corresponde às melhores atitudes para o sequenciamento de um programa, a questão da formalização e da divulgação do programa em toda a instituição. O documento relaciona, entre outras coisas, a necessidade de assegurar a perpetuação do programa através da sua integração ao currículo, com a especificação dos programas e dos cursos acadêmicos que são contemplados com as ações educativas. Ressalta-se a importância da ampla divulgação dessas ações, como forma de assegurar à comunidade o direito de ser

informado de todos serviços e opções de aprendizagem da Universidade, além de obter maior visibilidade para a biblioteca.

Segundo Vianna e Caregnato (2022), é preciso muito mais do que esforços individuais dos bibliotecários para implantar programas de competência em informação. É desejável que se fomentem parcerias entre bibliotecários, professores e gestores, bem como a adoção de parâmetros e diretrizes específicas, com o propósito de contribuir com o processo educacional dos indivíduos.

#### 4.3.2 Práticas da competência em informação

A tarefa do planejamento das ações educativas de competência em informação, requer entender as necessidades dos indivíduos, para então capacitá-los a reconhecer suas próprias demandas, desenvolver habilidades no uso das ferramentas de busca, identificar as fontes, avaliar os conteúdos e aplicar as informações de modo a produzir novos significados.

As ações desenvolvidas pela equipe da Biblioteca Central, são focadas principalmente nos estudantes da pós-graduação e nos pesquisadores. Entretanto, algumas ações são direcionadas também aos estudantes da graduação, como, o curso EAD de Normalização de Trabalhos Acadêmicos e o Planejamento de Pesquisa em Ambiente Virtual, com noções básicas.

O planejamento das ações, segundo a equipe, é composto por várias etapas e visa ao atendimento da necessidade de informação da comunidade acadêmica. Desse modo, as ações são planejadas em conjunto, as tarefas são divididas e os conhecimentos compartilhados com os colegas, para que possam se autoavaliar.

O participante B1 relata que o trabalho é árduo e eles têm que estudar o tempo todo, pois as bases de dados são criadas e as *interfaces* são modificadas a cada dia. Em consequência, para se manterem atualizados precisam estar sempre atentos às atualizações das ferramentas de pesquisa e das bases de dados.

[...] a gente sempre estava se sentando junto para refazer as estratégias para ser específica para aquela turma que ia ser atendida. A gente estava sempre refazendo teste, ao longo desses momentos de pensar a estratégia, você vai para a ferramenta e não funciona como você esperava, ou mudou uma função (PARTICIPANTE B3).

O participante B2 argumenta que “[...] para uma pessoa dar uma oficina, uma apresentação de um conteúdo, ela tem pelo menos uns três dias de trabalho administrativo e intelectual”. O comentário demonstra que o bibliotecário educador precisa estudar constantemente e estar atento às inovações tecnológicas para aperfeiçoar suas próprias habilidades e conhecimentos.

Segundo Uribe Tirado (2014), os programas de competência em informação devem ser pensados a partir das características particulares e contextuais da comunidade à qual se destinam, a fim de ajustá-los em termos de metodologia, cobertura e níveis de abrangência conforme as necessidades, interesses ou base de conhecimentos dos participantes.

A equipe desenvolveu um protocolo de pesquisa que é aplicado de modo personalizado, conforme o assunto ou a área de conhecimento dos participantes, com o propósito de otimizar o tempo despendido na elaboração das ações e oferecer um conteúdo com vocabulário que corresponda à temática do estudante ou pesquisador. A criação dos protocolos se deu no período de 2020 e 2021, durante a pandemia de Covid-19, quando os cursos que eram realizados de modo presencial passaram a ser ofertados pela internet, conforme relata o participante B2:

[...] em 2020, uma das nossas tarefas (durante o trabalho remoto), foi padronizar as nossas temáticas, ou o maior número de temáticas que a gente tinha em protocolo. Então, foi uma tarefa hercúlea, né! A gente fez os protocolos, fizemos [...] não é um só não, eram uns cinco, para cada [...]. Acho que todos dá [...] uns 50 protocolos.

Com o auxílio do protocolo, as estratégias de pesquisa são testadas várias vezes e, além disso, eles recorrem a dicionários para traduzir os termos para outros idiomas e depois testam tudo de novo nas bases de dados. Dessa maneira, “[...] a gente tem todo um encadeamento lógico para apresentação dessa estratégia. A gente começa com camadas da mais geral, atribui um recurso, coloca o outro, vê a quantidade de resultados [...] para ir desenvolvendo a cognição em quem está assistindo” (PARTICIPANTE B1). “[...] Tanto, que a gente pegou o protocolo e a gente medeia toda a teoria a partir do protocolo” (PARTICIPANTE B2).

Após verificar o comportamento das estratégias, preparam a apresentação e o discurso “[...] você tem que estabelecer uma didática, para mediar esse conteúdo e

nesse teste muitas vezes [...] a gente pensa em uma temática e quando você vai testar no *Scholar*, é uma porcaria dá tudo errado” (PARTICIPANTE B2). Segundo os participantes, algumas vezes, a estratégia é refeita no dia da atividade, devido às inconsistências que as ferramentas informacionais podem apresentar.

Quando “[...] a gente fala sobre educação, a gente fez um protocolo adaptado a educação, considerando as bases da Educação que eles vão utilizar, o tesouro da Educação [...]” (PARTICIPANTE B1).

[...] uma produção de protocolo, [...] consta: a definição de temática, a definição da questão norteadora, a proposta de um título [...]. O que vai constar no cone invertido, para a gente elaborar essas duas rubricas, que é temática e a questão norteadora, depois que todo o trabalho de preparo da linguagem, quando você vai aos instrumentos de controle de linguagem, se é mais do pessoal de saúde [...] ou que tem vínculo com área de saúde, você usa o DECS<sup>22</sup> e usa BN<sup>23</sup>, se tem vínculo com a Educação, você usa tesouro do INEP<sup>24</sup> [...]. Se não, você não encontra nenhum desses instrumentos você vai fazer uso de dicionários, aí de obras de referência, aí você usa a *Wikipédia*, os dicionários de sinônimo, o DICIO que é o dicionário *online*, [...] a translação desses termos para outro idioma, então você tem que consultar um dicionário de inglês, aí eles fazem o *translate*, usa o *Linguee* [...] (PARTICIPANTE B2).

[...] um dia antes, dois dias antes, a gente rever tudo aquilo, refaz os números do *Google Scholar*, aplica a estratégia de novo, verifica se tá funcionando, olha nas ferramentas de controle terminológico se está recuperando certinho, verifica a interface das bases de dados ... porque isso muda de um dia para o outro, ninguém avisa se a interface vai mudar, do nada surge um botão no *Google Scholar* que a gente não sabe o que que é. Então, minimamente a capacitação é numa manhã, no dia anterior a gente reserva para isso, minimamente. Às vezes até mais tempo, dependendo da exigência, né?! do conteúdo que vai ser administrado. (PARTICIPANTE B1).

Os protocolos facilitam o trabalho de preparação da equipe, mas, se houver uma demanda para um curso novo, é necessário preparar um outro protocolo. Para Belluzzo (2017), conhecer as boas práticas de desenvolvimento das competências e habilidades informacionais auxilia na elaboração de novas ações educativas de modo mais satisfatório, bem como o emprego de indicadores ou protocolos específicos. Tais

<sup>22</sup> Descritores em Ciência da Saúde (DECS)

<sup>23</sup> Biblioteca Nacional (BN)

<sup>24</sup> Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)

ferramentas podem ser aplicadas no planejamento das ações e orientam os bibliotecários inclusive na realização das avaliações.

Com o protocolo de pesquisa, é possível adequar a temática e os exercícios à realidade da turma. O participante B3 comenta que, com a adoção de turmas fechadas “[...] o professor traz a turma, já pede uma temática, que estão pesquisando [...]”. Isso não acontecia antes, quando as inscrições eram abertas à comunidade acadêmica em geral e havia uma heterogeneidade de participantes de diversas áreas do conhecimento; neste caso, os exemplos dados eram genéricos.

O que a gente quer, é que os participantes do nosso curso saiam encantados. Por isso, que a gente opta por fazer a temática que tenha a ver com a área dele, entendeu? Porque ele vai bater o olho vai ver um monte de artigos que tem a ver, tem gente que fala: ‘Ah! o artigo tem tudo a ver com o eu estou pesquisando (PARTICIPANTE B2).

No quesito avaliação das ações educativas presenciais e da aprendizagem, ainda não foi adotada uma metodologia específica com essa finalidade. Quando questionado, o participante B2 informou que existe um formulário, no entanto, algumas vezes esquecem de pedir para a turma do curso presencial responder. O participante B1 relata algo similar: “[...] a gente já construiu alguns instrumentos, mas por vezes a gente esquece de aplicar, não dá tempo, passa por cima, mas a gente precisa se disciplinar quanto a isso” (PARTICIPANTE B1).

A aplicamos durante muito tempo [...] quando a gente aplica, coloca no relatório que a gente elabora no final do ano. Independente de solicitação da chefia ou não, a gente elabora e encaminha para eles, com os números, quantidade de atendimento, quantidade de usuários capacitados, demandas atendidas, e-mails, e outras coisas que a gente faz também. (PARTICIPANTE B1).

Segundo o participante B3, “[...] a avaliação do estudante, era mais uma percepção dele, então eu não sei até que ponto isso é confiável, se você for fazer em termos científicos. Ele fala assim: isso aqui me ajudou, isso foi legal [...] a gente botava um formulário e eles preenchiam [...]”. O participante B2 esclarece que não possuem um instrumento que avalia o aprendizado; segundo ele, “[...] isso daria muito trabalho [...] a gente não dá conta [...] não adianta a gente empreender qualquer tipo de exercício, se a gente não corrigir”.

Belluzzo, Santos e Almeida Júnior (2014) ressaltam que o conhecimento é imensurável e que, portanto, a avaliação da competência em informação se dá através das competências e habilidades desenvolvidas para realização de uma tarefa. A avaliação é relevante para se conhecer o impacto dos novos conhecimentos na aprendizagem dos indivíduos e nos resultados acadêmicos.

Com relação às avaliações internas, constata-se que normalmente a equipe conversa entre si, em busca de um *feedback* dos colegas, não havendo uma sistematização para avaliar as ações, como menciona o participante B3: “[...] tinha a nossa própria avaliação, que não era muito estruturada, mas assim: será que foi bom? isso aqui foi legal? a gente explicou direito?”. Os participantes relatam que recebem comentários positivos dos estudantes e dos professores que levam suas turmas: “[...] Eu acho que os professores voltam e pedem a mesma coisa, então, intuitivamente, eu imagino que está na direção certa. Se não estivesse 100% certo [...] a direção me parece que é que está bacana” (PARTICIPANTE B3). No entanto, para o participante B1, é preciso ter mais retorno por parte do usuário e explica,

[...] porque às vezes a gente dá uma capacitação e não consegue aplicar um instrumento para avaliação dessa capacitação. Ter esses indicadores seria bom, até para que a gente pudesse repensar algumas ações [...] a gente gostaria muito também de implementar outros serviços [...] sobre metodologia, sobre bibliometria, sobre alguns gerenciadores, só que por vezes nos falta tempo para que a gente possa estudar isso [...] (PARTICIPANTE B1).

O participante B2 complementa, afirmando que os professores não fazem uma avaliação formal, eles comentam que deu resultado, principalmente os que ministram a disciplina relativa ao projeto de pesquisa. “[...] Então, o que a gente percebe é uma apreciação positiva, o fato deles trazerem os alunos de novo e alguns professores verbalizam mesmo [...]”. Segundo o participante, outros professores já disseram que houve uma melhora nos textos dos estudantes “[...] porque eles se apropriam de documentos acadêmicos, via *Google Scholar*, para você ter uma ideia de como é a carência na graduação” (PARTICIPANTE B2).

As pesquisadoras Vianna e Caregnato (2022) identificaram que normalmente o bibliotecário inicia o desenvolvimento das ações ou programas de competências sem realizar um diagnóstico das necessidades da instituição e a avaliação é realizada

somente ao final, para conhecer a satisfação do participante. Esse tipo de avaliação é importante para o melhoramento das ações, no entanto, a avaliação deve estar presente em cada etapa do processo, desde o planejamento.

A avaliação é uma vertente essencial das ações de competência em informação que precisa ser aprimorada pela equipe do PDCIAV, uma vez que não se verifica a aprendizagem dos estudantes de modo sistemático, como pode ser constatado nas falas dos entrevistados. Segundo o participante B3, durante os cursos, ele auxiliava os estudantes no uso dos computadores e ficava atento aos comentários sobre o curso: “[...] eu tinha a minha percepção quanto o cara que está perto da galera ouvindo o comentário, eu tinha que sair para resolver dúvidas do pessoal nos computadores”.

Para Uribe Tirado (2014), a avaliação é um processo contínuo. Portanto, o bibliotecário deve participar ativamente da verificação da qualidade das ações de competência em informação, a fim de receber o *feedback* dos docentes para saber se os estudantes estão alcançando os resultados esperados, se o curso contribuiu com sua aprendizagem e se o professor observou esse aproveitamento por meio da melhoria da qualidade dos trabalhos apresentados.

Santos (2017) informa que é preciso avaliar a configuração da competência em informação na instituição. Entende-se que as ações devem ser planejadas e avaliadas com atenção aos objetivos educacionais e de aprendizagem, em conformidade com os três pilares: ensino, pesquisa e extensão. Denota-se, a importância de manter uma relação de colaboração com o professor para fazerem uma avaliação, principalmente, das ações que são ministradas de modo presencial, uma vez que, nos cursos a distância realizados no AVA, com tutoria, são aplicados exercícios para a consolidação das informações e verificação da aprendizagem. Nos cursos livres em que o indivíduo pode fazer a qualquer momento, não há avaliação.

Aos poucos, as ações de competência em informação do PDCIAV estão crescendo em quantidade, diversidade e qualidade. O Quadro 12 apresenta alguns cursos realizados pela equipe PDCIAV da Biblioteca Central da Ufes, seus conteúdos e a forma de acesso:

**Quadro 12:** Conteúdo das ações de competência em informação do PDCIAV

Cursos do PDCIAV	Conteúdo das ações	Acesso
------------------	--------------------	--------

Planejamento de Pesquisa em Ambiente Virtual	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vocabulário utilizado nas bases de dados</li> <li>- Linguagens natural e controlada</li> <li>- Estratégias de busca</li> <li>- Uso de operadores <i>booleanos</i></li> <li>- Termos autorizados</li> <li>- Protocolo de planejamento de pesquisa</li> </ul>	Presencial e EAD
Portal de Periódicos Capes	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Forma de acesso</li> <li>- Tipos de busca</li> <li>- Uso de operadores <i>booleanos</i></li> <li>- Recursos para refinar a busca</li> <li>- Funcionalidades do portal</li> </ul>	Presencial e tutorial
Bases Referenciais: <i>Google Scholar</i> ; <i>Web of Science</i> ; <i>Scopus</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Forma de acesso</li> <li>- Tipos de busca</li> <li>- Uso de operadores <i>booleanos</i></li> <li>- Recursos para refinar a busca</li> <li>- Funcionalidades de cada base</li> </ul>	Presencial
Currículo <i>Lattes</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Linguagem científica e visibilidade</li> <li>- Avaliação por pares</li> <li>- Credibilidade das fontes</li> <li>- Modos de produção da informação</li> <li>- Disseminação, divulgação e difusão</li> <li>- Categorias da produção científica e intelectual</li> </ul>	Presencial
Normalização de Trabalhos Acadêmicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Importância das normas</li> <li>- Citação das fontes de pesquisa</li> <li>- Crédito aos autores</li> <li>- Padrão de apresentação</li> </ul>	EAD
Normas da APA para trabalhos acadêmicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Importância das normas</li> <li>- Citação das fontes de pesquisa</li> <li>- Crédito aos autores</li> <li>- Padrão de apresentação</li> </ul>	EAD
Métricas de Impacto Científico	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Indicadores para avaliação da produção científica: Fator de Impacto, <i>CiteScore</i> e Índice H.</li> </ul>	Tutorial
Gerenciador de Referências Bibliográficas: Mendeley	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gerar referências e citações automaticamente</li> <li>- Colaboração entre pesquisadores</li> <li>- Importação de outros <i>softwares</i> de pesquisa</li> <li>- Localização de documentos relevantes com base no que o pesquisador está lendo</li> </ul>	Vídeo
Guia da Biblioteca Central	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formas de empréstimo, devolução e multa</li> <li>- Como encontrar o livro na estante</li> <li>- Conservação dos livros</li> </ul>	Tutorial

Fonte: elaborado pela autora a partir de dados coletados no *site* do Sistema Integrado de Bibliotecas (2022).

O quadro 12 apresenta o conteúdo de alguns cursos, conforme informações coletadas no *site* da Biblioteca Central, onde se pode observar que alguns cursos são

ofertados em EAD, com carga horária de 40 ou 60 horas, e de forma presencial, com carga horária reduzida para duas horas. Como mencionado anteriormente, os cursos presenciais são realizados a partir das solicitações dos professores ou coordenadores de cursos. Somente os cursos em formato de EAD têm um cronograma semestral, tanto de temática, quanto no conteúdo ofertado. Há ainda alguns vídeos e tutoriais que podem ser acessados a qualquer tempo sem precisar fazer inscrição.

Novos cursos estão sendo criados, por exemplo, o curso: Currículo *Lattes* como ferramenta de visibilidade científica, que foi ofertado pela primeira vez na modalidade a distância em 2021 e, atualmente, pode ser realizado de modo presencial. O conteúdo dá uma visão geral da ferramenta, sendo direcionado aos estudantes dos cursos de mestrado e doutorado, para que possam compreender a importância do preenchimento adequado do *Lattes* para atingir o público a que se destina.

Segundo Vianna e Caregnato (2022), com a ampla adesão ao modelo de ensino a distância, por meio da utilização das tecnologias de informação e comunicação, criou-se uma necessidade urgente de adaptação da biblioteca universitária a essa nova forma de trabalho. Nesse propósito, as ações vão sendo aperfeiçoadas, assim como novas demandas vão surgindo por parte dos usuários. Os participantes citam dois cursos novos em fase de elaboração: Normas da APA e Orientação para elaboração de projeto de pesquisa.

Agora, a gente começou a entrar, em 2020, na seara da metodologia que envolve o delineamento da pesquisa, a construção da questão norteadora e do problema de pesquisa [...]. Então, a gente tem ido devagarzinho, ampliando o nosso foco, cada vez mais tem sido demandado a relação com a metodologia, o vínculo com metodologia, porque a gente percebe que só consegue caminhar na construção da estratégia, onde você quer chegar, se estiver claro a parte do metodológica para você, o seu delineamento da pesquisa, o desenho da pesquisa que você quer fazer. Então, assim a gente tem avançado muito e a gente só não consegue avançar mais porque [...] são poucas pessoas e demanda muito estudo (PARTICIPANTE B1).

Segundo o participante B2, os cursos estão sendo preparados para suprir uma demanda de solicitações nesta área e devido à dificuldade que os usuários têm em construir suas estratégias de busca e de entender seus objetivos para elaboração de projetos de pesquisa. Tais problemas foram observados durante os atendimentos individuais de orientação à pesquisa.

[...] a gente começa o atendimento [...] a gente percebe que a elaboração de estratégia de busca é o final e ele não consegue chegar nesse problema, porque está numa situação [...] sem muito chão, sobre o caminho que vai seguir. O que? Qual é o objetivo do meu trabalho? aonde eu quero chegar? Qual é o meu problema? (PARTICIPANTE B1).

A partir da dificuldade do usuário em entender as etapas de um projeto de pesquisa, a equipe do PDCIAV passou a estudar as metodologias de pesquisa, para auxiliar o estudante nessa tarefa. Para Spudeit (2016, p. 272), a aprendizagem é um movimento contínuo que exige perseverança e “[...] que ninguém nunca terá desenvolvido plenamente todas as habilidades e conhecimentos que o tornam competente em informação”. É, portanto, uma educação para a vida toda.

A competência é desenvolvida de modo contínuo em todas as esferas da vida, sendo que a cada situação são demandadas competências diferentes das anteriores, portanto o indivíduo pode demonstrar maior ou menor habilidade em áreas diferentes do conhecimento. Sabendo resolver suas questões com mais eficiência e maior eficácia, ao mesmo tempo vai internalizando mais conhecimentos, habilidades e atitudes.

#### **4.3.3 Perfil do bibliotecário**

Os bibliotecários integrantes da equipe do PDCIAV estão nessa jornada há cerca de oito anos. Nesse período, realizaram diversas ações de desenvolvimento da competência em informação e demonstram que estão sempre estudando e se preparando para oferecer novos cursos. “Então, você percebe que [...] o quanto que é um processo moroso de formar mão de obra aqui, dadas essas múltiplas competências que são cobradas [...] é algo que não se pega em um mês, em dois meses, digo para você, que nem um ano” (PARTICIPANTE B1).

Em sua fala, o participante mostra preocupação com o futuro do PDCIAV, pois um dos desafios é que outros profissionais da Biblioteca Central tenham interesse em participar da equipe para dar continuidade ao trabalho. Assim, “[...] o objetivo é colocar alguém para fazer a transição [...] para não ficar capenga, porque vai minguar [...]” (PARTICIPANTE B2). O receio dos participantes é que, em caso de aposentadoria ou

de afastamento para pós-graduação de um dos membros da equipe, os cursos possivelmente irão diminuir.

Segundo Lau (2007), faz parte da natureza humana resistir às mudanças e, portanto, cabe ao bibliotecário entender quais são os obstáculos para conseguir superá-los nos vários contextos da instituição, inclusive dentro da própria equipe de trabalho. Para o participante B3, “[...] o desafio maior de todos são as pessoas [...]”, se referindo-se à falta de profissionais comprometidos com a causa da competência em informação. Além do mais,

[...] se nós tivéssemos mais pessoas para poder [...] ampliar essa oferta, seria ótimo [...] e nos possibilitaria nos especializarmos também. Então, por vezes a gente fica muito a margem, muito superficial, porque a gente não consegue tempo para implementar outros cursos (PARTICIPANTE B1).

Atualmente são três profissionais para realizarem de três a quatro cursos por semana e fica difícil uma ou duas pessoas darem conta desse quantitativo. Segundo o participante B1, “[...] no final todo mundo acha lindo o que a gente faz. Todo mundo bate palmas, maravilhoso! ‘nossa o trabalho de vocês é fenomenal’ [...], mas chama alguém para você ver [...]”. Ou seja,

[...] é contraditório, é um serviço que dá visibilidade, que dá reconhecimento para o bibliotecário e então assim, parece dissonante, porque se é algo que te dá, que você é valorizado no seu fazer, só que a gente deduz que as restrições se dão porque dá trabalho, tira da zona de conforto (PARTICIPANTE B1).

Corroboram o participante B3, quando conta que, para ele, no início foi desafiador devido à quantidade de informações novas e que precisou se dedicar bastante, inclusive fora do seu horário de trabalho para conseguir acompanhar o ritmo da equipe e desenvolver habilidades às quais ele não estava familiarizado, pois seu foco era essencialmente técnico.

Quando questionados quanto às competências e habilidades do bibliotecário educador no campo da competência em informação, as respostas foram similares. Conforme menciona o participante B2, “[...] eu acho que é uma dica: as competências que um profissional, para fazer parte deste programa, tem que ter: habilidade de falar

em público, tem que dominar a norma culta do idioma, e obviamente o bibliotecário se enquadra nisso [...]” (PARTICIPANTE B2).

Segundo o participante B1, é preciso aprimorar as habilidades, fazer cursos e ter certa predisposição ou facilidade para falar em público, no entanto “[...] lógico tem gente que não consegue falar em público, não tem como, por mais cursos que faça não vai conseguir, mas acho que todo mundo consegue, está bem todo mundo não, a grande maioria consegue passar bem conteúdo [...]”. E complementa que ele mesmo não fez curso, pois faz parte da personalidade dele, mas que acredita que a maior parte das pessoas consegue, só é preciso treinar e dominar o conteúdo plenamente para se colocar em público para falar.

Para o participante B3, falar em público é mais complicado, mas consegue gravar os vídeos para os tutoriais e os cursos *online* no ambiente do AVA sem problemas. Segundo menciona a ACRL (2017), deve-se valorizar as contribuições de cada profissional como parceiros de ensino, respeitando suas características ou habilidades e criando uma atmosfera de cooperação e respeito mútuo.

É esperado que o bibliotecário que atua como educador, realizando as ações de competência em informação, tenha um perfil de se autoinstruir, que possua determinadas habilidades e conhecimentos para lidar com o ambiente informacional, além de competência para atuar em ambiente de aprendizagem demandando a capacidade de falar em público e de lidar com a tecnologia. E, principalmente, segundo o participante B3, “[...] você tem que saber o conteúdo que você vai ensinar [...]”. Desse modo, o bibliotecário deve ser um aprendiz ao longo da vida, buscando seu crescimento individual e a participação nas comunidades de aprendizagem (ACRL, 2016).

Para Okada e Alcará (2021), o fazer bibliotecário deve ser pautado pela necessidade do usuário, sendo importante adaptar-se ao contexto informacional, no sentido de desenvolver novas habilidades para o cumprimento de sua função de educador. O participante B2 argumenta que “[...] é inconcebível hoje um sujeito falar que é bibliotecário e não saber, ou pelo menos não se dispor a saber sobre tecnologia [...]”. Mas é preciso ir além do uso da tecnologia e incorporar às habilidades técnicas, capacidades em:

[...] falar, se expressar dentro da norma culta idioma vernáculo, da língua portuguesa, ter conhecimento básico de outro idioma, tecnologia e disponibilidade em novos aprendizados. Porque as bases de dados são criadas uma a cada dia e mudam de interface (PARTICIPANTE B2).

“[...] demanda muito estudo, demanda uma reunião de competências nossas. Então, assim, tem que saber falar em público, tem que ter uma apresentação, uma didática, você precisa estar sempre atualizado, você precisa estar sempre estudando o tempo todo, você precisa. Então, tem uma série de competências aí, que são: saber um pouquinho de outro idioma, e ter cara de pau, também, muitas vezes, de ir lá pra frente falar [...] então, a gente percebe que nem todo mundo está disposto e outros não tem competência mesmo para isso, para se colocar, para fazer o serviço, a gente respeita tranquilamente (PARTICIPANTE B1).

Está vendo o que é cobrado nosso [...] é domínio de tecnologia, minimamente, o domínio básico, muito básico de um idioma, saber se expressar e falar em público. É lógico [...] o que a gente ganha com isso? a mesma coisa, exatamente a mesma coisa que alguém está fazendo nada, esperando usuário chegar lá no seu balcão (PARTICIPANTE B1).

Durante a pandemia de Covid-19, a equipe teve que desenvolver novas habilidades para realizar os cursos no modo EAD. Naquele período, os profissionais não pararam o trabalho, ao contrário, adaptaram o conteúdo dos cursos para o formato eletrônico. Foi quando passaram a gravar vídeos para o *YouTube* e a montar os cursos em um novo formato para ser ofertado pelo AVA, com tutoria.

A ACRL (2017) identifica algumas áreas de atuação para o bibliotecário, bem como possibilidades de colaboração e de inovação. A função de designer instrucional é sugerida como uma vertente do papel de bibliotecário educador, em que são elaborados materiais instrucionais e objetos de aprendizagem para atender a diferentes ambientes de aprendizagem. O documento também menciona que o profissional deve ser um eterno aprendiz, buscando sempre novas oportunidades de aprendizagem.

O participante B1 menciona que fizeram a “[...] construção de tutorial, construção de vídeo, gravação de vídeo, carregamento no *YouTube*, tudo isso a gente vai aprendendo”. E complementa que tudo isso foi realizado devido à vontade que tiveram de aprender a usar essas ferramentas, pois eles não tiveram nenhuma preparação anterior, nessa área em específico.

Para Belluzzo (2011), o bibliotecário deve adaptar-se aos novos contextos de trabalho, buscar seu desenvolvimento contínuo através da aprendizagem e da

inovação. Com relação à aprendizagem, segundo o participante B3, geralmente eles recebem comunicados de cursos novos que as bases realizam, assistem a algumas *lives* e leem os manuais das próprias bases de dados.

A gente recebe atualização por *e-mail*, né! [...]. Eu acesso muito os *helps* das bases de dados que geralmente tem uma área para bibliotecário lá, eles sempre informam. [...] A maioria das bases tem alguma coisa voltada pro bibliotecário e certamente têm voltada pro usuário. [...] Então eu acompanho essas coisas, mais *lives* também, com a pandemia começou a aparecer muita coisa boa desse conteúdo. Eu geralmente acesso aqueles *sites* que têm cursos de universidades boas, você só paga se quiser o certificado (PARTICIPANTE B3).

No período de pandemia, segundo o participante B2, “[...] a gente também assistiu o outro para poder desenvolver uma habilidade que era nova, entendeu, a equipe toda [...]”. Foi preciso se desconstruir, sair da zona de conforto para aprender novas maneiras de chegar até o usuário e realizar as ações no ambiente virtual. Sendo que “[...] a ação de competência, envolve uma ação de competência nossa, que a gente precisa se formar e elaborar conteúdo didático para esse público também” (PARTICIPANTE B1).

A realidade do bibliotecário educador é de muito estudo até chegar e apresentar o conteúdo para os estudantes. Para o participante B1, “[...] essa ideia de que as capacitações, é vir aqui na frente falar, isso é só a ponta, bem a pontinha, da pontinha, porque está vendo aí, o quanto de preparação tem. E aí, mais uma vez te mostra a resposta, porque a galera não quer vir [...]”. Nessa fala, o participante mais uma vez demonstra a importância de estar sempre se atualizando, devido à complexidade que envolve a prática da competência em informação e à escassez local de profissionais interessados na prática.

Os profissionais da informação vivenciam as exigências do ambiente informacional, sendo, portanto, natural que ocupem esses espaços como agentes dinâmicos do conhecimento, realizando ações educativas para a promoção da competência em informação. No entanto, o bibliotecário deve comprometer-se com a sua própria aprendizagem para poder passar esses conhecimentos atualizados para outros indivíduos, assim além de conhecer, deve desenvolver habilidades didáticas para aplicar essas competências.

Segundo o participante B1, são necessárias várias habilidades e mesmo que o trabalho fosse apenas de reverberar o funcionamento de uma base de dados, “[...] mesmo assim é difícil, porque envolve a competência de ser didático, da fala, mas isso vai além [...]”. Por outro lado, os cursos estão cada vez mais específicos e direcionados a determinada temática. “Então, para cada público que a gente ministra hoje capacitação, a gente tem uma preparação prévia, para trazer esse tema o mais real e o mais aplicado à realidade deles [...]” (PARTICIPANTE B1).

No curso de Planejamento de Pesquisa em Ambiente Virtual (PPAV), por exemplo, são exploradas questões técnicas, que normalmente o bibliotecário domina, e essas informações são traduzidas para os usuários. Desse modo, “[...] a gente pega e traduz numa linguagem minimamente acessível, para um leigo, para que ele possa entender e enxergar a potencialidade daquilo, quanto que a pesquisa dele pode melhorar em razão disso” (PARTICIPANTE B1).

Atualmente, são ministrados cursos em dois formatos, de modo presencial, na Biblioteca Central, e a distância no AVA. Em ambos os casos, os bibliotecários precisam de aplicar seus conhecimentos e habilidades para mediar a informação, seja ao vivo ou através dos vídeos. Desse modo, os bibliotecários educadores demonstram que são altamente motivados e focados em aprender cada vez mais, para poder se manterem atualizados e melhorar a qualidade dos cursos. Conforme enfatiza o participante B3, “[...] a gente está aqui estudando, quebrando a cabeça todo dia para ver se desenvolve o mais avançado [...]”.

Consoante Spudeit (2016), as ações educativas devem ser direcionadas para que o indivíduo possa construir novos conhecimentos, a partir de habilidades de compreensão de um texto, da capacidade de organização das informações e da preservação dos direitos autorais. Segundo a autora, podem ser disponibilizados vários cursos, em diversos contextos, inclusive para o desenvolvimento da escrita e a comunicação da informação.

Um fator bem relevante é que os estudantes têm utilizado muito as informações em meio digital em detrimento do material físico, como o livro impresso, por exemplo. Isso implica em repensar o papel da biblioteca e do bibliotecário, por extensão, uma vez que são novos tempos e “[...] o bibliotecário tem que entender que o mundo é outro, nós

estamos vivendo uma nova ordem mundial” (PARTICIPANTE B2). Nesse sentido, “[...] o desenvolvimento de competências [...] é um serviço que hoje traz gente para a biblioteca [...]”. Sendo, portanto, “[...] o marketing principal hoje nas bibliotecas, é o serviço de capacitação [...]”, argumenta o participante B1.

Lau (2007) salienta que os profissionais da informação precisam estar cientes do aumento da carga de trabalho para alcançar o sucesso das ações de desenvolvimento da competência em informação. Além disso, os bibliotecários devem trabalhar em defesa de seus programas, para tanto, é imprescindível uma boa estratégia de divulgação das atividades e dos resultados alcançados, a fim de obter visibilidade na instituição e entre o corpo docente.

#### 4.4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A análise dos resultados da observação participante é orientada a partir dos pressupostos do *Framework* da ACRL (2016) e das dimensões de Vitorino e Piantola (2011), com vistas a averiguar os conteúdos referentes à competência em informação oferecidos nos cursos da Biblioteca Central da Ufes.

As observações foram realizadas mediante a participação da pesquisadora em dois cursos presenciais realizados pela equipe da BC: “Currículo *Lattes* como ferramenta de visibilidade científica” e “Pesquisa acadêmica em seis fases”. A análise das observações é realizada em conjunto e foi organizada a partir de três categorias: Fundamentos da competência em informação, Práticas da competência em informação e Perfil do bibliotecário.

##### 4.4.1 Observação participante I: Currículo *Lattes*

A primeira observação foi realizada mediante a participação da pesquisadora em um curso ofertado no dia 28 de julho de 2022, com o título de: “Currículo *Lattes* como ferramenta de visibilidade científica”, sendo ministrado pela primeira vez após uma reformulação de seu conteúdo, no modo presencial, para uma turma do curso de doutorado do PPGE/Ufes. A proposta dessa ação é orientar os participantes na criação e na atualização do seu próprio currículo *Lattes*.

O curso é voltado para as situações práticas de acesso e uso da ferramenta Currículo *Lattes*. As informações compartilhadas durante o curso têm por meta instruir os participantes com relação ao uso da Plataforma *Lattes*, por meio do preenchimento assertivo dos campos do currículo, de modo a demonstrar as opções de busca na base, as categorias em que as informações relativas à produção científica e intelectual podem ser inseridas, o tipo de linguagem que deve ser usada na ferramenta, a promoção da visibilidade das pesquisas, as formas de comunicar a ciência, entre outras.

É relevante frisar que o curso foi solicitado pela coordenação do próprio PPGE e teve a mentoria de três membros da equipe do PDCIAV, no intuito de que todos pudessem contribuir com a ação educativa, para que, no futuro, possam ministrá-lo individualmente. Durante as aulas um dos membros da equipe de bibliotecários auxiliou os participantes do curso no uso dos equipamentos e os outros dois revezaram nas falas.

Com referência à participação dos estudantes/pesquisadores, foi possível observar que durante o curso a sala estava com todos os 29 assentos ocupados e que a turma participou ativamente, manifestando suas dúvidas, que foram prontamente sanadas pela equipe.

Depreende-se que houve um bom planejamento da ação, os profissionais apresentaram o conteúdo com eficiência, por meio de demonstrações na própria base do *Lattes*. Também foi possível observar o entrosamento da equipe no decorrer do curso, ao intercalarem suas falas, demonstrando domínio do conteúdo ministrado, ratificando suas competências e habilidades como bibliotecários educadores.

#### **4.4.2 Observação participante II: Pesquisa acadêmica em seis fases**

A segunda observação foi realizada com a participação da pesquisadora em um curso experimental ministrado pela equipe do PDCIAV da Biblioteca Central, para uma turma de 29 estudantes do curso de graduação em Serviço Social da Ufes, nos meses de outubro e novembro de 2022, sob o título de: “Pesquisa acadêmica em seis fases”. O curso foi projetado para acontecer em seis encontros de duas horas, perfazendo o total de 12 horas.

Devido ao tempo de deslocamento da turma dentro do *campus* e do horário programado para o início do curso que foi as (11 horas da manhã), aconteceram contratemplos. Em consequência, na primeira edição, foi necessário acrescentar mais um dia para concluir o curso adequadamente. Espera-se que na próxima edição do curso esse problema seja sanado.

Outro ponto observado foi com relação à quantidade de estudantes que participaram do curso. Nos primeiros encontros, todos os 29 assentos na sala eram ocupados, porém, no decorrer do curso, o número de participantes foi diminuindo, sendo possível observar que nem todos os estudantes participaram até o último encontro.

O curso foi ministrado por uma bibliotecária, que teve o apoio de outro profissional para auxiliar os estudantes no uso dos computadores e no que fosse necessário. No decorrer das aulas, foi possível observar que a professora acompanhou a turma todos os dias e fez algumas intervenções, a fim de esclarecer ou reforçar algum aspecto relacionado à temática apresentada e a matéria que ela ministra, que é voltada para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O Quadro 13 resume o conteúdo programático ofertado durante o curso “Pesquisa acadêmica em seis fases”, ofertado pela equipe do PDCIAV da Biblioteca Central da Ufes.

**Quadro 13 – Conteúdo do curso Pesquisa acadêmica em seis fases**

<b>Fases</b>	<b>Temática</b>	<b>Conteúdo</b>
1ª fase	Identificar o assunto da pesquisa	- O que é uma pesquisa - Tema da pesquisa - Problema da pesquisa - Delineamento da pesquisa
2ª fase	Conhecer as fontes	- Tipos de documentos científicos - Onde encontrar os documentos - Critérios de relevância das fontes - Revisão por pares
3ª fase	Buscar, recuperar e acessar	- Protocolo do PDCIAV - Estratégias de busca - Operadores <i>booleanos</i> e recursos gráficos - Exercício prático no <i>Google Acadêmico</i>
4ª fase	Níveis e estratégias de leitura	- Estratégias ativas de leitura - Níveis de leitura - Ficha de leitura para texto acadêmico
5ª fase	Síntese das informações e estrutura do trabalho acadêmico	- Elementos do trabalho acadêmico - NBR 14.724 (Normalização)

		- NBR 6028 (Resumos) - NBR 6024 (Numeração Progressiva) - Vocabulário controlado
6ª fase	Produção do trabalho acadêmico	- NBR 6023 (Referências Bibliográficas) - Exercícios no AVA - Fake news

**Fonte:** elaborado pela autora com base nos dados coletados na observação participante II.

O escopo do curso é proporcionar uma visão ampla dos diversos aspectos da pesquisa acadêmica. Nesse propósito, foram passados conhecimentos relativos à elaboração de estratégia de busca, ao uso de operadores *booleanos* e de outros sinais gráficos para otimização dos resultados de busca. Além da importância da linguagem controlada nas buscas, uso de dicionários, noções de aplicação das Normas Brasileiras de Referência (NBR), entre outras. Ao final, foram aplicados exercícios com aspectos relativos ao delineamento de uma pesquisa e à formulação de estratégias de busca, para auxiliar na aprendizagem dos participantes.

Enfatiza-se que, a equipe utiliza-se de linguagem e exemplos voltados para a temática do Serviço Social, sendo que o nível de conhecimento é adaptado à graduação. Essa estratégia é adotada pela equipe do PDCIAV prevê a utilização de um protocolo específico para cada curso, segundo o campo do conhecimento ao qual se vincula a turma. No decorrer das aulas, os participantes utilizaram os computadores do Laboratório de Capacitação e alguns materiais impressos (livros, revistas científicas, trabalhos acadêmicos), e foram realizados alguns exercícios práticos no ambiente virtual de aprendizagem da Biblioteca Central.

Infere-se que a bibliotecária teve uma boa condução do conteúdo programado para o curso, demonstrando habilidade e segurança. Apesar dos contratempos com relação ao horário de início programado, devido ao atraso dos participantes, houve um bom planejamento da ação.

#### 4.4.2.1 Fundamentos da competência em informação

Constata-se que o teor dos cursos observados prioriza o desenvolvimento de habilidades e atitudes necessárias para a execução de tarefas, inclusive no manuseio de ferramentas de pesquisa, ou seja, estão relacionadas com a dimensão técnica

(VITORINO; PIANTOLA, 2011). Os cursos ofertados visam proporcionar aos indivíduos habilidades para o uso das fontes (dimensão técnica), o reconhecimento da necessidade de informação (dimensão estética), da origem e das circunstâncias de criação (dimensão ética). Além de abordarem o papel das discussões científicas (dimensão ética e política). Estas últimas dimensões também dizem respeito à compreensão do processo de construção da autoridade pessoal, como forma de legitimar o conhecimento do indivíduo na comunidade informacional à qual faz parte (ACRL, 2016).

#### 4.4.2.2 Práticas da competência em informação

Esta categoria abrange dois conceitos centrais do *Framework* (ACRL, 2016), que correspondem ao Processo de criação da informação e à Informação tem valor. O primeiro, visa preparar os indivíduos para que possam identificar os possíveis impactos com relação ao modo como a informação é produzida e como poderá ser empregada. No segundo conceito, é abordado o valor da informação nos vários aspectos da vida do sujeito, inclusive como meio de entender o mundo.

Observa-se que, durante os cursos, são demonstrados os modos de produção e comunicação da informação e a forma de avaliar as fontes que podem ser utilizadas para obtenção de informações confiáveis, como as bases de dados e as revistas científicas certificadas. Também são mencionados os tipos de documentos e as características extrínsecas e intrínsecas que identificam os materiais informacionais: o livro, a revista e outras publicações. Nesse contexto, a ACRL (2016) aborda que é preciso reconhecer a natureza da informação, para que o sujeito possa compreender os processos subjacentes que envolvem sua criação e, conseguir avaliar sua veracidade e conveniência.

Constata-se que o foco principal dos dois cursos observados é o desenvolvimento de habilidades e atitudes na prática da pesquisa (dimensão técnica), no entanto, o curso relativo ao Currículo *Lattes*, que é específico para pós-graduandos e pesquisadores, frisa bastante o uso ético das informações e posicionamento do indivíduo no contexto acadêmico e de pesquisa, a importância da avaliação da informação por pares para a obtenção de informações comprovadas e a citação das

fontes, evitando-se o plágio e valorizando o trabalho intelectual dos autores. No segundo curso, são abordados entendimentos com relação ao comportamento ético e responsável no uso e disseminação da informação, bem como conteúdo referente à pesquisa acadêmica, com aplicação de exemplos para formulação do problema e da pergunta de pesquisa, estratégia de busca, normas técnicas, entre outros.

#### 4.4.2.3 Perfil do bibliotecário

Esta categoria abrange as áreas conceituais referentes à Pesquisa como processo de investigação e à Pesquisa como exploração estratégica do *Framework* (ACRL, 2016). Depreende-se que os bibliotecários pertencentes à equipe do PDCIAV da Biblioteca Central da Ufes possuem habilidades e atitudes, condizentes com o desenvolvimento da competência em informação, o que se denota mediante o nível de detalhamento do conteúdo dos cursos ofertados, da atualidade das informações e das ferramentas de pesquisa utilizadas (dimensões técnica e ética). Também demonstram sensibilidade em lidar com diferentes níveis de conhecimento nas turmas e utilizam de protocolo específico para cada turma, de acordo com a área de conhecimento estudada (dimensões estética e política).

O conteúdo ministrado nos dois cursos observados está em conformidade com o contexto de *metaliteracy* proposto pelo *Framework* (ACRL, 2016) e com as dimensões propostas Vitorino e Piantola (2011), uma vez que possibilitaram aos indivíduos desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes para lidar com o ambiente informacional, oportunizando o crescimento individual e coletivo, condição necessária aos integrantes das comunidades acadêmicas, uma vez que os estudantes e os pesquisadores são, ao mesmo tempo, consumidores e criadores de conteúdo informacional. Consequentemente é crucial alcançar a independência na aprendizagem e construir sua própria autoridade, com base na ética e no respeito às demais autoridades que o precederam.

Conclui-se que, em ambos os cursos, são apresentados argumentos inerentes à importância da promoção da visibilidade do indivíduo como pesquisador e às formas de comunicar a ciência (disseminação, divulgação e difusão), demonstrando que o

processo de investigação vai além da academia e abarca desde conhecimentos básicos até habilidades mais sofisticadas para o refinamento das buscas, a aplicação de métodos de pesquisa mais avançados e a criticidade na escolha das fontes.

#### 4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS DO ESTUDO DE CASO

Nesta subseção, são realizadas inferências sucintas mediante aos resultados verificados na pesquisa documental, no questionário semiestruturado, na entrevista semiestruturada e na observação participante, que constituem o estudo de caso proposto na metodologia.

Conforme observado na análise dos resultados dessa pesquisa, infere-se que os resultados de cada ferramenta extrapolaram as fronteiras estabelecidas. A intenção era de que cada ferramenta metodológica correspondesse a um objetivo específico, no entanto, a aplicação da entrevista trouxe fatos históricos que corroboram com a pesquisa documental, e esta obteve dados referentes ao conteúdo das ações de competência em informação e serviços oferecidos pela Biblioteca Central, por exemplo.

Dando continuidade às considerações, pelo que foi exposto nas análises dos resultados da pesquisa documental, que visava contextualizar o cenário institucional da Biblioteca Central enquanto coordenadora do SIB/Ufes, constata-se que são realizadas várias ações educativas relativas ao desenvolvimento/aprimoramento da competência em informação no ambiente da BC, as quais tiveram início entre 2013. Trata-se de uma iniciativa de bibliotecários que, não obstante suas tarefas normais de trabalho, passaram a planejar, organizar e ministrar cursos no âmbito da Biblioteca.

A princípio, as ações eram realizadas em espaços cedidos em laboratórios de informática de outros setores da Universidade. Atualmente a Biblioteca Central já disponibiliza um laboratório informatizado e equipado, específico para esse tipo de atividade, bem como uma sala de trabalho para a equipe, que passou a se dedicar exclusivamente ao programa. Denota-se a importância do papel do bibliotecário na IES e sua iniciativa para planejar e executar ações educativas dessa natureza (MATA, 2014; SPUDEIT, 2016; GONÇALVES; CUEVAS-CERVERÓ, 2016).

A partir da análise dos documentos, verifica-se que o regimento interno do SIB/Ufes está desatualizado e não contempla a criação do PDCIAV ou a execução das ações de competência em informação que são realizadas no âmbito da Biblioteca Central. Ou seja, existe uma lacuna, que pode ser sanada por meio da elaboração de um novo documento, condizente com a atual realidade estrutural e ajustado aos objetivos educacionais da IES e às Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

Sugere-se que a gestão, em parceria com os bibliotecários e demais servidores, discutam a reorganização administrativa dos serviços e das ações educativas dessas competências, correlacionando seu conceito com os objetivos, a missão, os valores e as metas a serem alcançadas, de modo a efetivar uma prática institucionalizada e relevante para a comunidade (SANTOS, 2020), a fim de contribuir com a formação dos estudantes e com a geração de novos conhecimentos para a sociedade.

Em continuidade, com as considerações na categoria: *Fundamentos da competência em informação*, com base no resultado das respostas obtidas no questionário e nas entrevistas, depreende-se que os bibliotecários participantes desta pesquisa, em sua maioria, possuem conhecimentos satisfatórios em relação a essa temática. Tal fato se denota nas respostas 1, 5 e 7 do questionário, cuja intenção foi averiguar a percepção dos participantes com relação às características do indivíduo competente em informação. A premissas mais assinaladas pelos participantes (88,9%) foi: “A competência em informação se denota por meio de habilidades em localizar, avaliar e usar eficientemente a informação”.

Esses conhecimentos são primordiais para os estudantes, devendo ser disponibilizadas ações regulares e acessíveis a toda a comunidade, em todos os níveis do percurso acadêmico, incorporadas ao planejamento educacional, para uma prática institucionalizada. Com base na observação participante, constata-se que as ações ofertadas comportam conteúdos que privilegiam a dimensão técnica, uma vez que os cursos evidenciam a *práxis*, todavia são denotados componentes das outras dimensões, principalmente a ética, quando são mencionados os direitos autorais e o uso de normas técnicas.

Na categoria: *Práticas da competência em informação*, que corresponde às perguntas 2, 3, 6 e 9 do questionário, o foco foi verificar a percepção dos participantes em relação ao desenvolvimento da competência em informação em seu ambiente de trabalho. A maior parte dos bibliotecários declararam que realizam ações dessa natureza em informação em seu ambiente de trabalho e, que acreditam que deve existir um local específico para que sejam realizadas tais ações no espaço da Biblioteca.

No entanto, na pergunta 6, é possível identificar uma lacuna na percepção dos bibliotecários em relação às práticas dessa competência e sua avaliação. Nesse item, um dos participantes questiona “se existe um padrão para medir se um indivíduo é competente sobre informação”. Este participante não demonstra ter conhecimento acerca das ferramentas e parâmetros que podem ser utilizados para avaliar o desenvolvimento de competências nos indivíduos.

Entretanto, quando questionado na entrevista, o participante B1 demonstra que sabe da existência de modelos e indicadores que “[...] porque às vezes a gente dá uma capacitação e não consegue aplicar um instrumento para avaliação. Ter esses indicadores seria bom, até para que a gente pudesse repensar algumas ações [...]”. As avaliações devem ser parte integrante de qualquer ação ou programa de competência em informação, logo, durante observação participante, não foi constatada a aplicação de instrumento de avaliação. Por outro lado, foi observado que os conteúdos das ações mediadas pela equipe do PDCIAV têm aspectos relativos ao desenvolvimento das habilidades propostas pela ACRL (2016) em suas “práticas de conhecimento” para a realização de pesquisas científicas. Espera-se que esses profissionais busquem na literatura parâmetros e indicadores que se adequam à realidade do seu ambiente de atuação, como os documentos elaborados pela ACRL, pela IFLA e outras instituições.

Já na categoria: *Perfil do Bibliotecário*, referente às perguntas 4, 8 e 10 do questionário, conclui-se que os participantes reconhecem a influência das TICs no ambiente das bibliotecas universitárias e demonstram compreender a importância do aprimoramento de suas próprias habilidades em lidar com o ambiente informacional e com as tecnologias disponíveis. Com relação ao papel do bibliotecário educador e sua responsabilidade para liderar ações de competência em informação, a maioria dos participantes do questionário considera que a entidade educacional deve direcionar o

desenvolvimento dessas ações educativas, entretanto menos da metade deles acredita que o bibliotecário deve direcionar tais ações.

Quanto ao estabelecimento de parcerias para planejamento de ações educativas dessa natureza, segundo os participantes da entrevista, as parcerias são bem-vindas, porém se observa que eles têm dificuldade de conseguir entre os próprios colegas de trabalho bibliotecários interessados em participar do PDCIAV e auxiliar nas ações educativas que eles oferecem.

As ações de competência ofertadas têm tido boa aceitação por parte de alguns docentes, que demandam os cursos para seus alunos. Tal situação desperta outra controvérsia: a falta de divulgação do calendário dos cursos presenciais no *website* da biblioteca. Quanto a isso, os entrevistados alegam que não conseguem oferecer uma agenda semestral por serem poucos profissionais que se habilitam a planejar e a ministrar os cursos, e que só pela demanda eles montam as turmas regularmente.

Espera-se que a equipe de bibliotecários se fortaleça, busque mais apoio da gestão e de seus colegas para expandir as atividades do PDCIAV, com vistas a institucionalizar de maneira efetiva o programa a fim de ampliar a oferta das ações educativas para a comunidade universitária, adotando parâmetros e indicadores consolidados e, o *Framework* para planejar, implementar, avaliar e disseminar essas competências, favorecendo o ensino e a aprendizagem de qualidade.

Dando continuidade ao objetivo geral desta pesquisa, a seguir foi elaborado um *Framework* para orientar a estruturação de um programa de competência em informação no âmbito das bibliotecas universitárias, com base na ACRL (2016) e em Santos (2020), a partir de uma visão estratégica organizada três níveis: institucional, de ensino e da aprendizagem.

## 5 **FRAMEWORK PARA BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**

A competência em informação pode ser entendida como o desenvolvimento de um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que favorecem a aprendizagem, capacitando o indivíduo na identificação de suas necessidades informacionais e no manuseio de ferramentas tecnológicas de informação e comunicação para a realização de atividades de busca, recuperação, uso e disseminação da informação, mediante uma postura proativa, ética e independente, que favorece o aprendizado ao longo da vida.

Segundo Spudeit (2016), é preciso despertar no indivíduo um conjunto de atitudes necessárias ao desenvolvimento dessas competências, para tanto os programas podem ser arquitetados em duas instâncias, seja no “[...] conhecimento em fontes e recursos de informação” e na “[...] e na compreensão e disseminação da informação visando à construção e compartilhamento do conhecimento.” (SPUDEIT, 2016, p. 242). Portanto, é preciso desenvolver várias habilidades para entender o ecossistema informacional, reelaborar e produzir novos conhecimentos, além de assegurar o uso responsável e ético das informações, com a utilização de fontes idôneas e a observação dos direitos autorais sobre a criação de informações originais.

A fim de cumprir com o objetivo geral desta pesquisa, apresenta-se um *Framework* para orientar a estruturação de um programa de competência em informação no âmbito das bibliotecas universitárias, com base na ACRL (2016) e em Santos (2020). A construção desse *Framework* é norteada pelas diretrizes contidas no *Framework for Information Literacy for Higher Education*, documento publicado pela ACRL (2016), com base na publicação: “O uso do *Framework* para a implantação e o desenvolvimento da competência em informação (CoInfo) em bibliotecas”, elaborado pela pesquisadora Camila Araújo Santos (2020). Os conceitos e as orientações deste *Framework* são elaborados a partir da interpretação dos dados obtidos nas etapas anteriores desta pesquisa de mestrado.

Nesse propósito, são elaborados três níveis de *Frameworks* que se constituem em orientações gerais para o planejamento da competência em informação em três níveis: institucional, de ensino e da aprendizagem (SANTOS, 2020). Cada nível representa um objetivo dentro do planejamento de um programa dessa natureza, o qual

acompanha uma sequência de concepções para o seu planejamento e linhas de ação, que correspondem às atitudes práticas para consecução do objetivo.

O *Framework* Nível Institucional – Planejar para Institucionalizar visa orientar o processo de planejamento e institucionalização da competência em informação no ambiente da biblioteca, a partir de ações dialogadas em nível macro de organização da instituição, da gestão de seus serviços, dos ambientes, da equipe de trabalho e da divulgação do programa. O foco é a biblioteca e os processos institucionais que viabilizam a integração das ações educativas aos serviços da biblioteca.

Já o *Framework* Nível de Ensino – Planejar para Educar pretende conferir aos bibliotecários a liderança e a responsabilidade pelas ações educativas de competência em informação na biblioteca, mediante o mapeamento e a valorização de seus conhecimentos e habilidades; e o incentivo à formação de parcerias com docentes e outros profissionais da informação. Além disso, busca integrar aspectos do contexto social, educacional e do mundo do trabalho, como um elemento diferencial e transversal nas ações e nos serviços da biblioteca (SANTOS, 2020).

Por fim, o *Framework* Nível de Aprendizagem – Planejar para Aprender propõe-se a conceber momentos e ambientes de aprendizagem voltados para a necessidade de desenvolvimento da competência em informação nos estudantes, no intuito de promover ações educativas que favoreçam a aprendizagem reflexiva ao longo do percurso acadêmico, o uso de recursos tecnológicos e de informação, a valorização do processo de descoberta da informação, a criação de novos conhecimentos e a participação ética nas comunidades de aprendizagem (ACRL, 2016).

O *Framework* que se apresenta corresponde a um conjunto de orientações compostas de referenciais teóricos e práticos, que poderão ser adaptados à realidade das bibliotecas universitárias, levando-se em consideração as especificidades de cada instituição, materializadas na missão, nos valores e na visão diante da comunidade acadêmica e fora dela.

No âmbito profissional, enfatiza-se a valorização e a formação dos bibliotecários para liderar as atividades de planejamento, implementação, avaliação e melhoramento contínuo para o aprimoramento e o desenvolvimento da competência em informação em nível institucional, para que, finalmente, as ações educativas consigam atender aos

objetivos educacionais e de aprendizagem da IES e as necessidades de aprendizagem dos estudantes, contribuindo com a evolução da comunidade acadêmica e da sociedade como um todo.

Apresenta-se o *Framework* elaborado em três níveis para bibliotecas universitárias, cuja estrutura foi concebida em uma sequência linear, conforme o Quadro 14 a seguir:

**Quadro 14** – *Framework* em três níveis para bibliotecas universitárias

NÍVEL INSTITUCIONAL	PLANEJAR PARA INSTITUCIONALIZAR
<p><b>Foco na biblioteca e nos processos institucionais, a fim de incluir a ColInfo nos documentos da instituição de maneira apropriada</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Formar equipe de trabalho para elaborar ou reestruturar um Programa de ColInfo:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Buscar apoio de todos os bibliotecários e dos demais servidores da biblioteca, independente de suas funções, com vistas a descobrir novos talentos na equipe;</li> <li>- Sensibilizar os profissionais e divulgar massivamente a importância da ColInfo na instituição.</li> </ul> </li> <li>• <i>Discutir e planejar as fases do projeto:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Traçar a missão, metas e objetivos do programa;</li> <li>- Estabelecer o sequenciamento do programa;</li> <li>- Documentar todas as fases e criar cronograma de execução e de avaliação das etapas;</li> <li>- Adaptar este documento, juntamente com a ACRL (2016, 2019) e outros, para orientar o planejamento da ColInfo na instituição.</li> </ul> </li> <li>• <i>Buscar apoio administrativo e financeiro na instituição:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensibilizar gestores e docentes sobre a relevância da ColInfo para o ensino e a aprendizagem dos estudantes.</li> </ul> </li> <li>• <i>Realizar ações de comunicação e marketing:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Divulgar todos os passos, visando despertar o interesse de outros profissionais, valorizar o trabalho da equipe e aparecer na instituição.</li> </ul> </li> </ul>
	<p style="text-align: center;"><b>LINHAS DE AÇÃO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Adequar o Regimento Interno da biblioteca à realidade educacional e institucional;</li> <li>• Analisar outros documentos institucionais que viabilizem a inclusão da ColInfo;</li> <li>• Adotar conceitos referentes a missão, metas, objetivos e valores da instituição, em consonância com o conceito de competência em informação;</li> <li>• Adotar um conceito de competência em informação de acordo com o perfil da biblioteca e a partir de sua aplicabilidade prática;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Determinar de forma objetiva, nos setores, os serviços e as funções dos servidores (bibliotecários e pessoal administrativo) que corroboram com a ColInfo;</li> <li>• Produzir um organograma detalhado dos setores e suas funções, e afixá-lo em local visível a todos;</li> <li>• Viabilizar um ambiente propício ao compartilhamento de informações e de trocas de experiências entre os profissionais;</li> <li>• Direcionar verbas para aquisição de equipamentos, móveis e materiais de trabalho, visando ao fomento das ações de competência em informação;</li> <li>• Divulgar o programa e o cronograma das ações, mantendo as informações atualizadas no <i>site</i> da biblioteca, nas redes sociais, em cartazes e fôlderes etc.;</li> <li>• Buscar apoio da instituição educacional, de docentes e de pesquisadores, para que possam contribuir com o planejamento, a implementação e a avaliação das ações;</li> <li>• Articular com o setor de capacitação da universidade parceria e ações em conjunto para os servidores;</li> <li>• Elaborar um documento que formalize o estabelecimento de um programa, com objetivo, justificativa e exemplos de ações a serem ofertadas.</li> </ul>
<b>NÍVEL DE ENSINO</b>	<b>PLANEJAR PARA EDUCAR</b>
<p><b>Foco no bibliotecário educador a fim de conferir-lhe a liderança e responsabilidade pelas ações de ColInfo na biblioteca (ACRL, 2019)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Verificar as competências e habilidades dos profissionais:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mapear as competências dos bibliotecários e demais profissionais que possam contribuir com o planejamento e a implementação das ações de ColInfo na biblioteca acadêmica.</li> </ul> </li> <li>• <i>Ofertar cursos e atualizações aos profissionais, visando ao desenvolvimento de habilidades educativas e didáticas para o ensino nas ações de ColInfo:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender e analisar a função e os pontos fortes do trabalho do bibliotecário no âmbito do desenvolvimento de programas e ações de ColInfo na instituição à qual pertence; (ACRL, 2017);</li> </ul> </li> <li>• <i>Realizar parcerias internas e externas:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os bibliotecários atuam na identificação de ideias centrais dentro de seu próprio domínio de conhecimentos e podem expandir a aprendizagem aos estudantes, colaborando com os docentes na criação de um novo currículo com base na ColInfo (ACRL, 2016);</li> <li>- Contribuir com o avanço da ColInfo em contexto local e nacional disseminando conhecimentos, métodos e experiências (ACRL, 2019).</li> </ul> </li> <li>• <i>Adotar teorias didáticas para o ensino e parâmetros validados</i></li> </ul>

	<p><i>para orientar a prática da ColInfo no âmbito do ensino:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Selecionar, na literatura especializada, os princípios pedagógicos que se adequam à missão, aos valores e aos objetivos educacionais da IES;</li> <li>- Buscar, nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, as garantias ao direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida;</li> <li>- Analisar padrões, diretrizes e experiências de sucesso para promoção da ColInfo em IES (ACRL, 2011, 2016, 2017, 2019).</li> </ul>
	<p style="text-align: center;"><b>LINHAS DE AÇÃO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Incorporar a ColInfo de maneira transversal aos serviços e às atividades de mediação da informação na biblioteca;</li> <li>• Desenvolver habilidades educativas para a elaboração de conteúdo e para o ensino da ColInfo;</li> <li>• Criar protocolos para as ações, a fim de contextualizar a ColInfo ao curso, matéria ou programa acadêmico e alinhar o discurso dos profissionais;</li> <li>• Buscar parcerias com professores, pesquisadores e outros profissionais que possam contribuir direta e indiretamente nas ações de ColInfo;</li> <li>• Aprimorar a didática para o ensino e avaliação da ColInfo;</li> <li>• Adotar parâmetros ou modelos de implementação e avaliação de ações da ColInfo;</li> <li>• Preparar ações educativas que contemplem objetivos educacionais gerais e específicos, determinando os conteúdos a serem ministrados e os conhecimentos e habilidades a serem desenvolvidos, bem como o processo avaliativo e seus instrumentos;</li> <li>• Criar ações que possam ser ministradas em módulos de maneira sequenciada e avulsas, de acordo com as especificidades e as necessidades de determinados grupos;</li> <li>• Elaborar um calendário de ações regulares de modo presencial e a distância;</li> <li>• Inserir no conteúdo das ações valores e aspectos éticos ligados à busca da informação, sua autoria e seu compartilhamento;</li> <li>• Identificar profissionais ou grupos de trabalho no âmbito da ColInfo para troca de experiências e cooperação no planejamento de conteúdo para as ações.</li> </ul>
<b>NÍVEL DA APRENDIZAGEM</b>	<b>PLANEJAR PARA APRENDER</b>
<b>Foco no estudante</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Verificar os conhecimentos prévios dos estudantes:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliar o nível de conhecimento dos participantes antes de iniciar as ações e/ou programas de ColInfo, para que a linguagem</li> </ul> </li> </ul>

<p><b>e no resultado de sua aprendizagem</b></p>	<p>e o conteúdo possam estar em conformidade com os objetivos educacionais que se deseja atingir;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliar o desempenho do programa e os resultados da aprendizagem do estudante, incluindo sua autoavaliação;</li> <li>- Utilizar parâmetros consolidados na literatura para direcionar as avaliações (ACRL, 2016, 2019).</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Planejar as ações educativas centradas no estudante, considerando o panorama científico, tecnológico e social vivenciados, bem como as práticas no mercado de trabalho:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender que os estudantes são consumidores, criadores e disseminadores de informação (ACRL, 2016).</li> </ul> </li> <li>• <i>Adequar o conteúdo das ações às disciplinas acadêmicas:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conectar o manejo da informação às iniciativas de sucesso estudantil, colaborar e envolver os estudantes com a investigação pedagógica (ACRL, 2016).</li> </ul> </li> <li>• <i>Compreender o ecossistema informacional, os valores, a ética e a responsabilidade no manejo da informação:</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Enfatizar o dinamismo da informação, a flexibilidade, o crescimento individual e a aprendizagem da comunidade acadêmica (ACRL, 2016).</li> </ul> </li> </ul>
<b>LINHAS DE AÇÃO</b>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adequar a linguagem e o conteúdo das ações à temática do curso acadêmico e aos objetivos educacionais a serem atingidos;</li> <li>• Adaptar a profundidade do conteúdo ministrado nas ações de ColInfo aos níveis de conhecimento dos estudantes, empregando ferramentas tecnológicas e abordagens diversificadas;</li> <li>• Fazer parcerias com os professores de metodologia da pesquisa, por exemplo, para que articulem o conteúdo de sua matéria com ações de ColInfo, refletindo a realidade da prática da pesquisa acadêmica e científica, e de uso da informação para o trabalho e o exercício da cidadania;</li> <li>• Oferecer ações de ColInfo que desenvolvam conhecimentos, habilidade e atitudes no âmbito do universo informacional para a busca, o uso e a disseminação da informação;</li> <li>• Conscientizar os estudantes da importância da avaliação das fontes e dos conteúdos informacionais, para a obtenção de informações verdadeiras e éticas;</li> <li>• Valorizar o processo criativo dos estudantes e sua participação das discussões acadêmicas;</li> <li>• Orientar os estudantes quanto aos direitos autorais sobre o conhecimento original, à propriedade intelectual, o acesso aberto e o domínio público;</li> <li>• Disponibilizar ambientes específicos e equipados com recursos apropriados para o ensino e a aprendizagem dos estudantes;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Usar as TICs e de mídias apropriadas à execução das ações educativas de ColInfo;</li> <li>• Promover a reflexão, a responsabilidade e a independência do estudante no processo de ensino e de aprendizagem.</li> </ul>
--	---

Fonte: elaborado pela autora.

Este *Framework* foi esquematizado em um quadro contínuo, pois se entende que a institucionalização de um programa de desenvolvimento de competência em informação em ambientes educacionais de ensino superior necessita seguir um planejamento lógico e sequencial, a partir do contexto institucional, com a previsão de objetivos, justificativa, avaliações e metas a cumprir. Além disso, deve-se seguir em paralelo com a formação dos profissionais para o ensino e o planejamento do conteúdo, visando à aprendizagem dos indivíduos.

O Nível Institucional denota, principalmente, a dimensão técnica, uma vez que viabiliza as atividades ligadas à prática do planejamento da competência em informação, além de atitudes subjetivas que implicam a reflexão, o diálogo, a avaliação e a responsabilidade para a tomada de decisões e a comunicação das informações. Essa dimensão reivindica o comportamento ético e exige responsabilidade social, e necessita, portanto, das demais dimensões para sua efetivação (VITORINO; PIANTOLA, 2011).

No Nível de Ensino, são requeridas habilidades ligadas à experiência do profissional em lidar com a informação e com as subjetividades do comportamento humano, que são características da dimensão estética no desenvolvimento da competência em informação. Segundo Vitorino e Piantola (2011), o ato de ensinar deve ser uma ação de fomento da criatividade do indivíduo. Pressupõe sensibilidade e reflexão para ressignificar a informação e criar conhecimentos. Também carrega aspectos educativos da dimensão política por meio da formação de cidadãos mais conscientes de seus direitos e deveres.

O Nível de Aprendizagem congrega características tanto da dimensão estética quanto da ética e da política. Para Vitorino e Piantola (2011) características como a imaginação e o equilíbrio são tão importantes quanto a análise crítica da informação, pois o indivíduo escolhe, interpreta, avalia e valoriza a informação com base na subjetividade e na sua bagagem de conhecimentos. A dimensão ética na competência

em informação tem por meta despertar os processos reflexivos do indivíduo, a responsabilidade e a autonomia, e está contida na dimensão política com base nos direitos e no bom convívio social.

Configura-se em um processo que deve ser sistematizado de maneira a integrar o programa acadêmico ou o planejamento educacional do estudante, acompanhando o percurso estudantil e os vários níveis de aprendizagem, requerendo um certo tempo para sua plena efetivação (ACRL, 2016). Nessa perspectiva, este *Framework em três níveis para bibliotecas universitárias*, visa contribuir com área da Ciência da Informação e o crescimento da prática da competência em informação, oferecendo conteúdos teórico-práticos para que bibliotecários, profissionais da informação, gestores e docentes possam utilizar este *Framework* para: Planejar para Institucionalizar - Planejar para Educar - Planejar para Aprender.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A competência em informação possibilita ao indivíduo desenvolver habilidades e aptidões para o domínio de certas ferramentas tecnológicas e de informação, oportunizando o acesso ao conhecimento e a construção de sua própria aprendizagem, com base na autonomia, no bom senso, no compromisso ético e na responsabilidade advindas de suas atitudes.

Por meio dos dados obtidos na pesquisa documental, constatou-se que ações educativas são realizadas na Biblioteca Central da Ufes desde 2013, no entanto a sua prática ainda não foi oficialmente institucionalizada, uma vez que não existe um documento que assegure a sua perpetuação ou determine os parâmetros norteadores a serem seguidos. Além disso, as ações não figuram nos princípios pedagógicos da instituição educacional e nem dialoga com os objetivos, a missão e a visão do Sistema Integrado de Bibliotecas.

Observou-se, na fala dos participantes da entrevista, que, mesmo sendo informal, o PDCIAV é uma iniciativa que proporciona aos estudantes realizar cursos diversos, ter acesso a orientações personalizadas para a pesquisa e outros serviços dessa natureza. Contudo, ainda não conseguiram realizar a institucionalização do programa efetivamente, para atender à comunidade universitária de forma mais ampla, sendo necessário sensibilizar outros profissionais para auxiliar nessa atividade.

Para cumprimento do segundo objetivo específico, “verificar o conhecimento e a percepção dos bibliotecários em relação aos fundamentos e as práticas da competência em informação, depreende-se que os bibliotecários participantes desta pesquisa, em sua maioria, possuem conhecimentos satisfatórios acerca dessa temática, são conscientes da importância dessas ações educativas para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem na comunidade acadêmica, constituindo-se uma estratégia eficiente para o sucesso estudantil.

Porém, é possível identificar que existe uma lacuna na percepção de um dos participantes, quando ele questiona “se existe um padrão para medir se um indivíduo é competente em informação”. Constata-se o desconhecimento acerca do uso de

parâmetros e de indicadores elaborados para orientar o planejamento e a avaliação do desenvolvimento de competência em informação nos indivíduos.

Por outro lado, quando são relacionadas as ações educativas realizadas na instituição, todos os participantes do questionário assinaram as sentenças que correspondiam a essas atividades. Denota-se que as ações praticadas na instituição são valorizadas. Contudo, percebe-se no comportamento dos bibliotecários por ocasião da realização do *workshop* e mesmo pela recusa em participar da pesquisa, que existe um certo distanciamento deles em relação às ações de competências. Tal fato também pode ser corroborado na fala dos participantes da pesquisa, que mencionam a dificuldade em conseguir profissionais para colaborar com as atividades ligadas às ações que eles realizam.

O desenvolvimento de competência em informação é um processo contínuo, todavia é possível verificar se o indivíduo desenvolveu e/ou aprimorou determinadas habilidades, conhecimentos e atitudes em lidar com o ambiente informacional por meio de instrumentos validados e reconhecidos na literatura científica nesse campo do conhecimento. Em vista disto, infere-se que existe a necessidade de aprofundar os conhecimentos dos bibliotecários em relação à temática proposta nesta pesquisa, por meio de leituras especializadas, ações educativas ou eventos que oportunizem o compartilhamento de conhecimentos e o incentivo à prática de ações dessa natureza.

No terceiro objetivo específico, mapear as ações e os serviços oferecidos pela Biblioteca Central que se relacionam com os pressupostos da competência em informação, foi proposto a entrevista semiestruturada, porém, a pesquisa documental, oportunizou a coleta desses dados diretamente das fontes, tais com as folhas de presença dos cursos e resumos dos relatórios.

Conforme observado no *site* da biblioteca e nos relatos dos entrevistados, são ofertados alguns cursos de forma presencial e outros no modo a distância. No *site* da biblioteca constam: Planejamento de Pesquisa em Ambiente Virtual; Portal de Periódicos Capes; Bases Referenciais: *Google Scholar*; *Web of Science*; *Scopus*; e Currículo *Lattes*. Constata-se que, na fala dos participantes, que em geral, os cursos de EAD, em geral, possuem carga horária de 40 ou 60 horas; já os cursos presenciais, têm carga horária reduzida para 2 horas, devido às limitações de tempo dos estudantes.

Outra questão foi observada é que somente os cursos em formato de EAD são divulgados no *site* com um cronograma semestral de oferta. Quanto a isso, os profissionais mencionaram que os cursos presenciais são ofertados por demanda e os EAD são de livre inscrição para a comunidade. Eles afirmam que os professores e coordenadores de alguns departamentos acadêmicos, que já conhecem as ações realizadas, solicitam os cursos para turmas fechadas e, normalmente, eles acompanham os estudantes durante o curso, o que diminui a evasão. Eles perceberam isso com o passar do tempo, pois inicialmente os cursos eram amplamente divulgados na comunidade universitária e havia muitas desistências.

Constata-se que as ações educativas ofertadas pela Biblioteca Central são relacionadas ao desenvolvimento de competência em informação, e têm beneficiado a uma parcela da comunidade acadêmica, entretanto há uma defasagem na questão da divulgação das ações presenciais. Faz-se importante que outros bibliotecários cooperem com as ações, para que estas possam ser ampliadas e divulgadas a fim de beneficiar a comunidade acadêmica como um todo, com base na igualdade de direitos e oportunidades.

No que diz respeito ao quarto objetivo, averiguar os conteúdos referentes à competência em informação oferecidos nos cursos da Biblioteca Central, em consonância com o *Framework* da ACRL (2016) e as dimensões de Vitorino e Piantola (2011), a partir da observação realizada durante as entrevistas e na participação da pesquisadora em dois cursos realizados de modo presencial no ambiente da Biblioteca Central, averiguou-se que os bibliotecários que desenvolvem as ações de educativas, demonstram possuir competências e habilidades para planejar e ministrar as atividades às quais se propõem, o que se denota mediante o conteúdo ofertado e as atitudes desses profissionais.

O perfil do bibliotecário e o seu reconhecimento como educador envolvem muitos requisitos, como o comprometimento profissional, a proatividade, a superação de seus limites e o comportamento ético. Devendo buscar, por meio do autodesenvolvimento de suas competências e habilidades, maior eficiência, desde o seu fazer cotidiano e, principalmente, na promoção de ações educativas dessa natureza para a comunidade

ao qual se insere, estimulando o desenvolvimento da autonomia da aprendizagem nos estudantes.

O escopo dos cursos ofertados é baseado, principalmente, na dimensão técnica, uma vez que visa desenvolver habilidades e atitudes de excelência em pesquisa. No entanto, é possível observar a menção dos princípios éticos, que estão relacionados ao respeito aos direitos do autor e à responsabilidade com a divulgação de conteúdo. E na dimensão estética, que é relacionada à sensibilidade do indivíduo em interpretar e ressignificar a sua visão de mundo, bem como à adoção de uma postura crítica e de respeito no trato da informação (VITORINO; PIANTOLA, 2011).

Verifica-se a indicação de uso de fontes de informação idôneas e validadas por pares, além da utilização de normas de apresentação de texto e trabalhos acadêmicos, frisando-se a obrigatoriedade de menção do autor nas citações e a referência das obras utilizadas. O conteúdo ministrado nos cursos é baseado em conhecimentos e habilidades relativas à prática da pesquisa acadêmica, ao uso e à disseminação da informação, que configuram atitudes ligadas a dimensões propostas por Vitorino e Piantola (2011).

Infere-se que ações educativas ofertadas pela equipe do PDCIAV, correspondem, ao conceito de *metaliteracy* proposto pela ACRL (2016), proporcionando aos estudantes desenvolverem suas habilidades para lidar com o ambiente informacional, em uma perspectiva reflexiva, responsável e inclusiva, como integrantes do ecossistema informacional ao qual fazem parte.

Finalmente, o objetivo geral desta pesquisa, qual seja, elaborar um *Framework* para a estruturação de um programa de competência em informação no âmbito das bibliotecas universitárias, com base na ACRL (2016) e em Santos (2020), considera-se que ele foi alcançado e tem-se a expectativa de que o *Framework em três níveis para bibliotecas universitárias*, arquitetado nesta pesquisa, possa dar subsídios teórico-práticos para o planejamento e a implementação de programas dessa natureza em instituições de ensino superior, mediante uma sequência de concepções que visam ao planejamento para institucionalizar, educar e aprender.

Considerando-se as observações e as discussões apresentadas, espera-se que esse *Framework* contribua para o delineamento de um conjunto de atividades que

visem à formação, ao aperfeiçoamento e à colaboração entre os bibliotecários, professores e outros profissionais, proporcionado a concepção de ambientes de aprendizagem voltados para a necessidade de desenvolvimento dessas competências nos estudantes.

Diante do exposto, pode-se declarar o cumprimento dos objetivos propostos com a elaboração do *Framework* e do estudo de caso fundamentado na pesquisa documental, no questionário semiestruturado, na entrevista semiestruturada e na observação participante. Os resultados da pesquisa consolidam a justificativa proposta, de contribuir com a construção do conhecimento científico nas áreas da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, da *Linha 1 de Pesquisa: Cultura, mediação e uso da informação*, e ao *Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGCI-Ufes)*, fornecendo subsídios teóricos e práticos para o aprimoramento e a disseminação da competência em informação, tendo em vista a escassez de programas no cenário nacional e de pesquisas em torno do assunto ainda é incipiente, sendo incontestável a necessidade de mais estudos no âmbito dessa prática e da sua avaliação, a fim de incorporar a temática em sua totalidade.

Frisa-se que, em virtude da escolha do método de estudo de caso, que teve como universo da pesquisa os bibliotecários atuantes na Biblioteca Central da Ufes, a presente investigação encontrou algumas limitações, não sendo razoável realizar generalizações e ampliar os resultados para o grupo todo. Uma das barreiras observadas, por exemplo, foi em relação ao número de participantes do *workshop* realizado, uma vez que poucos se interessaram em participar, e ao número de respondentes do questionário (apenas 33,33%).

Complementarmente, almeja-se o reconhecimento e a valorização dos bibliotecários por meio da potencialização das ações educativas oferecidas aos usuários da biblioteca, de forma a instituir uma prática permanente de desenvolvimento da competência em informação e que o *Framework* aqui elaborado possa servir de modelo para outras bibliotecas em âmbito local e nacional. Que o documento traga benefícios para o campo educacional, profissional e pessoal, uma vez que a cultura da aprendizagem favorece todas as áreas da vida do sujeito, auxilia na solução de suas

demandas, inclusive no âmbito social, pois o conhecimento produzido e compartilhado com responsabilidade e ética pode melhorar a condição de vida de outras pessoas.

## REFERÊNCIAS

- ALCARÁ, Adriana Rosecler. Relações entre as necessidades psicológicas básicas e a competência em informação. **Em Questão**, v. 27, n. online, p. 346-369, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/156884>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Presidential committee on information literacy: final report. Washington, DC: ALA, 1989. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>. Acesso em: 07 jul. 2021.
- ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). Information literacy competency for higher education. Chicago: ALA, 2000. Disponível em: <https://alair.ala.org/bitstream/handle/11213/7668/ACRL%20Information%20Literacy%20Competency%20Standards%20for%20Higher%20Education.pdf?sequence=1>. Acesso em: 05 ago. 2022.
- ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. Guidelines for instruction programs in academic libraries. Chicago: ALA, 2011. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/guidelinesinstruction>. Acesso em: 20 jun. 2020
- ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). Framework for information literacy for higher education. Chicago: ALA, 2016. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>. Acesso em: 9 jul. 2018.
- ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). Roles and strengths of teaching librarians. Chicago: ALA, 2017. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/standards/teachinglibrarians>. Acesso em 20 nov. 2022.
- ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. Characteristics of programs of information literacy that illustrate best practices: a guideline. Chicago: ALA, 2019. Disponível em: < <http://www.ala.org/acrl/standards/characteristics> >. Acesso em: 20 jun. 2020.
- Australian and New Zealand Information Literacy Framework (ANZIL). Principles, standards and practice. Library Publications, 2 ed., 2004. Disponível em: <http://bit.ly/3ukpEEEd>. Acesso em: 07 nov. 2022.
- BARBOSA, Eliana Terra; MATA, Marta Leandro da; PEREIRA, Gleice. Ações de competência em informação voltadas para as bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Vila Velha (ES). **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas**, Portugal, s. 3, n. 14, p. 112-132, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/152827>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BELLUZZO, Regina Célia Baptista. As competências do profissional da informação nas organizações contemporâneas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 58-73, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/180/186>. Acesso em: 28 jul. 2022.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O estado da arte da competência em informação (ColInfo) no Brasil: das reflexões iniciais à apresentação e descrição de indicadores de análise. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. especial, p.47-76, jan./jul. 2017. ISSN 1980-6949. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/648/570>. Acesso em: 28 jul. 2021.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **A competência em informação no Brasil: cenários e espectros**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. p. 31-57. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora/issue/view/23>. Acesso em: 24 mar. 2021.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; FERES, Glória Georges. Inteligência, criatividade e competência em informação. *In*: ALVES, Fernanda Maria Melo; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira (org.). **Competência em informação: políticas públicas, teoria e prática**. Salvador: EDUFBA, 2016. p.125-153. Disponível em: <https://1library.org/document/zw370jgy-competencia-em-informacao-politicas-publicas-teoria-e-pratica.html>. Acesso em: 24 mar. 2021.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro; FERES, Glória Georges. Information literacy: um indicador de competência para a formação permanente de professores na sociedade do conhecimento. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 6, n. 1, p.81-99, 2004. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/7855>. Acesso em: 20 ago. 2018.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; SANTOS, Camila Araújo dos; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da avaliação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p.60-77, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Graduacao/PETBiblioteconomia/a-competencia-em-informacao.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. [Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional]. Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394compilado.htm). Acesso em: 22 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Economia. **Instrução Normativa n. 19 de 12 de março de 2020**. [Estabelece orientações aos órgãos e entidades do Sistema de Pessoal Civil da Administração Pública Federal - SIPEC, quanto às medidas de proteção para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19)]. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ed. 50, p. 13, 13 mar. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/instrucao-normativa-n-19-de-12-de-marco-de-2020-247802008>. Acesso em: 20 fev. 2023.

BRUCE, Christine Susan. Las siete caras de la alfabetización en información en la enseñanza superior. **Anales de documentación**, Murcia, Espanha, n. 6, p. 289-294, 2003. Disponível em: <https://revistas.um.es/analesdoc/article/view/3761/3661>. Acesso em: 31 jul. 2021.

BRUCE, Christine Susan. Informed learning. Chicago: ALA/ACRL, 2008. *In*: Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios, año 28, n. 105, p. 92-204, 2013. Disponível

em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5135582>. Acesso em: 25 maio 2022.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/9nQgbdkq5nXsNBLfv5MBHNm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2021.

CARDOSO, Antônio Luiz Mattos de Souza; FRANÇA, Cláudio Márcio; MARIANI, Ana Maria de Matos. Formação de usuários para competência informacional em ambientes virtuais. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Minas Gerais. Anais eletrônicos... Disponível em: <http://eprints.rclis.org/24509/1/128-1747.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

CAREGNATO, Sônia Elisa. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, jan./dez. 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/290478428.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.

CARTA DE MARÍLIA. *In*: SEMINÁRIO DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CENÁRIOS E TENDÊNCIAS. 3., 2014, Marília-SP. Anais...Marília-SP: UNESP; UNB; IBICT, 2014. Disponível em: [http://gicio.valentim.pro.br/data/documents/Carta\\_de\\_Marilia\\_Portugues\\_Final.pdf](http://gicio.valentim.pro.br/data/documents/Carta_de_Marilia_Portugues_Final.pdf). Acesso em: 31 maio 2022.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Políticas de formação para a competência informacional: o papel das universidades. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 47-62, dez. 2006. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/17/>. Acesso em: 01 jul. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil**, Brasília, 13 jun. 2013, Seção 1, p. 59. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). Resolução nº 510, de 10 de abril de 2016. **Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil**, Brasília, 24 maio 2016, Seção 1, p. 44-45. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

DECLARAÇÃO de Maceió sobre competência em informação. *In*: SEMINÁRIO COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CENÁRIOS E TENDÊNCIAS, 2.; CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011. **Anais** [...] Maceió: Unb, 2011. Disponível em: <http://www.fci.unb.br/phocadownload/declaracaomaceio.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2022.

DECLARACIÓN de Toledo sobre la alfabetización informacional. Bibliotecas por el aprendizaje permanente. *In*: SEMINÁRIO DE TRABALHO "BIBLIOTECA, APRENDIZAJE Y CIUDADANÍA: LA ALFABETIZACIÓN INFORMACIONAL", 2006.

**Anais** [...] Toledo, Espanha, 2006. Disponível em: <https://milobs.pt/wp-content/uploads/2018/06/Declaraci%C3%B3n-de-Toledo.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2022.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, 2003. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1016/1071>. Acesso em: 29 jul. 2021.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana; FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; FERRARI, Adriana Cybele. Competência informacional e midiática: uma revisão dos principais marcos políticos expressos por declarações e documentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 13, n. especial, p. 213-253, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/675/577>. Acesso em: 24 mar. 2022.

FARÓIS da Sociedade de Informação: Declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida. *In*: NATIONAL FORUM ON INFORMATION LITERACY. Alexandria: IFLA; UNESCO, 2005. Versão em português do documento “Beacons of the Information Society”. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/wsis/Documents/beaconinfsoc-pt.pdf>. Acesso em: 08 maio 2021.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso. Construindo o conceito de competência. **RAC**, Edição Especial, p. 183-196, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/C5TyphygpYbyWmdqKJCTMkN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 abr. 2022.

GASQUE, Kelly Cristine Gonçalves Dias. Pesquisas na pós-graduação: o uso do pensamento reflexivo no letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 40, n. 1. p. 22-37, jan./abr., 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652011000100002&script=sci\\_abstract&tling=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652011000100002&script=sci_abstract&tling=pt). Acesso em: 01/07/2018.

GASQUE, Kelly Cristine Gonçalves Dias. Competência em informação: conceitos, características e desafios. **Atoz**: novas práticas em informação e conhecimento, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/viewFile/41315/25246>. Acesso: em 29 jul. 2021.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Objetos de aprendizagem para o letramento informacional. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 387-405, nov. 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/45982>. Acesso em: 29 jul. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GONÇALVES, Renata Braz; CUEVAS-CERVERÓ, Aurora. Políticas e práticas de desenvolvimento de programas de competência informacional em bibliotecas universitárias espanholas. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 45 n. 2, p. 118-130, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/55563>. Acesso em: 27 abr. 2022.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima. **Information literacy**: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Escola de Comunicação, Rio de Janeiro. 2002. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/722/1/mariahelena2002.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

HORTON JUNIOR, Forest Woody. **Overview of information literacy resources Worldwide**: Helping people to easily and quickly find the information they need. 2.ed. Paris: UNESCO, 2014. Disponível em: [https://www.ifla.org/files/assets/information-literacy/publications/unesco\\_composite\\_document\\_-\\_final\\_-\\_2.pdf](https://www.ifla.org/files/assets/information-literacy/publications/unesco_composite_document_-_final_-_2.pdf)/ Acesso em: 02 maio 2016.

KUHLTHAU, Carol Collier. **Information skills for na information society**: review of research. Washington, DC: ERIC, 1987. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED297740>. Acesso em 31 jul. 2021.

LAU, Jesus. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. Tradução de Regina Célia Baptista Belluzzo. Boca del Rio, México: IFLA, 2007. p. 12-18. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/information-literacy/publications/ifla-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2021.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MANIFESTO de Florianópolis sobre a competência em informação e as populações vulneráveis e minorias, *In*: SEMINÁRIO COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CENÁRIOS E TENDÊNCIAS, 2.; CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...] Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4554>. Acesso em: 29 mar. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 9. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2021. *E-book*.

MATA, Marta Leandro da. **Inserção da competência informacional nos currículos dos cursos de Biblioteconomia no Brasil e de Informação e Documentação na Espanha**. 2014. 196 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110393>. Acesso em: 18 maio 2021.

MATA, Marta Leandro da. Competência em informação: questões terminológicas e conceituais. *In*: GERLIM, M. N. M. (Org.). **Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes**. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2018. p. 48-78. (Coleção No balanço das redes: tradição e tecnologia, v. 2). Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32703>. Acesso em: 18 maio 2021.

MATA, Marta Leandro da. Contribuições dos estudos acerca da competência em informação para a ciência da informação: uma análise a partir da produção científica do Enancib entre 2015 a 2019. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n.1, p. 232–263, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32703>. Acesso em: 18 maio 2021.

MATA, Marta Leandro da; ALCARÁ, Adriana. A competência em informação em ambientes de informação, educação e cultura. *In*: GERLIN, Meri Nádia Marques (org.). **Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes**. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação: Unb, 2018. p. 79-105. (Coleção No balanço das redes: tradição e tecnologia, v. 2). Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32703>. Acesso em: 18 maio 2021.

MIRANDA, Ana Maria Mendes. **Multiplicadores da competência em informação e o uso da metacognição nas ações formadoras**. 2020. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2020.

NUNES, Martha Suzana Cabral; CARVALHO, Kátia de. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.173-193, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/LCcVhWXmMt6ydMmG6Gmmmw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2022.

OKADA, Tamires Cassia Rodrigues; ALCARÁ, Adriana Rosecler. O bibliotecário como educador e multiplicador da competência em informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, p. 786-807, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/166572>. Acesso em: 02 jun. 2022.

PEREIRA, Rodrigo. **Desenvolvendo a competência em informação**: resultados da prática no ensino fundamental. Rio de Janeiro: Interciência, 2015.

SANCHES, Tatiana.; BORGES, Maria Manuel. Conhecimento e aplicação da framework para a literacia da informação em bibliotecas de instituições de ensino superior em Portugal. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v.14, n. 2, p. 463–486, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICl/article/view/34895/29657>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SANTOS, Camila Araújo. **Competência em Informação na formação básica dos estudantes da Educação Profissional e Tecnológica**. 2017. 287f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/santos\\_ca\\_do.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/santos_ca_do.pdf). Acesso em: 14 set. 2021.

SANTOS, Camila Araújo. O uso do framework para a implantação e o desenvolvimento da competência em informação (Colnfo) em bibliotecas. **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 19, n. 2, p. 126-146, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/15400>. Acesso em: 14 set. 2021.

SANTOS, Camila Araújo dos; MATA, Marta Leandro da; MAIA, Cristina Marchetti; RIBEIRO, Luciane Meire; AZEVEDO, Kelly Rita de; ALVES, Ana Paula Meneses; FARIAS, Gabriella Belmont de. Grupo de trabalho de competência em informação (ColInfo) da federação brasileira de associações de bibliotecários, cientistas de informação e instituições (Febab): ações empreendidas e caminhos a trilhar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 17, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/162454>. Acesso em: 16 nov. 2021.

SANTOS, Waneska Cardoso dos; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Ações para a formação da competência em informação: relato de experiência. **Informação & Profissões**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 153-175, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/100132>. Acesso em: 10 jul. 2019.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/235/22>>. Acesso em: 08. jun. 2016.

SOCIETY OF COLLEGE, NATIONAL AND UNIVERSITY LIBRARIES (SCONUL). Working Group on Information Literacy. Seven pillars of information literacy: core model for higher education, 2011. Disponível em: <<https://www.sconul.ac.uk/sites/default/files/documents/coremodel.pdf>>. Acesso em 03 jul. 2021.

SPUDEIT, Daniela. Programas para desenvolvimento de competências informacionais: implementação, metodologias e avaliação. *In*: ALVES, Fernanda Maria Melo; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira (org.). **Competência em informação: políticas públicas, teoria e prática**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 235-278. Disponível em: <https://1library.org/document/zw370jgy-competencia-em-informacao-politicas-publicas-teoria-e-pratica.html>. Acesso em: 24 mar. 2021.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). Grünwald Declaration on Media Education. *In*: International Symposium on Media Education, Grünwald, Federal Republic of Germany, 1982. Disponível em: <https://milobs.pt/wp-content/uploads/2018/06/Declaracao-de-Grunwald.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2022.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). Prague Declaration Towards an Information Literate Society. Prague, 2003. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/PragueDeclaration.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Conselho Universitário. **Resolução nº 09, de 24 de junho de 2002**. Estabelecer novo Regimento Interno para a Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: Conselho Universitário, 2002. Disponível em:

[https://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao\\_09\\_2002.pdf](https://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_09_2002.pdf). Acesso em: 04 ago. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Conselho Universitário. **Resolução nº 48, de 15 de setembro de 2016**. Estipula normas para empréstimos de obras nas bibliotecas do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIB) da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: Conselho Universitário, 2016. Disponível em: [https://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao\\_no.\\_48.2016\\_-\\_normas\\_da\\_emprestimo\\_de\\_livros\\_bibliotecas\\_da\\_ufes.pdf](https://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_no._48.2016_-_normas_da_emprestimo_de_livros_bibliotecas_da_ufes.pdf). Acesso em: 04 ago. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Conselho Universitário. **Resolução nº 36, de 07 de agosto de 2014**. Normas e Procedimentos para reprodução de acervo no âmbito do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: Conselho Universitário, 2014. Disponível em: [https://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao\\_no.\\_36.2014.pdf](https://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_no._36.2014.pdf). Acesso em: 04 ago. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. **Portaria Normativa nº 12, de 24 de agosto de 2021**. Regulamenta a criação do Comitê Gestor do Portal e dos Periódicos Científicos da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2021. Disponível em: [https://prppg.ufes.br/sites/prppg.ufes.br/files/field/anexo/portaria\\_normativa\\_prppg\\_12.2021\\_-\\_criacao\\_do\\_comite\\_gestor\\_do\\_portal\\_de\\_periodicos\\_cientificos\\_da\\_ufes\\_assinado.pdf](https://prppg.ufes.br/sites/prppg.ufes.br/files/field/anexo/portaria_normativa_prppg_12.2021_-_criacao_do_comite_gestor_do_portal_de_periodicos_cientificos_da_ufes_assinado.pdf). Acesso em: 20 fev. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Sobre o SIB**. Vitória, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ufes.br/>. Acesso em: 04 ago. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Resumo das atividades desenvolvidas em 2020**: anexo I. Vitória, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Resumo das atividades desenvolvidas em 2021**. Vitória, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Programa de Desenvolvimento de Competências Informacionais em Ambiente Virtual**. Vitória, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ufes.br/pdciav>. Acesso em: 09 ago. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Sobre a Ufes**. Vitória, 2021. Disponível em: <https://www.ufes.br/ufes-em-n%c3%bameros>. Acesso em: 04 ago. 2022.

URIBE TIRADO, Alejandro. Interrelaciones entre veinte definiciones-descripciones del concepto de alfabetización en información: propuesta de macro-definición. **ACIMED**, Havana, v. 20, n. 4, p. 1-22, 2009. Disponível em: [http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1024-94352009001000001](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1024-94352009001000001). Acesso em: 26 dez. 2022.

URIBE TIRADO, Alejandro. 75 lições aprendidas de programas de competência em informação em universidades da ibero-america: 2009-2013. **REBECIN**, v. 1, n. 2, p.4-

18, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.abecin.org.br/revista/index.php/rebecin>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VIANNA, Bárbara leger. **Competência informacional em um contexto de educação aberta**: um portal de conteúdos para o Sistema de Bibliotecas da UFSM – SiB-UFSM. 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias Educacionais em Rede) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/16350?show=full>. Acesso em: 07 jul. 2021.

VIANNA, Bárbara leger; CAREGNATO, Sônia Elisa. Modelos de diagnóstico institucional para implementação de programas de Competência em Informação em bibliotecas universitárias. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.27, n. 2, p. 242-267, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/40007/30709>. Acesso em: 03/10/2022.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional - bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez., 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/NvH6pxqHKCtpWMw6SQR7c8J/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 07/08/2018.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional (2). **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 40, n. 1, p. 99 - 110, jan./abr., 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v40n1/a08v40n1.pdf>. Acesso em: 07/08/2018.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. **Competência em informação**: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação. Editora da UFSC: Florianópolis-SC, 2020. E-book (PDF). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/212553/E-book%20Compet%c3%aancia%20em%20informa%c3%a7%c3%a3o%2031ago20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 jun. 2022.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZURKOWSKI, Paul George. **The information service environment relationships and priorities**: related paper n. 5. Washington D.C.: National Commission on Libraries, 1974. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED100391.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.

## APÊNDICE A - Questionário

O(A) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Ufes, intitulado “*Framework* para programas de competência em informação no ambiente universitário: uma proposta para o Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)”.

O intuito deste questionário é verificar os conhecimentos e as percepções dos bibliotecários em relação aos fundamentos e as práticas da competência em informação. Espera-se como objetivo principal: Elaborar um Framework para a estruturação de um programa de competência em informação no âmbito das bibliotecas universitárias, com base na ACRL (2016) e em Santos (2020). Além de promover o reconhecimento e a valorização dos serviços bibliotecários e estabelecer uma prática permanente de desenvolvimento da competência em informação.

Informamos que sua participação é voluntária, sua identidade será preservada e os dados serão utilizados para fins científicos. Você poderá a qualquer momento desistir de participar, sem que haja prejuízos para sua pessoa.

De acordo com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e a complementar Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, caso haja alguma dúvida sobre a pesquisa ou algum outro motivo decorrente dela, pode entrar em contato: Eliéte Ribeiro Almeida, Rua Orlando Caliman, 565 Jardim Camburi Vitória – ES, pelo telefone (27) 99921-7452 e ou e-mail: eliete.almeida@ufes.br.

Ao responder o questionário e passar para a próxima etapa, você automaticamente concorda voluntariamente com a pesquisa acima descrita e com o uso dos dados mediante as condições éticas de sigilo da identidade individual. O tempo estimado é de 10 minutos.

Mestranda: Eliéte Ribeiro Almeida

Orientadora: Profa. Dra. Marta Leandro da Mata

Universidade Federal do Espírito Santo – PPGCI/Ufes

### Questões

**1 – São características do indivíduo competente em informação, segundo o conceito da American Library Association (1989) “Para ser competente em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando a informação é necessária e ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação necessária”. Marque até duas alternativas corretas, segundo seu entendimento.**

A competência em informação é complexa e de difícil entendimento;

O indivíduo competente em informação sempre avalia a informação encontrada;

O indivíduo competente em informação sabe reconhecer sua necessidade de informação;

- O indivíduo competente em informação mantém a aprendizagem ao longo da vida;
- A competência em informação se denota por meio de habilidades em localizar, avaliar e usar eficientemente a informação.

**2 – Considerando sua ocupação atual no Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes, você desenvolve alguma ação ou atividade relacionada ao desenvolvimento da competência em informação?**

- Sim, oriento os usuários informalmente a realizar pesquisas em bases de dados;
- Não, minhas funções não contemplam a temática;
- Sim, realizo ações/atividades de competência em informação periodicamente,
- Não, ainda não sei do que se trata;
- outro: .....

**3 – Com relação ao ambiente, você considera que deve existir um local específico na biblioteca para o desenvolvimento/aprimoramento da competência em informação? Por quê?**


**4 – Segundo seu entendimento, de quem é a responsabilidade pelo desenvolvimento de ações e/ou programas de competência em informação? Marque as alternativas que você considera corretas.**

- Desenvolver a competência em informação é uma responsabilidade individual do bibliotecário;
- O professor é o responsável pelo desenvolvimento da competência em informação nos alunos, independentemente do apoio da instituição educacional e/ou do bibliotecário;
- A instituição educacional deve direcionar o desenvolvimento da competência em informação, conforme o projeto educacional, com o auxílio dos bibliotecários e participação dos professores;
- O bibliotecário deve direcionar as ações de competência em informação, pois ele é o mais preparado para entender as necessidades dos usuários.

**5 – Segundo seu entendimento, como os indivíduos podem desenvolver a competência em informação? Marque até duas alternativas que você considera corretas.**

A competência em informação pode ser desenvolvida pelos indivíduos aleatoriamente em níveis particulares a cada um;

A competência em informação depende do empenho dos indivíduos em querer se capacitar/aprender aspectos do universo informacional;

A competência em informação deve ser desenvolvida em indivíduos durante o período de formação acadêmica a partir do trabalho colaborativo entre bibliotecários e docentes;

A competência em informação deve ser desenvolvida nos indivíduos por meio de programas estruturados e institucionalizados, aplicados no âmbito da biblioteca universitária.

**6 – Segundo seu entendimento, é possível aferir a competência em informação nos indivíduos?**


**7 – Segundo seu entendimento, são características da pessoa que desenvolveu a competência em informação? Marque as alternativas corretas.**

Reconhece diferentes tipos de autoridade, avalia o conteúdo e as fontes, é responsável na divulgação de informações.

Reconhece os modos de produção e comunicação da informação e os diferentes formatos que a informação é apresentada.

Formula estratégias para pesquisa, define métodos de pesquisa e encontra lacunas de pesquisa.

Reconhece o domínio público e o acesso aberto; e usa essas informações sempre que possível sem precisar citar as fontes.

Avalia as fontes e o conteúdo dos discursos informacionais; e reconhece a autoridade do autor através da citação.

**8 – Marque as alternativas com (C) concordo e (D) discordo.**

O bibliotecário que realiza ações de competência em informação deve ser reconhecido como um educador.

- O bibliotecário para ser educador necessita aprimorar habilidades didático-pedagógicas.
- O bibliotecário que realiza ações de competência em informação tem, naturalmente, habilidades em pesquisa.
- O bibliotecário educador deve aprimorar suas habilidades em lidar com as tecnologias da informação e comunicação.
- O bibliotecário educador deve utilizar várias habilidades combinadas a atitudes e a comportamentos pedagógicos para aprimorar sua própria competência em informação.

**9– No seu entendimento, quais ações desenvolvidas pelo SIB/Ufes, que se relacionam ou correspondem ao desenvolvimento da competência em informação:**

- Treinamento para uso de e-books e bases de dados específicas;
- Tutorial para acesso a rede sem fio do Eduroam;
- Visita guiada e recepção de calouros;
- Educação do usuário;
- Minicursos para uso do Portal de periódicos, planejamento de pesquisa, gerenciador bibliográfico e pesquisa em ambiente virtual.

**10 – Segundo o documento *Framework* (2016) a informação possui dimensões de valor que são manifestadas por meio de vários contextos, tais como: práticas de editoriais, acesso e mercantilização da informação. Portanto, o bibliotecário profissional:**

- Reconhece os vários formatos em que a informação é apresentada;
- Reconhece o valor da informação, o empenho e o tempo investido pelo autor;
- Atribui a devida autoridade as informações originais;
- Reconhece e evita periódicos considerados predadores;
- Utiliza as normas de criação e apresentação de informações nos seus documentos.

## APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Entrevista

**Título da Pesquisa:** *Framework* para programas de competência em informação no ambiente universitário: uma proposta para o Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

**Mestranda:** Eliéte Ribeiro Almeida

**Orientadora:** Dra. Marta Leandro da Mata

**Instituição:** Universidade Federal do Espírito Santo – PPGCI/Ufes

O(A) Senhor(a) é convidado(a) a participar da pesquisa acima mencionada, a ser realizada na Bibliotecas Central da Ufes.

O objetivo dessa entrevista é mapear as ações e serviços oferecidos pela Biblioteca Central que se relacionam com os pressupostos da competência em informação. Espera-se como objetivo principal: Elaborar um *Framework* para a estruturação de um programa de competência em informação no âmbito das bibliotecas universitárias, com base na ACRL (2016) e em Santos (2020). Além de promover o reconhecimento e a valorização dos serviços bibliotecários e estabelecer uma prática permanente de desenvolvimento da competência em informação nessa instituição.

Sua participação é muito importante e se dará da seguinte forma: participar de uma entrevista que será gravada em áudio, a fim de, que os dados possam ser devidamente analisados, sendo que, oportunamente **o registro do áudio será destruído após a sua transcrição.**

Informamos que sua participação é voluntária e sua identidade será preservada, mesmo após a publicação e os dados serão utilizados para fins científicos. Sendo que, o(a) senhor(a) não é obrigado a participar da pesquisa e pode a qualquer tempo desistir de sua participação, sem que haja prejuízos para sua pessoa.

De acordo com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e a complementar Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, a pesquisadora tem o compromisso de evitar desconfortos, em caso de dúvida sobre a pesquisa ou por algum outro motivo decorrente dela, pode contatar a pesquisadora que estará à disposição por e-mail e telefone, conforme segue: **Eliéte Ribeiro Almeida**, Rua Orlando Caliman, 565 Jardim Camburi Vitória - ES. telefone (27) 99921-7452 e pelo e-mail eliete.almeida@ufes.br.

Declaro estar ciente e fui devidamente esclarecido(a) quanto aos procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa acima descrita.

Nome do participante:..... Assinatura:.....

Setor de atuação:..... Data:.....

## APÊNDICE C - Roteiro para a Entrevista

**Participantes da pesquisa:** equipe de bibliotecários que atua diretamente nas ações de competência em informação, oferecidas pelo Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal do Espírito Santo (SIB/Ufes).

**Objetivo:** Mapear as ações e os serviços oferecidos pela Biblioteca Central que se relacionam com os pressupostos da competência em informação.

Agradeço a(o) senhor(a) por ter aceitado participar dessa pesquisa, que tem por objetivo principal: Elaborar um *Framework* para a estruturação de um programa de competência em informação no âmbito das bibliotecas universitárias, com base na ACRL (2016) e em Santos (2020).

Dessa forma, peço autorização para gravar o áudio dessa entrevista, sendo que o(a) senhor(a) não será identificado e o registro em áudio será destruído após a sua transcrição, conforme mencionado no Termo de consentimento livre e esclarecido, previamente assinado.

- 1) Quando foi idealizado e como começaram as ações de ColInfo do PDCIAV?
- 2) Quantos bibliotecários executam as ações do PDCIAV? É suficiente, são necessárias mais profissionais?
- 3) Como são planejadas e desenvolvidas as ações de competência em informação pelo SIB/Ufes e/ou pela sua biblioteca?
- 4) Com relação a entraves, você encontrou muita dificuldade no planejamento e desenvolvimento das ações?
- 5) Como são avaliadas essas ações de ColInfo do PDCIAV? Existe uma avaliação das ações e da aprendizagem dos estudantes?
- 6) Considerando sua avaliação pessoal, quais habilidades técnicas (ligadas ao seu fazer profissional) são necessárias para realizar as ações de competência em informação?
- 7) Vocês realizam parcerias com outros profissionais?
- 8) Você acredita que são necessárias habilidades didáticas para ministrar ações de competência em informação?
- 9) Você gostaria de acrescentar mais alguma habilidade e/ou perfil necessário para o bibliotecário que pretende realizar ações de competência em informação?

## APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Observação Participante

Mestranda: Eliéte Ribeiro Almeida

Orientadora: Dra. Marta Leandro da Mata

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo – PPGCI/Ufes

**Título da Pesquisa:** *Framework* para programas de competência em informação no ambiente universitário: uma proposta para o Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

**Objetivo da Observação participante:** d) Averiguar os conteúdos referentes à competência em informação oferecidos nos cursos da Biblioteca Central, em consonância com no *Framework* da ACRL (2016) e as dimensões de Vitorino e Piantola (2011).

**Participantes da pesquisa:** equipe de bibliotecários que atua diretamente nas ações de competência em informação, oferecidas pelo Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal do Espírito Santo (SIB/Ufes). Ambiente da observação será durante a aplicação das ações de competência em informação.

O(A) Senhor(a) é convidado(a) a participar da pesquisa acima mencionada, a ser realizada no Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes. Espera-se como objetivo principal: Elaborar um *Framework* para a estruturação de um programa de competência em informação no âmbito das bibliotecas universitárias, com base na ACRL (2016) e em Santos (2020). Além de promover o reconhecimento e a valorização dos serviços bibliotecários e estabelecer uma prática permanente de desenvolvimento da competência em informação.

A observação participante se dará da seguinte forma: a pesquisadora poderá observar a organização, planejamento e execução das ações de competência em informação realizadas pela equipe do PDCIAV.

Informamos que sua participação é voluntária, sua identidade será preservada e os dados serão utilizados para fins científicos. Sendo que, o(a) senhor(a) não é obrigado a participar da pesquisa e pode a qualquer tempo desistir de sua participação, sem que haja prejuízos para sua pessoa.

De acordo com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e a complementar Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, a pesquisadora tem o compromisso de evitar desconfortos e em caso de dúvida sobre a pesquisa ou por algum outro motivo decorrente dela, pode contatar a pesquisadora que estará à disposição por e-mail e telefone, conforme segue: Eliéte Ribeiro Almeida, Rua Orlando Caliman, 565 Jardim Camburi Vitória – ES, telefone (27) 99921-7452 e pelo e-mail eliete.almeida@ufes.br.

Declaro estar ciente e fui devidamente esclarecido(a) quanto aos procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa acima descrita.

Nome do participante:..... Assinatura:.....

Setor de atuação:..... Data:.....

## APÊNDICE E – Checklist

\_\_\_\_\_ Aborda como reconhecer e citar os diferentes tipos de autoridade: (pessoal, entidades coletivas, nomes geográficos, termos tópicos)

\_\_\_\_\_ Apresenta indicadores de autoridade para determinar a credibilidade das fontes;

\_\_\_\_\_ Menciona como avaliar o conteúdo e as fontes: política editorial, revisão por pares, uso de boas referências, quem produziu a informação;

\_\_\_\_\_ Menciona a responsabilidade na divulgação de informação: fake news, plágio;

\_\_\_\_\_ menciona o uso de métricas para mensurar a produção científica: fator de impacto, índice H, análise de citação;

\_\_\_\_\_ Apresenta os modos de produção e comunicação da informação;

\_\_\_\_\_ Apresenta os diferentes formatos que a informação é apresentada: formato físico e digital;

\_\_\_\_\_ Menciona tipos de fontes de informação: fontes primárias; secundárias e terciárias.

\_\_\_\_\_ Menciona o respeito à propriedade intelectual, conforme a lei, o bom senso e obras de domínio público e acesso aberto;

\_\_\_\_\_ Menciona as limitações de acesso às informações: questões sociais e políticas.

\_\_\_\_\_ Ensina a formular estratégias de busca de informação: uso de operadores *booleanos* e símbolos;

\_\_\_\_\_ Menciona os métodos e técnicas de pesquisa; formulação de questões para pesquisa, delimitação do objetivo da pesquisa, síntese e organização das informações;

\_\_\_\_\_ Apresenta uso das bases de dados, Google Acadêmico etc.;